

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

EDER CARLOS WEHRHOLDT

FOTOJORNALISMO EM PONTA GROSSA (PR) NA DÉCADA DE 1980 – A
FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA PRODUTIVA NOTICIOSA NO CONTEXTO DO
JORNAL DA MANHÃ

PONTA GROSSA

2025

EDER CARLOS WEHRHOLDT

FOTOJORNALISMO EM PONTA GROSSA (PR) NA DÉCADA DE 1980 – A
FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA PRODUTIVA NOTICIOSA NO CONTEXTO DO
JORNAL DA MANHÃ

Dissertação apresentada à Banca de Defesa do
Curso de Mestrado em Jornalismo do Programa
de Pós-Graduação em Jornalismo da
Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linha
de pesquisa: Processos de produção
jornalística, como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Schoenherr

PONTA GROSSA

2025

W414 Wehrholdt, Eder Carlos
Fotojornalismo em Ponta Grossa (PR) na década de 1980: a fotografia como
prática produtiva noticiosa no contexto do Jornal da Manhã / Eder Carlos
Wehrholdt. Ponta Grossa, 2025.
174 f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos
Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Schoenherr.

1. Fotojornalismo. 2. Fotografia jornalística. 3. Jornal da manhã. 4. Rotinas
jornalísticas. 5. Jornalismo regional. I. Schoenherr, Rafael. II. Universidade
Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. III.T.

CDD: 070.4

EDER CARLOS WEHRHOLDT

FOTOJORNALISMO EM PONTA GROSSA (PR) NA DÉCADA DE 1980 – A
FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA PRODUTIVA NOTICIOSA NO CONTEXTO DO
JORNAL DA MANHÃ

Dissertação apresentada para a obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de
Ponta Grossa. Área de Concentração: Processos de Produção Jornalística.

Ponta Grossa, 16 de abril de 2025.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 RAFAEL SCHOENHERR
Data: 04/06/2025 12:08:43-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Rafael Schoenherr – Orientador
Doutor em Geografia
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Documento assinado digitalmente
 IVAN ELIZEU BOMFIM PEREIRA
Data: 06/06/2025 09:20:33-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Ivan Elizeu Bomfim Pereira
Doutor em Comunicação e Informação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Documento assinado digitalmente
 JAMER GUTERRES DE MELLO
Data: 06/06/2025 10:27:25-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Jamer Guterres de Mello
Doutor em Comunicação
Universidade Anhembi Morumbi

Documento assinado digitalmente
 CINTIA XAVIER
Data: 10/06/2025 14:41:25-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Cíntia Xavier
Doutora em Ciências da Comunicação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – SETOR DE CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, **EDER CARLOS WEHRHOLDT**, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado **“FOTOJORNALISMO EM PONTA GROSSA (PR) NA DÉCADA DE 1980 – A FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA PRODUTIVA NOTICIOSA NO CONTEXTO DO JORNAL DA MANHÃ”**, e atesto que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas e com a devida indicação de fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcritos literalmente), ou somente indicados autor e data (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizado legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 16 de abril de 2025.



Eder Carlos Wehrholdt
R.A. 240400102002

Dedico este trabalho a meus pais, que não mediram esforços para que eu fosse alguém;
à minha esposa, que me aturou e aguentou minha ranzinze em todo tempo;
e à universidade pública, que permitiu que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem Ele nada poderia fazer.

Ao professor doutor Rafael Schoenherr, meu querido orientador, que me acompanhou ao longo de mais tempo que o previsto e não desistiu de me cobrar e incentivar com seus conselhos e conhecimentos.

Aos professores Cíntia Xavier e Felipe Pontes, coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPJor/UEPG), pelo cuidado, cobrança e carinho ao longo da caminhada.

Aos professores do PPJor que não mediram esforços para repartir seus conhecimentos e iluminar os caminhos a serem percorridos pela pesquisa.

À querida Jô, secretária do PPJor, que sempre me acolheu com carinho, com um sorriso, um abraço, um café e uma conversa amável de verdadeira mãe que foi.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa, universidade pública, por propiciar a existência do PPJor e incentivar a pesquisa.

Aos meus pais, Werner e Edite, que sempre me incentivaram e apoiaram.

Aos ex-colegas do Jornal da Manhã que dividiram seu tempo em conversas e reminiscências, ajudando a construir este trabalho.

Aos meus colegas das turmas T34, T35, T36 e T37 da graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, que me incentivaram a não desistir apesar de tudo.

À minha esposa Suzi, que desde o início me incentivou e apoiou.

Ao meu neto Noah Daniel, que com sua alegria e encanto infantis iluminou meus dias mais sombrios e me ajudou a chegar a este momento.

O presente trabalho foi realizado com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

Como era o fotojornalismo em Ponta Grossa, em específico no Jornal da Manhã, na década de 1980? Como ele se fixou como processo de produção jornalística num jornal de interior? Como a fotografia deixou de ser coadjuvante de texto para se tornar aposta editorial do jornalismo local? Estas são apenas algumas indagações que orientam a presente pesquisa. O ponto de partida foi minha participação ativa como integrante da equipe do Jornal da Manhã na década de 1980, o que permite recuperar parte da história como narrador. A ponderação de lembranças pessoais e entrevistas com outros profissionais do período buscar encontrar o tônus da história e compreender como o fotojornalismo se fixou nesta mídia ponta-grossense. Neste sentido, optamos pela narrativa histórica de memória do Jornal da Manhã, levantamento de questões a serem abordadas e uma retrospectiva das mudanças ocorridas no fotojornalismo brasileiro no século XX, do início à década de 1980. A metodologia definida é a qualitativa, com entrevistas imersivas com profissionais, bem como a pesquisa em exemplares preservados junto à Casa da Memória de Ponta Grossa e ao Museu Campos Gerais. Como resultado, aponta-se que o fotojornalismo se fixa como uma rotina de trabalho, no Jornal da Manhã, na década de 1980. Incipiente no início, aos poucos ganhou aspectos mais profissionais. E, apesar das limitações dos equipamentos disponíveis, os fotógrafos conseguiram boas imagens fotojornalísticas.

Palavras-chave: Fotojornalismo; fotografia jornalística; Jornal da Manhã; rotinas jornalísticas; jornalismo regional.

RESUMEN

¿Cómo era el fotoperiodismo en Ponta Grossa, concretamente en el Jornal da Manhã, en la década de 1980? ¿Cómo llega a consolidarse como proceso de producción periodística en un periódico rural? ¿Cómo pasó la fotografía de ser un elemento secundario del texto a convertirse en un foco editorial del periodismo local? Éstas son sólo algunas de las preguntas que guían esta investigación. El punto de partida fue mi participación activa como miembro del equipo del Jornal da Manhã en la década de 1980, lo que me permite recuperar parte de la historia como narrador. La consideración de recuerdos personales y entrevistas con otros profesionales del período busca encontrar el tono de la historia y comprender cómo el fotoperiodismo se afianzó en este medio de comunicación de Ponta Grossa. En este sentido, optamos por la narrativa histórica de la memoria del Jornal da Manhã, un levantamiento de cuestiones a abordar y una retrospectiva de los cambios ocurridos en el fotoperiodismo brasileño en el siglo XX, desde sus inicios hasta la década de 1980. La metodología definida es cualitativa, con entrevistas inmersivas a profesionales, así como investigación sobre ejemplares conservados en la Casa da Memória de Ponta Grossa y en el Museu Campos Gerais. Como resultado, se señala que el fotoperiodismo se convirtió en una rutina de trabajo en el Jornal da Manhã en la década de 1980. Inicialmente incipiente, fue adquiriendo aspectos más profesionales. Y, a pesar de las limitaciones del equipo disponible, los fotógrafos lograron capturar buenas imágenes fotoperiodísticas.

Palabras clave: Fotoperiodismo; fotografía periodística; Jornal da Manhã; rutinas periodísticas; periodismo regional.

ABSTRACT

What was photojournalism like in Ponta Grossa, specifically in Jornal da Manhã, in the 1980s? How did it become established as a journalistic production process in a newspaper from the interior of the state? How did photography stop being a supporting role for text and become an editorial bet for local journalism? These are just some of the questions that guide this research. The starting point was my active participation as a member of the Jornal da Manhã team in the 1980s, which allows me to recover part of the story as a narrator. The consideration of personal memories and interviews with other professionals from the period seeks to find the tone of the story and understand how photojournalism became established in this Ponta Grossa media outlet. In this sense, we opted for the historical narrative of memory of Jornal da Manhã, a survey of issues to be addressed and a retrospective of the changes that occurred in Brazilian photojournalism in the 20th century, from the beginning to the 1980s. The methodology defined is qualitative, with immersive interviews with professionals, as well as research on preserved copies at the Casa da Memória de Ponta Grossa and the Museu Campos Gerais. As a result, it is pointed out that photojournalism became established as a work routine at Jornal da Manhã in the 1980s. Initially incipient, it gradually gained more professional aspects. And, despite the limitations of the equipment available, the photographers managed to obtain good photojournalistic images.

Keywords: Photojournalism; journalistic photography; Jornal da Manhã; journalistic routines; regional journalism.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 01 – Página da primeira edição de O Cruzeiro em 1928.....	29
FOTOGRAFIA 02 – Página do primeiro número da revista Realidade, de 1966.....	31
FOTOGRAFIA 03 – Capa da primeira edição do Jornal <i>Última Hora</i> , em 1951.....	35
FOTOGRAFIA 04 – Foto de Evandro Teixeira, da tomada do Forte de Copacabana.....	38
FOTOGRAFIA 05 – Diretas Já.....	39
FOTOGRAFIA 06 – Sede do jornal <i>A Notícia</i>	47
FOTOGRAFIA 07 – Sede do jornal <i>Diário dos Campos</i> , na década de 1980.....	48
FOTOGRAFIA 08 – Sede do <i>Jornal da Manhã</i> na década de 1980.....	50
FOTOGRAFIA 09 – Parte da equipe do Jornal da Manhã	51
FOTOGRAFIA 10 – <i>Past-up</i> ou montagem	53
FOTOGRAFIA 11 – Neomil Macedo, diagramador do Jornal da Manhã	55
FOTOGRAFIA 12 – Fotógrafo Dário Antunes.....	56
FOTOGRAFIA 13 – Típica foto realizada durante o programa “Primeira Página”	58
FOTOGRAFIAS 14 e 15 – <i>Prints</i> de memórias contidas no grupo “Turma do JM”.....	62
FOTOGRAFIA 16 – ‘Capa sobre o corte de árvores na Praça	68
FOTOGRAFIA 17 – Fotografar TV foi um recurso usado	70
FOTOGRAFIA 18 – Bonecos de políticos da cidade	71
FOTOGRAFIA 19 – Reunião de políticos de Ponta Grossa.....	71
FOTOGRAFIA 20 – Homenagem ao governador eleito.....	72
FOTOGRAFIA 21 – Capa do Jornal da Manhã.....	74
FOTOGRAFIA 22 – Capa do Caderno dos Bairros.....	75
FOTOGRAFIA 23 – Foto feita do interior do buraco.....	76
FOTOGRAFIA 24 – Fotos que capturam o drama vivido pelos pontagrossenses.....	77
FOTOGRAFIA 25 – As fotos da abordagem dos policiais militares.....	78
FOTOGRAFIA 26 – Fotos de equipes participantes de torneios.....	79
FOTOGRAFIA 27 – Foto da seleção da Itália, campeã em 1982.....	80
FOTOGRAFIA 28 – Foto de menores, cobertos por uma tarja	81
FOTOGRAFIA 29 – Página policial	81
FOTOGRAFIA 30 – Página Social diária.....	82
FOTOGRAFIA 31 – A identificação da fotografia.....	83
FOTOGRAFIA 32 – Sede do <i>Jornal da Manhã</i> na Rua Dr. Colares.....	85
FOTOGRAFIA 33 – Sede do <i>Jornal da Manhã</i> na rua Balduino Taques	86
FOTOGRAFIA 34 – Capa da edição de 05 de janeiro de 1980.....	113

FOTOGRAFIA 35 – Página interna da edição de 17 de janeiro de 1980	114
FOTOGRAFIA 36 – Página interna da edição de 23 de janeiro de 1980	115
FOTOGRAFIA 37 – Página interna da edição de 06 de janeiro de 1981	116
FOTOGRAFIA 38 – Capa da edição de 08 de janeiro de 1981	117
FOTOGRAFIA 39 – Capa da edição de 15 de janeiro de 1982	118
FOTOGRAFIA 40 – Página interna da edição de 17 de janeiro de 1982	119
FOTOGRAFIA 41 – Página interna da edição de 20 de janeiro de 1982	120
FOTOGRAFIA 42 – Capa da edição de 11 de janeiro de 1983	121
FOTOGRAFIA 43 – Página interna (coluna social)	122
FOTOGRAFIA 44 – Capa da edição de 03 de janeiro de 1984	123
FOTOGRAFIA 45 – Página interna da edição de 04 de janeiro de 1984	124
FOTOGRAFIA 46 – Capa da edição de 04 de janeiro de 1985	125
FOTOGRAFIA 47 – Capa da edição de 10 de janeiro de 1985	126
FOTOGRAFIA 48 – Página interna da edição de 24 de janeiro de 1985	127
FOTOGRAFIA 49 – Página interna (coluna infantil)	128
FOTOGRAFIA 50 – Capa da edição de 14 de janeiro de 1986	129
FOTOGRAFIA 51 – Página interna da edição de 13 de janeiro de 1987	130
FOTOGRAFIA 52 – Capa da edição de 25 de janeiro de 1987	131
FOTOGRAFIA 53 – Páginas internas da edição de 08 de janeiro de 1988	132
FOTOGRAFIA 54 – Página interna da edição de 13 de janeiro e 1989	133
FOTOGRAFIA 55 – Capa da edição de 28 de janeiro de 1989	134
FOTOGRAFIA 56 – Capa da edição de 10 de janeiro de 1990	135
FOTOGRAFIA 57 – Página interna da edição de 10 de janeiro de 1990	136
FOTOGRAFIA 58 – Página interna da edição de 31 de janeiro de 1990	137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – O QUE ESPERAMOS RESPONDER COM ESTA PESQUISA	22
1.1 O QUE É FOTOJORNALISMO?.....	22
1.2 COMO O FOTOJORNALISMO SE DESENVOLVEU EM PONTA GROSSA?	23
1.3 QUAIS OS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NO PROCESSO?	24
1.4 COMO O FOTOJORNALISMO SE FIXOU COMO ROTINA NAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DO JORNAL DA MANHÃ DA DÉCADA DE 1980	25
CAPÍTULO 2 - O FOTOJORNALISMO NO BRASIL DO SÉCULO XX	26
2.1 REVISTA “O CRUZEIRO”	28
2.2 REVISTA “REALIDADE”	30
2.3 A MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA	32
2.4 JORNAL “ÚLTIMA HORA”, E OUTROS	34
2.5 FOTOJORNALISMO E DITADURA.....	37
2.6 AS DIRETAS JÁ E A REDEMOCRATIZAÇÃO EM FOTOS.....	39
2.7 O PARANÁ NO FOTOJORNALISMO	40
CAPÍTULO 3 - A FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA EM PONTA GROSSA NA DÉCADA DE 1980	43
3.1 COMO FOI O FOTOJORNALISMO EM PONTA GROSSA ATÉ 1970?.....	43
3.2 CARACTERÍSTICAS TECNOLÓGICAS DE IMPRESSÃO	45
3.3 O JORNAL “A NOTÍCIA”.....	46
3.4 O FOTOJORNALISMO NO JORNAL DA MANHÃ E NO DIÁRIO DOS CAMPOS NOS ANOS 1980.....	47
3.5 O JORNAL DA MANHÃ.....	50
3.6 OS JORNALISTAS E FOTOJORNALISTAS.....	55
3.7 AS FOTOGRAFIAS DO JORNAL DA MANHÃ NA DÉCADA DE 1980	60
3.8 O FOTOJORNALISMO NO JORNAL DA MANHÃ	62
3.9 ARQUIVO FOTOGRÁFICO	64
3.10 COOPERANDO COM A POLÍCIA.....	64
3.11 NOVO CICLO	65
3.12 SEM REGISTRO E SEM CRÉDITOS.....	65

CAPÍTULO 4 – A FOTOGRAFIA NO JORNAL DA MANHÃ – UMA VARREDURA NAS EDIÇÕES DIÁRIAS DA DÉCADA DE 1980	67
4.1 CAPAS.....	68
4.2 POLÍTICA	70
4.3 LOCAL/GERAL.....	72
4.4 ESPORTES	78
4.5 POLICIAL	80
4.6 SOCIEDADE.....	82
CAPÍTULO 5 – O FOTOJORNALISMO NO JORNAL DA MANHÃ NA VISÃO DOS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS	84
5.1 O EDITOR CHEFE	85
5.2 O DIAGRAMADOR	90
5.3 OS FOTÓGRAFOS	93
5.4 O FOTÓGRAFO-PESQUISADOR.....	98
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	109
APÊNDICE B – MEMORIAL DESCRITIVO.....	110
APÊNDICE C – PÁGINAS DO JORNAL DA MANHÃ CONTENDO IMAGENS FOTOJORNALÍSTICAS NA DÉCADA DE 1980.....	112
APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O EDITOR CHEFE ADAIL LEMOS INGLÊS	138
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O FOTÓGRAFO ISRAEL KAÉ	152
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM O FOTÓGRAFO MARILSON DE PAULA....	159
APÊNDICE G – ENTREVISTA COM O DIAGRAMADOR NEOMIL MACEDO.....	167

INTRODUÇÃO

Há muito tempo que as imagens fazem parte da produção impressa, e mesmo antes da imprensa. Quando os livros eram manuscritos, recebiam a inserção de iluminuras e imagens que eram feitas por artistas da época e ajudavam a destacar algum aspecto do que estava sendo publicado. Segundo Mauad *et al* (2021), as imagens transcendem no tempo e no espaço e permitem o reconhecimento de aspectos que não receberiam a atenção necessária apenas com o texto escrito.

Quando a fotografia surgiu, no século XIX, logo foram procurados meios de colocá-las também junto a textos impressos, fossem eles livros, revistas ou jornais. Pouco depois do surgimento da fotografia, apareceram publicações cuja especialidade eram as imagens fotográficas. Isso aconteceu também no Brasil. Em pouco tempo vieram as publicações de fotos de eventos sociais, paisagens e outros acontecimentos, que caíram no gosto do público que viam neles uma oportunidade de ver e conhecer fatos do seu interesse ou curiosidade.

Frente esse uso cada vez mais disseminado da imagem fotográfica, a discussão sobre fotojornalismo é difícil, como destaca Sousa (2002, p. 7))

Falar de fotojornalismo não é fácil. Por um lado, é difícil delimitar o campo. Por exemplo, será que todas as fotografias que são publicadas nos jornais e nas revistas são fotojornalismo? Será que um grande trabalho fotodocumental publicado em livro é fotojornalismo? Por outro lado, existem várias perspectivas sobre a história do fotojornalismo. Há autores que relevam determinados fotógrafos, fazendo das suas histórias do fotojornalismo um menu de biografias, mas também há autores que deixam para segundo plano as biografias dos fotógrafos, em benefício das correntes artísticas e ideológicas e dos condicionalismos sociais de cada época.

Também por isso, fotografia não é algo uni-disciplinar, mas precisa ser abordada de forma multidisciplinar, para que seus diferentes aspectos possam ser compreendidos (Kossoy, 2014, p 27). Mas isso só foi entendido recentemente. Até meados dos anos 1980, a fotografia era analisada a partir da técnica empregada e raramente pelo conteúdo. Por isso, Kossoy (2014, p. 28) diz que:

Era necessário buscar outras inspirações e reflexões para uma compreensão aprofundada do papel da imagem fotográfica, seja em relação ao seu objeto, seja como meio de conhecimento. E, nesse sentido, avaliar seu alcance e potencialidades enquanto instrumento de pesquisa, análise e interpretação de vida histórica, sua importância enquanto documento histórico e social, como produto cultural, como objeto de arte, enfim, entre outros de seus múltiplos usos e aplicações.

No entanto, a fotografia e mesmo outros tipos de imagem, inicialmente, não ultrapassaram, nos esforços de pesquisa, papel apenas ilustrativo, como também destaca

Kossoy (2014, p.31):

A imagem, em especial a fotografia, sempre se viu tradicionalmente relegada à condição de “ilustração” dos textos e “apêndice” da história. No entanto, a documentação iconográfica é uma das fontes mais preciosas para o conhecimento do passado; trata-se, porém, de um conhecimento de aparência: as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa de histórias que não se mostram, e que pretendemos desvendar.

A fotografia também traz detalhes que não caberiam na descrição do evento e, justamente por isso, traz informações que complementam ou prolongam o texto. Quando a imagem é de um evento local, no jornalismo de interior, por exemplo, tem ainda mais importância, pois permite que o observador se localize no espaço e perceba elementos ou personagens que ele já conhece e que fazem parte do seu cotidiano, que permeiam outras notícias ou que fazem parte das rodas de conversa em família ou com amigos (Wehrholdt e Bronosky, 2022).

Sousa (2002, p. 5) relata que

O fotojornalismo é uma actividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação.

Apesar de sua importância para a mídia noticiosa, os estudos sobre o tema ainda são poucos. Um levantamento no repositório da CAPES com as palavras chave “fotografia”, “fotojornalismo” e “reportagem fotográfica” retorna menos de cem resultados¹. Boa parte desses estudos analisam o trabalho de um profissional ou mídia específica, ou ainda o aspecto estético e artístico da fotografia. Mas o número de trabalhos sobre fotojornalistas é ainda mais reduzido. E na literatura disponível na Biblioteca Central da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Bicen UEPG), também é possível observar que há mais trabalhos sobre a história e técnicas fotográficas do que sobre a inserção da fotografia como prática jornalística. Por isso é importante o trabalho desenvolvido por Honorato; Schoenherr (2019), que realizaram um levantamento bibliográfico sobre a fotografia jornalística a partir de livros introdutórios sobre jornalismo – sinalizando o que tais manuais concebem como reportagem fotográfica, em

¹ A pesquisa foi realizada no site Portal de Periódicos da CAPES <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez82.periodicos.capes.gov.br/> logando com o CAFE (Comunidade Acadêmica Federada) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) para que fosse possível o acesso a artigos pagos. No campo “O que você procura” foram inseridas as palavras chave citadas e observados os resultados obtidos.

capítulos, subtópicos ou comentários complementares. Tal bibliografia parte da premissa de que o fotojornalismo é, antes de mais nada, jornalismo e de que, portanto, vai exercer tarefas caras a quaisquer modalidades jornalísticas – o que não significa apagar ou desconhecer suas particularidades².

Com o advento das novas tecnologias, a fotografia ganhou aspectos inimagináveis quando de seu surgimento, ou até mesmo há vinte ou trinta anos. Hoje, praticamente todos carregam um celular que é equipado com uma câmera fotográfica de boa qualidade. O mesmo vale para as câmeras digitais que também incluíram recursos impossíveis de obter nas câmeras analógicas. Por exemplo, fotógrafos não estão mais limitados pela quantidade de “poses” disponíveis em um filme fotográfico analógico, mas apenas pela capacidade de armazenamento do dispositivo, o que pode significar vários milhares de imagens. Se, antes, o fotógrafo precisava escolher bem o momento da foto, como referido por Cartier-Bresson (2015), hoje o fotojornalista pode calibrar seu equipamento para tirar várias tomadas por segundo e, depois, escolher aquela que capturou melhor o fato a ser fotografado. Com isso, o fotojornalismo ganhou novo ímpeto e nova configuração. Uma leitura mais determinista de tal fenômeno tem levado empresas a abrirem mão dos profissionais da fotografia nas redações, delegando a captura de imagens a repórteres (Silva Jr., 2014).

Não há como delimitar de modo arbitrário e definitivo as fronteiras do fotojornalismo ou da fotografia jornalística. Da mesma forma, a fotoreportagem ainda é um campo vasto a ser estudado para que possa ser melhor compreendido.

Se há pouco material disponível sobre a inserção da fotografia como rotina diária nos jornais, o que dizer do fotojornalismo em Ponta Grossa (PR)?

Escrever sobre o fotojornalismo em Ponta Grossa (PR) é uma tarefa árdua. Ainda há pouco já escrito sobre o assunto, mas, como vimos isso não é privilégio desta cidade. Neste trabalho, nosso objetivo é narrar uma parte da história das práticas fotojornalísticas como rotina de trabalho na imprensa de Ponta Grossa, tomando por base as transformações ocorridas no Jornal da Manhã na década de 1980 – contexto anterior à digitalização de processos produtivos.

Como metodologia, pretendemos narrar um pouco da história do fotojornalismo no mundo e no Brasil, destacando como se desenvolveu ao longo dos anos e como passou a ocupar papel de destaque na imprensa mundial e nacional. Além disso, auxiliado pelas memórias de minha passagem pelo Jornal da Manhã, pretendo narrar o que o que vi e vivi ao longo da década

² A fotografia jornalística faz parte do “newsmaking”, com todas as características desta teoria, como estudado por autores como Gaye Tuchman e Nilson Lage. Entre elas, podemos citar a seleção dos eventos a serem fotografados, a forma como a imagem será apresentada, sua organização dentro da notícia etc.

de 1980. Essas memórias são avivadas com as entrevistas que fizemos buscando os relatos de outras pessoas que também estiveram envolvidas no processo de inclusão do fotojornalismo como parte das práticas de produção jornalísticas em Ponta Grossa.

A entrevista em profundidade foi uma das metodologias empregadas para conhecer melhor como a fotografia se tornou prática diária na rotina noticiosa do Jornal da Manhã. Duarte [19-- , p. 1] diz que

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Ainda segundo Duarte [19-- , p. 1)], “a entrevista em profundidade não permite testar hipóteses”. Por isso, seguimos um questionário elaborado a partir de temas pré-definidos. Mas não nos ativemos exclusivamente às perguntas formuladas de antemão, uma vez que novos assuntos pertinentes foram surgindo ao longo da conversa e levaram a outros conhecimentos sobre a história da fotografia jornalística na década de 1980 em Ponta Grossa. Por isso, as entrevistas não foram do tipo estruturado (fechado), apenas com as perguntas pré-formuladas, mas semiestruturadas (semiaberta), permitindo que o entrevistado tivesse a liberdade de transitar por caminhos que eram desconhecidos do entrevistador, a partir de um roteiro comum a todos, mas com nuances diferenciadas conforme o cargo ocupado na redação do Jornal da Manhã.

Duarte [19-- , p. 3, 4)] destaca que no modelo semiestruturado (semiaberto),

A lista de questões chave pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras podem ser reunidas em uma só, por exemplo. Por isso, é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro, pouco diferente. [...] Uma vantagem desse modelo é permitir criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização de informações fornecidas por diferentes informantes. O roteiro de questões-chaves serve, então, como base para a descrição e análise de categorias.

A inserção das entrevistas de forma íntegra ao final do trabalho, permite conhecer melhor a história narrada por cada entrevistado e abre portas para novos questionamentos e novas descobertas que não foram percebidas ou incluídas no presente trabalho.

As conversas que foram realizadas com os fotógrafos Marilson de Paula e Israel Kaé, bem como com o diagramador Neomil Macedo e o editor Adail Inglês, permitiram conhecer melhor como era o ambiente de trabalho, os equipamentos disponíveis e a rotina de trabalho. Além disso, essas entrevistas revivem a evolução da fotografia jornalística como prática diária

no Jornal da Manhã. Também traz à tona outros personagens que passaram por esse órgão da imprensa ponta grossense e que estiveram ligados ao fotojornalismo.

A entrevista com os fotógrafos, por exemplo, permitiu saber detalhes da evolução da fotografia jornalística. Antes de ter fotógrafos próprios, o Jornal da Manhã contratava profissionais de lojas de fotografia, em especial os profissionais do Foto Elite, como o fotógrafo Domingos da Silva, mas estes eram mais acostumados a fotografar eventos como batizados e casamentos. Suas fotos, portanto, mostravam uma tomada que seguia o padrão de fotos de eventos sociais. Já os fotógrafos próprios aprenderam a fazer fotos com um olhar mais jornalístico, pois havia a necessidade de que a imagem contasse mais detalhes do fato. Kaé, em sua entrevista, conta detalhes de como foi a transição entre uma loja de fotos e a fotografia jornalística, e como ela tomou conta de sua vida, a ponto de permanecer como fotojornalista até os dias atuais.

Como diagramador, responsável por “desenhar” cada edição do Jornal da Manhã, Neomil Macedo nos conta como a fotografia passou a ganhar destaque nas páginas do matutino. Ele também lembra que, antes dele, o Jornal da Manhã não possuía diagramação e as notícias iam sendo empilhadas ao longo das páginas, o que fazia com que a fotografia fosse apenas um apêndice. Com o planejamento das páginas, a foto ganhou um papel de maior importância, complementando a notícia, trazendo detalhes que a escrita não conseguiu transmitir.

Já a entrevista com o editor Adail Inglês nos traz nuances de como a direção do jornal trabalhou para que a fotografia fosse implementada como prática diária. Isso é possível observar nos relatos a respeito da contratação do primeiro fotógrafo próprio, a aquisição e disponibilidade de equipamentos e a inserção da fotografia como parte das pautas noticiosas a serem cobertas pelos profissionais do Jornal da Manhã.

A decopagem destas entrevistas permitiu traçar uma narrativa da evolução da fotografia no Jornal da Manhã da década de 1980. A história deste avanço, contada pelos profissionais envolvidos, traz detalhes ricos, que permitem saber como era a imprensa da época e como evoluiu ao longo dos dez anos pesquisados neste trabalho.

Além das entrevistas, foram realizadas pesquisas no acervo da Casa da Memória Paraná, como instrumentos de constatação de imagens fotográficas e ilustração das narrativas que compõem o trabalho. Apoiamos esta metodologia nos estudos de Travancas (2014) sobre o trabalho jornalístico.

Foram pesquisadas e analisadas as edições dos meses de janeiro, julho e dezembro dos anos 1980 a 1990. O objetivo desta pesquisa era buscar uma noção de quantas fotografias eram inseridas em cada edição e como elas se distribuíam ao longo das editoriais encontradas (capa,

política, geral/cidades, social, esportes e polícia). Essa pesquisa nos permitiu observar detalhes das fotografias incluídas nas diversas edições analisadas, bem como identificá-las, sempre que possível, aquelas oriundas de assessorias, anexadas a textos enviados ao jornal, por exemplo, da indústria automobilística ou agropecuária. Também foi possível identificar as que foram fruto de “fotorrecortagens” (fotografias recortadas) de revistas ou outros jornais.

A baixa qualidade da impressão do jornal, característica de uma máquina impressora muito antiga e com recursos muito limitados, influenciou diretamente nas fotos publicadas, quando algumas se mostravam apenas como um borrão que impedia a melhor compreensão do que mostravam.

Resumindo, como estratégia metodológica decidimos construir uma narrativa sobre a produção fotográfica do Jornal da Manhã na década de 1980, baseados em entrevistas, análise de entrevistas, visita ao acervo disponível na Casa da Memória Paraná e análise deste acervo visitado. O resultado foi um misto de análise documental e reminiscências próprias.

Partimos do pressuposto de que há muito tempo as imagens fazem parte dos jornais de Ponta Grossa. Há indicações (Pontes, 2006) de que já em 1912³ elas estavam no O Progresso, predecessor do Diário dos Campos. Talvez antes em outras publicações que por aqui existiram, mas que, por inexistirem nos acervos disponíveis, não mais podem ser pesquisadas. O desafio de buscar essa informação nos arquivos existentes foi um dos primeiros a serem vencidos. Depois, vem a tentativa de reconstruir, ao menos parcialmente, a história do fotojornalismo em Ponta Grossa até a década de 1980 quando o processo de impressão em *offset*⁴ se instala nos jornais da cidade. O Jornal da Manhã, por ser o único a atravessar toda a década e com essa modalidade de impressão, é, naturalmente, aquele que mais esteve ligado às práticas de produção fotojornalísticas. Mas outros títulos que por aqui circularam, como Diário dos Campos⁵, A Notícia, Diário de Ponta Grossa e Diário da Manhã, que também circularam no mesmo período, também foram mencionados nesta história.

³ A edição de 16 de junho de 1912 traz, em sua primeira página, uma foto de bois zebus. A observação da foto mostra a dificuldade em identificar o conteúdo retratado, resultado da baixa qualidade dos equipamentos de impressão disponíveis em Ponta Grossa naquele período. Disponível em <http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/files/original/1334b0aec1c196738ceff7c57f2bb24b.pdf> (visitado em 10/set/2022)

⁴ Sistema de impressão indireta, em que a tinta, antes de ir para o papel, passa por um cilindro intermediário. Para o sistema *offset* é necessária a produção de uma chapa sensível que, ao ser revelada como uma espécie de fotografia, deixa os elementos a serem impressos em relevo. Para a impressão em cores é necessária a confecção de uma chapa para cada cor do sistema CMYK (Ciano, Magenta, Yellow e Black). Foi inventado por Ira Washington Rubel e patenteada por Caspar Hermann).

⁵ Diário dos Campos tem mais de um século de existência e permanece em circulação até os dias atuais (2024). Na década de 1980 era feito em chumbo, tipografia.

O objetivo do estudo foi uma pesquisa que culminasse com a construção histórica do fotojornalismo do Jornal da Manhã, na década de 1980. A recuperação deste capítulo abrirá portas para outras pesquisas que poderão elucidar ainda mais os fatos verificados, trazendo novas luzes sobre o jornalismo ponta-grossense, sobretudo quanto ao fotojornalismo como prática de produção noticiosa na imprensa de Ponta Grossa.

Foi imprescindível uma recuperação histórica dos primórdios da imprensa em Ponta Grossa até os anos 1970. Também foi importante abordarmos as características tecnológicas dos jornais existentes na cidade.

Nesse sentido, o jornal “A Notícia”, criado em 1978, merece um destaque, por ser um marco no jornalismo ponta-grossense, tendo inserido novas práticas de produção jornalística. Impresso em Curitiba, nas oficinas do extinto O Estado do Paraná o que lhe conferia uma qualidade gráfica muito superior, foi o primeiro jornal com diagramação e inclusão de fotografias em cores, um elemento que o destacava muito dos demais jornais da cidade. Mas teve uma vida efêmera, desaparecendo em 1983.

Rapidamente veremos o fotojornalismo praticado nos anos 1980 nos dois diários mais antigos da cidade, Diário dos Campos e Jornal da Manhã. A partir deste ponto, a sequência do estudo foca no objeto de estudo, ou seja, o fotojornalismo no Jornal da Manhã. Os profissionais, jornalistas e fotojornalistas que trabalhavam no JM naquele período merecem atenção. Dos fotojornalistas, analisaremos a produção fotográfica, se foi ali que nasceu ou se firmou o fotojornalismo na imprensa de Ponta Grossa.

Um destaque também é a cooperação do Jornal da Manhã com a Polícia instalada no município, fornecendo fotos no período de repressão (ditadura militar, até 1984) e para os álbuns de “reconhecimento” de criminosos, mantidos pela Polícia Civil.

Finalmente, a partir de 1987, com a saída do editor Adail Inglês, que fundou outro jornal, juntamente com boa parte da redação e fotógrafos, o início de um novo ciclo do fotojornalismo do Jornal da Manhã.

Por ter trabalhado no Jornal da Manhã em boa parte da década de 1980, parte dessa narrativa será feita a partir de minhas lembranças, que posteriormente serão confirmadas ou não com o depoimento de profissionais a serem entrevistados. Neste tópico, em específico, a exploração das lembranças será maior, com o objetivo de construir um primeiro relato. A narração em primeira pessoa é um exercício diferente, difícil, mas que ajuda a compreender como tudo aconteceu. Não existe a pretensão em ser o protagonista da história, mas o narrador

de fatos que conheci e vivi.⁶

Por ser um trabalho sobre fotojornalismo, é de se esperar que fotografias ajudem o texto a narrar o que foi descoberto. Por isso, um total de 52 imagens foram inseridas. Elas ajudam a entender aspectos do ambiente de trabalho no Jornal da Manhã. Mas o principal delas é a evolução da fotografia jornalística ao longo da década de 1980. São imagens de diversos fotógrafos (inclusive fotos recortadas de outros jornais ou revistas), nas diversas editorias. Por não serem incluídos créditos nas imagens do Jornal da Manhã, foi impossível determinar a sua autoria. Essa prática era comum numa época em que ainda não havia tantos cuidados com direitos autorais.

Uma vez que o objetivo era reconstruir a história do fotojornalismo em Ponta Grossa, não nos preocupamos em analisar as fotografias em si, o que pode ser um gatilho para outro estudo do período. As fotografias que compõe o trabalho foram escolhidas por mostrarem como eram feitas e também como eram publicadas. Algumas retratam o esforço dos fotógrafos em conseguir uma imagem que transmitisse a informação, numa época em que estes profissionais eram formados no dia-a-dia da redação, sem um curso específico, muitas vezes apenas copiando ideias de outros fotógrafos.

Ao final deste trabalho verificamos que a fotografia jornalística em Ponta Grossa passou por alterações ao longo da década de 1980. Essas alterações aconteceram a partir do momento em que os fotojornalistas tomaram conhecimento de que não eram meros retratistas, mas narradores visuais de uma história que estava acontecendo.

Verificamos também que as entrevistas confirmaram lembranças que tinha e, ao mesmo tempo, trouxeram novos relatos. As novidades vieram das vivências de cada profissional entrevistado, que teve uma experiência única e viu os acontecimentos de um ponto de vista específico. As lembranças reunidas permitiram formar um conjunto de recordações que não é possível a partir de um único indivíduo. Esse conjunto, no entanto, também não é fechado, uma vez que apenas alguns dos profissionais envolvidos foram entrevistados.

Por isso, tencionamos concluir apenas um capítulo de toda a história, um breve relato de fatos e memórias, bem como pinceladas de conhecimentos gerais sobre o fotojornalismo no Brasil e no mundo. O restante ficará para um próximo trabalho sobre o tema, ou para outros amantes do assunto.

⁶ Eder Carlos Wehrholdt, 62 anos, Bacharel em Teologia, Tecnólogo em Gestão Pública, Graduando e Mestrando em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Trabalhei no Jornal da Manhã entre abril de 1982 e setembro de 1987, na Rádio Santana entre agosto de 1985 e setembro de 1987 e no Diário da Manhã, entre março e maio de 1988.

O presente trabalho jamais pretendeu ser exaustivo. Ao contrário, seu objetivo é abrir portas para novas pesquisas, mais abrangentes e elucidativas. Neste, avaliamos alguns aspectos históricos e práticos, mas não exaurimos todo o conhecimento. Se algum saber for obtido e novos trabalhos forem realizados a partir deste, podemos considerar alcançados os objetivos propostos.

CAPÍTULO 1

O QUE ESPERAMOS RESPONDER COM ESTA PESQUISA?

É difícil estabelecer respostas definitivas a perguntas feitas. O que hoje pode representar uma realidade, pode facilmente ser modificado por uma nova pesquisa. Então, podemos perguntar e, a partir destas perguntas, sugerir respostas. Mas estas geram novas perguntas e abrem caminho para novas pesquisas, num processo contínuo.

Em nossa pesquisa, o objeto é o fotojornalismo em Ponta Grossa, mais especificamente no Jornal da Manhã, dos anos 1980. Tentaremos identificar quando e como iniciou, como levantamento histórico. Também buscaremos entender como foi se consolidando como parte fundamental das páginas de jornais. A imprensa de interior, com suas particularidades (Wehrholdt e Bronosky, 2022; Aguiar, 2016; Dorneles, 2008), também é diferente no que tange ao fotojornalismo. E estes aspectos poderão ser percebidos no estudo a ser realizado.

É preciso realizar tal pesquisa porque não há, até o momento, informações sobre como o fotojornalismo se firmou como prática cotidiana nos processos jornalísticos da imprensa de Ponta Grossa. Ao analisar um período e um veículo específico buscamos entender um pouco mais a respeito e descortinar um pouco da história. Temos a convicção de que não responderemos todas as perguntas, mas abriremos portas para novas questões e pesquisas.

1.1 O QUE É FOTOJORNALISMO?

Várias pesquisas se dispõem a discutir o assunto. Um levantamento nos repositórios da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –, com as palavras chaves “fotojornalismo”, “reportagem fotográfica” e “fotografia”, retorna menos de cem trabalhos. Vários destes trabalhos analisam apenas o aspecto artístico da fotografia. Outros analisam a obra de um fotógrafo específico – o que pode ser interessante, se for um fotojornalista. Honorato; Schoenherr (2019) fazem um importante levantamento bibliográfico sobre a fotografia jornalística em obras elementares ou clássicas, sobre o jornalismo brasileiro, abordando temas como o desenvolvimento do fotojornalismo e sua fixação nos processos de produção jornalística.

Em nossa pesquisa pretendemos responder à pergunta sobre o que é o fotojornalismo, não com uma definição definitiva, mas com uma avaliação de como ele se desenvolveu e onde chegou, em Ponta Grossa na década de 1980 e, mais especificamente, nas páginas do Jornal da Manhã.

1.2 COMO O FOTOJORNALISMO SE DESENVOLVEU EM PONTA GROSSA?

Desde o século XIX Ponta Grossa teve jornais impressos. Alguns circularam em poucas edições. Outros tiveram uma vida mais longa. Nesses jornais, a ilustração com imagens diversas – desenhos ou mesmo fotografias – fez parte, ainda que de forma irregular. Mas não era fotojornalismo, no sentido exato da palavra. Eram imagens que, de alguma forma, se relacionavam (ou não) com a matéria publicada e a ilustravam. Com isso a página ficava menos sisuda, chamando mais a atenção do leitor.

A princípio, o uso de imagens na imprensa de Ponta Grossa não era algo rotineiro. O processo de confecção de clichês era demorado e com custo elevado. Isso fazia com que fotos fossem utilizadas de forma esporádica, em ocasiões especiais e, não raro, sem um teor noticioso, tornando-se apenas um adereço na página do jornal.

Assim, nosso objetivo é entender como o jornalismo praticado em Ponta Grossa admitiu o fotojornalismo como parte das rotinas de produção diária e o incluiu como método de produção noticiosa. Um uso mais deveras mais sofisticado do que a prática anterior.

Um levantamento preliminar nos permite entender que, embora o uso de imagens como ilustração, ou em alguns casos como forma de reforço informativo da notícia, já existisse em anos anteriores, foi nos anos 1980 que os fotógrafos passaram a fazer parte do grupo de profissionais contratados pelos jornais. Até esse período, quando necessário, eram acionados estúdios fotográficos ou lojas de fotografias, que enviavam um fotógrafo para registrar o evento a ser noticiado, quase sempre de cunho social ou solene. Nesta fase, também era comum que personalidades – autoridades, políticos ou integrantes da elite da sociedade – fossem fotografados em estúdio e estas fotos fossem transformadas em clichês para uso quando conveniente.

Para a confecção dos clichês eram necessárias viagens a Curitiba, o que implicava em custos e tempo, e, conseqüentemente, uma análise se a publicação da foto valeria tanto esforço. Por outro lado, o jornalista Osni Gomes⁷, em pré entrevista, relata que o Jornal da Manhã foi o primeiro a investir numa clichéria. Isso fez com que o setor de fotografia recebesse investimentos e as páginas do diário ganhassem mais imagens. Ainda assim, o processo era

⁷ **Osni Gomes:** formado em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Tuiuti, na década de 1980 também tinha registro como jornalista provisionado. O início de sua carreira aconteceu na sucursal de Ponta Grossa do jornal O Estado do Paraná. Em 1982 foi para o Jornal da Manhã e implantou a nova maneira de produção jornalística, com organização da redação, padronização de móveis e maquinários e introdução de profissionais de diagramação, o que melhorou muito a apresentação do jornal. Atualmente reside em Curitiba, onde trabalha como jornalista *free lancer*.

custoso e demorado, o que, mais uma vez, levava à indagação de quais fotografias mereciam o investimento.

Buscaremos entender como esse processo se deu, conhecer e registrar essa história.

1.3 QUAIS OS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NO PROCESSO?

Para que obtenhamos entendimento do processo de admissão da fotografia e do consequente fotojornalismo como parte das rotinas de produção do Jornal da Manhã precisamos passar pelos profissionais que estiveram envolvidos. Como testemunha de parte dessa história, convivi com alguns destes profissionais. Outros, anteriores, a mim desconhecidos até o início da pesquisa. Entrevistas com fotógrafos que passaram pela redação do Jornal da Manhã podem ajudar a tirá-los do anonimato.

Por isso, como parte da metodologia empregada, pretendemos entrevistar as pessoas que se envolveram de alguma forma no processo de introdução do fotojornalismo como rotina no Jornal da Manhã e compreender, através deles, como isso aconteceu.

Nossas opções de personagens entrevistados, foram:

Adail Inglês: formado em Letras pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, tinha registro como jornalista provisionado e foi o editor do Jornal da Manhã nas décadas de 1970 até 1987, quando saiu para criar o Diário da Manhã. Como responsável pelas publicações, esteve diretamente envolvido no processo de transição da tipografia para o *offset*. Atualmente Adail mantém uma coluna de comentários políticos em redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook*, além de site próprio.

Marilson de Paula: ingressou no Jornal da Manhã em 1983 como laboratorista. Aprendeu fotografia com o fotógrafo Cleon Costa, na época profissional contratado do Jornal da Manhã. Sem ter passado por estúdios fotográficos, Marilson desenvolveu um olhar mais jornalístico na fotografia. Ficou no JM até 1985, quando ingressou na Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde permanece até hoje, mas atuando no Departamento de Jornalismo desde 2023.

Israel Kaé: Aprendeu fotografia na adolescência, com o fotógrafo Mário Sato. Antes do Jornal da Manhã, trabalhava no Laboratório Multicolor (Carlos Foto). Ingressou no Jornal da Manhã em 1985. Apesar de ser oriundo de estúdio fotográfico, desenvolveu um olhar diferenciado para fotografias jornalísticas. Ficou no Jornal da Manhã até 1987, quando migrou para o Diário da Manhã. Atualmente é fotógrafo da Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

Neomil Macedo: aprendeu o ofício de diagramador no jornal A Notícia. Em 1983 ingressou no Jornal da Manhã, a convite do jornalista Osni Gomes, com a tarefa de implantar a diagramação no matutino. Permaneceu até 1986, quando foi para a Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Permanece na UEPG até os dias atuais, agora lotado na Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais (PROEX). Nesse período também trabalhou no Diário dos Campos e no Diário da Manhã

1.4 COMO O FOTOJORNALISMO SE FIXOU COMO ROTINA NAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DO JORNAL DA MANHÃ DA DÉCADA DE 1980

Conhecidos os primeiros passos do fotojornalismo, e os profissionais que dele participaram em sua fase inicial, é preciso entender como ele se fixou como parte das rotinas diárias do Jornal da Manhã. Como era a elaboração de pautas? O que era fotografado? Como eram feitas as fotos? Quais enquadramentos predominavam? Estas, entre outras, são perguntas a serem respondidas

Para tanto, nosso objetivo é investigar as páginas do Jornal da Manhã da época e entrevistar profissionais envolvidos, buscando entender esse processo. A partir deste levantamento, esperamos que seja possível construir uma visão sobre como a fotografia se inseriu como rotina jornalística no Jornal da Manhã.

A teoria nos ajuda a entender as rotinas jornalísticas. E elas precisam ser somadas à prática. O trabalho se propõe a desvendar um episódio histórico do jornalismo de Ponta Grossa e, por isso, prática e teorias precisam caminhar lado a lado na elucidação.

CAPÍTULO 2

O FOTOJORNALISMO NO BRASIL DO SÉCULO XX

O uso de imagens há muito tempo faz parte da produção impressa jornalística. Antes mesmo da invenção da imprensa, no tempo em que livros eram manuscritos, iluminuras e imagens desenhadas uma a uma destacavam aspectos que os autores julgavam mais importantes para seus leitores. Estas imagens transcendem no tempo e no espaço (Mauad *et al*, 2021) e permitem que sejam reconhecidos aspectos que a simples leitura não permitiria reconhecer.

No século XIX, com o advento da fotografia, buscou-se meios de inseri-las nas publicações impressas, fossem jornais, revistas ou livros. E, em pouco tempo, surgiram edições cuja especialidade eram as imagens. Isso aconteceu também no Brasil. As fotografias ganhavam espaço nas publicações e conquistavam o público que nelas tinha a oportunidade de visualizar acontecimentos de seu interesse ou de sua curiosidade.

Não é de estranhar que governantes também fizessem uso das imagens para que seus feitos e conquistas chegassem ao conhecimento dos governados. Desde que a humanidade percebeu que a junção de fotografia e texto permitiam uma ótima propaganda, governos de todas as vertentes – democráticos e ditatoriais – não se furtaram em fazer uso destes meios. E, à medida em que edições com grande número de fotografias eram realizadas e publicadas, os departamentos de propaganda e as assessorias governamentais não se furtaram em também enviar material, na esperança de que algo fosse publicado.

Além disso, em governos ditatoriais, não era incomum impor a publicação dos materiais que produziam. Outra estratégia é o uso da censura sobre o que podia ou não ser publicado o que, na prática, significava escolher apenas o material que era favorável ao governo. No Brasil da Era Vargas, por exemplo, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) usou com maestria o recurso. Mais tarde, com o golpe de 1964, a ditadura cívico-militar que foi instaurada no Brasil, fez o mesmo com o amplo uso de censores nos principais veículos de comunicação brasileiros. Mas é preciso deixar claro que, em várias ocasiões, o uso da imprensa pelos governos ocorreu com a livre participação de empresários do setor de comunicações. Ou seja, enquanto alguns veículos eram obrigados a publicar apenas o que as autoridades determinavam, outros o faziam por livre escolha.

Apesar da incursão de governos autoritários, O Brasil teve grande número de publicações em que a grande quantidade de imagens era a tônica. Isso aconteceu porque o país se alinhou “à lógica de modernização internacional capitalista: o fim do trabalho escravo, o processo de imigração em grande escala e a entrada de empresas estrangeiras para a

modernização urbana” (Mauad, 2021, p. 226).

Desde 1808 com o Correio Braziliense (editado em Londres por Hipólito José da Costa), o Brasil possuía imprensa. Antes disso, ocorreram tentativas de implementar tipografias. Em 1706 um negociante português tentou imprimir orações devotas e outros artigos, mas foi impedido pelas autoridades portuguesas. Já em 1746, Antonio Isidoro da Fonseca, um impressor oriundo de Lisboa, montou uma gráfica no Rio de Janeiro, com o objetivo de publicar alguns livretos, folhetos e poesias (Rizzini, 1988). Também ele foi impedido e deportado, além de ter todo o seu material apreendido. O documento proibindo o funcionamento dizia:

(Não é) conveniente haver aí tipografias, nem mesmo utilidade para os impressores, por serem maiores as despesas que no Reino, de onde podiam vir impressos os livros e papéis, no mesmo tempo em que deviam ir as licenças da Inquisição e do Conselho Ultramarino, sem as quais não se podia imprimir nem correr obras (Sodré, 1966, p. 21)

Os motivos para a proibição da existência de tipografias e imprensa no Brasil, no entanto, eram outros, que não econômicos.

[...] não era mesmo conveniente a Portugal a instalação de tipografias na colônia, mas os motivos, bem sabemos, nada tinham a ver com as despesas. Certamente não era interessante que a colônia passasse a produzir seus próprios textos e jornais, pois mantê-la no obscurantismo era o caminho mais fácil e seguro para trazer sob seu jugo e seguir explorando por muito tempo ainda aquela que era a sua “galinha dos ovos de ouro” (Souza, 2020, p. 312)

Em 1808, com a vinda da Família Real e a edição da Carta Régia, a proibição de impressões na colônia foi levantada e, aos poucos, foram surgindo periódicos em vários pontos do território Brasileiro. Mas as publicações mais ilustradas só ganharam fôlego no início do século XX. É preciso levar em conta que o Brasil ainda era um país de analfabetos e que apenas uma parcela da população tinha recursos para comprar revistas ou jornais. Assim, estas primeiras publicações eram destinadas à essa pequena elite brasileira que se via e se espelhava no conteúdo apresentado. Isso, como explica Mauad, permitiu a fixação de costumes que, de certa forma, perduram até hoje.

Consumidas por quem era o seu conteúdo principal, tais revistas, auxiliaram também a coesão interna do grupo em ascensão social. Com efeito, veiculavam comportamentos tidos como necessários para se tornar um bom cidadão, atuando como modelo a ser copiado e como exemplo a ser seguido. Neste sentido, foram importante instrumento, deste grupo social, no empenho de naturalizar suas representações por meio da imposição de uma determinada forma de ver e reproduzir o mundo em detrimento de todas as outras possíveis. (Mauad, 2021, p. 227)

O uso de fotografias ajudou na assimilação dos conteúdos. Num rápido passeio pela história, percebemos que tais inserções iniciaram com a *Revista da Semana*, em 1900, que foi o único periódico ilustrado até 1928, quando começa a ser publicada a revista *O Cruzeiro*.

Neste período inicial do século XX, outros periódicos, como *O Malho*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana* e *Ilustração Brasileira*, também traziam imagens como parte das matérias publicadas. No entanto, havia pouca conexão entre texto e imagem, muitas vezes essa relação não passando do conteúdo descritivo das legendas.

Outro aspecto importante do período é o surgimento e difusão das câmeras portáteis, que permitiam maior movimentação do fotógrafo. Isso levou à captura de imagens em diversos locais e situações. Tais fotografias muitas vezes eram publicadas sob títulos como “Flagrantes”, dando a ideia de que o fotógrafo caminha pela cidade captura imagens do cotidiano e que pode ser do interesse do público (Mauad, 2021). Isso resulta em imagens de pessoas caminhando pela rua ou sentadas num banco de praça lendo jornal. Tais fotografias quase sempre são apenas inseridas em algum ponto das páginas e publicadas sem autoria ou legenda, como algo pitoresco ou só para mostrar um momento aleatório da cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil à época e centro dos principais acontecimentos sociais brasileiros.

A inclusão destas fotos também permitiu aos leitores identificar os fatos noticiados, entendendo melhor o evento e podendo, assim, promover um melhor juízo sobre o acontecido. Além disso, ao serem expostas nas bancas ou lidas por alguém vizinho num café, as fotografias geravam curiosidade e incitavam outros a também ler a publicação.

2.1 REVISTA “O CRUZEIRO”

A revista *O Cruzeiro* foi um marco na história da imprensa brasileira pelo considerável aumento no uso de fotografias em suas páginas. As reportagens eram ilustradas com imagens dos fatos, o que dava ao público uma maior compreensão do que era escrito. Sua publicação marca o início de um segundo ciclo no fotojornalismo brasileiro, ciclo este que irá se prolongar até os anos 1960, quando então são inseridas outras modificações, como a publicação de revistas recheadas com fotografias coloridas. Além disso, as publicações agora se voltavam à notícia e as fotografias passaram a retratar os fatos e não apenas personagens.

Essa nova etapa das publicações ilustradas diferencia-se da anterior, tanto pela introdução de novas técnicas de impressão, como a rotogravura, quanto por uma redefinição do perfil do mercado editorial, ávidos por informações atualizadas. Tais fatores foram definitivos para a mudança no padrão estético e informativo das revistas ilustradas. Enquanto o primeiro momento foi fortemente marcado pela presença de

textos ficcionais, crônicas e por fotografias pequenas e independentes do texto escrito, o segundo enfatiza a notícia, a interpretação dos fatos nacionais e internacionais e as fotografias, em grande formato, associadas a estas publicações. (Mauad, 2021, p. 231)

A história nos conta que a revista *O Cruzeiro* foi lançada em novembro de 1928, iniciando com uma tiragem de 50.000 exemplares. Por trás da revista estava o grupo Diários Associados, capitaneado pelo empresário Assis Chateaubriand (1892-1968). O grupo também era responsável pela publicação de *O Jornal* no Rio de Janeiro e o *Diário da Noite*, de São Paulo. Ao lançar a revista *O Cruzeiro*, o grupo defendeu que os jornais noticiassem e julgassem os casos cotidianos, enquanto que a revista semanal se dedicaria a “depurar os casos da vida para que o leitor se educasse de forma correta” (Mauad, 2021, p. 232). A revista *O Cruzeiro* tem todos os seus números digitalizados e está disponível no site da Biblioteca Nacional: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=1>.

FOTOGRAFIA 01 – Página da primeira edição de O Cruzeiro, 1928.



Fonte: Arquivo digital da Biblioteca Nacional

O objetivo proposto deveria ser alcançado com o uso massivo de imagens que não deixariam dúvidas de que realmente o evento foi como o texto descrevia, levando o leitor a confiar naquilo que seus olhos viam. Para reforçar esse propósito, o grupo *Diários Associados* investiu em melhores equipamentos e, aos poucos, incluiu cores em suas publicações e, mais

tarde, passou a imprimir suas páginas de forma colorida.

Além disso, a partir de 1940, a revista passou a incorporar padrões de qualidade de publicações internacionais. O modelo a ser utilizado era o de publicações afamadas como *Life*, *Look* e *Paris Match*. Isso levou a revista a uma tiragem de 120.000 exemplares semanais e distribuição nacional. A revista *O Cruzeiro* foi a primeira a incluir créditos em suas fotografias, valorizando o trabalho dos profissionais responsáveis pelas imagens. Para tanto, criou um departamento de fotografia que contou com nomes como Jean Manzon, Edgar Medina, Salomão Sciclar, Lutero Ávila, Flávio Damm Peter Scheir, José Medeiros e outros. Com estes profissionais surge a linguagem fotográfica ou o fotojornalismo.

Uma nova linguagem imbuída de um caráter fundamentalmente didático e de um controle estreito da correlação texto/imagem por parte da equipe editorial. O fato é literalmente construído, seguindo esta nova tendência, as fotografias deixaram de ser simplesmente dispostas nas páginas das revistas, para serem, com diferentes tamanhos e formas, deliberadamente arranjadas rompendo com o esquema ilustrativo tradicional (Mauad, 2021, 233)

Isso implica que *O Cruzeiro* reformula a maneira como as publicações ilustradas faziam uso das fotografias. Também obriga outras publicações a buscarem novas formas e objetivos ao incluir imagens em suas páginas, deixando de ser meras ilustrações soltas em meio ao texto para serem complementos deste ou, em outras ocasiões, até mesmo o motivo para a existência de um texto.

2.2 REVISTA “REALIDADE”

Após *O Cruzeiro*, surgem outras publicações com grandes inserções de imagens. Entre elas a revista *Realidade*, que circulou por dez anos, entre abril de 1966 e março de 1976, sob a responsabilidade da Editora Abril. Apesar de ter uma vida curta, *Realidade* foi um marco entre os semanários brasileiros, tornando-se num dos periódicos de maior sucesso editorial. Sua tiragem inicial foi de 250 mil exemplares, e em pouco tempo alcançou a marca de 450 mil exemplares (Ramari, 2018). A revista *Realidade* também está disponível de forma digital na Biblioteca Nacional, <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659>.

Diferente de *O Cruzeiro*, que em seu primeiro número trouxe um editorial informando seus principais objetivos como nova publicação semanal, *Realidade* não teve este cuidado. Mas a observação do conteúdo da revista demonstra que houve preocupação em produzir reportagens em que se privilegiava o conteúdo, com textos autorais preservando o estilo de cada redator. Mauad (2021) destaca que *Realidade* investe no fotojornalismo documental, voltado

ao registro dos temas mais importantes do período.

FOTOGRAFIA 02 — Página do primeiro número da revista Realidade, de 1966.

TRICAMPEÃO comemorativo

COMEÇA A GUERRA DOS VINTE DIAS

Tudo começou em Liverpool. Depois da temporada na Suíça — a doce concentração de Atsidaberg — Liverpool pôde não ser o ideal, mas foi uma semana boa para os 44 homens da delegação brasileira. Ponto importante do norte da Inglaterra, com 750 mil habitantes, Liverpool tinha um dos melhores estádios reservados para a Copa: o Goodison Park, com capacidade para 66 mil espectadores.

Muito do que isso, porém, Liverpool era para os brasileiros uma cidade agradável pelo seu charme e em grande evidência depois que muitos os Brasileiros. Aqui os brasileiros podiam ver o difícil, quase impossível, lado liberal dos britânicos. Os magistrados fecharam os olhos para as transgressões às leis tradicionais, transgressões inadmissíveis em outras épocas, e os brasileiros, surtos em jermifex, não tinham nenhuma dificuldade para tomar um uísque depois das 11 da noite, hora em que cessava a venda de bebidas em todo o Inglaterra, rotineiramente.

O espírito tricampeão dos jogadores do Brasil contagiava a delegação, pois eram sempre horas do melhor bom-humor às horas de vida à concentração. Os jogadores ouviam com inveja, mas curiosos, a história daquele repórter sênior que teve um encontro marcado à sua revista com um *daunagelet*. Era tão fácil, o telefone da *Liverwood Post Elm* andava de mão em mão e atendia em qualquer idioma — até em português! Depois, todo mundo ficou rodando o bar e o encontro ficou marcado, tendo à sã, enquanto o mudo do repórter, com seu inglês da praça Mauá, demonstrava a nobreza do desportista profissional da *gêl*.

Por muito tempo, esse foi o grato preferido dos rapazes da imprensa brasileira. Pelo menos até à noite daquilo que muitos chamavam de "o primeiro combate da Guerra dos 20".

No começo foi a Bulgária

Com o espírito descontraído, às 7 h 30 da noite do dia 12 de julho (15 h 30, hora do Brasil), pôs-se a grande lida do Goodison Park para a estreia contra a Bulgária. Mesmo o cansaço de viajar o bico nacional em posição de sentido, e a vista da bandeira brasileira, não impediram naquele estado de espírito com que os jogadores tinham entrado no campo, de se divertir e todos fazendo o sinal de cruz. E sua tranquilidade valeu, pois a Bulgária é que abriu a contagem. Foi aos 20 minutos de jogo: uma falta no bico da área brasileira, no setor de Carlos Alberto; Jekov bateu sem violência, a bola fez uma curva ao lado da barreira; Gilmar se espichou o quanto pôde, mas não deu. Ela entrou no cantinho, quase raspando o pau de neve.

O 1 a 0 abalou a torcida de quase 500 brasileiros em Liverpool e levou ainda os 40 milões que estavam lá longe, ovacionando no rádio. Mas, antes que o primeiro tempo terminasse, Gerson se esqueceu todo mundo. Aos 40 minutos, fazidinho enganou dois búlgaros de uma vez e levantou a bola para a área; baldou mais que o goleiro e entrou a cabeça. Bola na trave, Gerson pegou o rebote: gol.

O primeiro tempo chegou ao fim com aquele placar não muito animador: 1 a 1.

No segundo tempo, as coisas ficaram mais fáceis. Logo acertou o passe no meio do campo e o Brasil passou a dominar a partida. Aos 5 minutos, veio o segundo gol. Desta vez Pelé vibrou como não fazia há muito tempo, esmurando o ar numa pirueta, pois tudo saiu como ele queria: recebeu a bola na linha média, levou seu marcador na corrida, na entrada da área driblou o bloqueio que fazia a cobertura o quando o goleiro saiu para visar a seus pés, cutucou levemente a bola que foi morrer mansa na barra da rede. O terceiro gol foi de pelé! — Pelé de novo, sem a parafusinha, aos 28 minutos: 3 a 1, primeira vitória do Brasil que Feola e os dirigentes prefecitos não festejaram com muito entusiasmo. Daí a 3 dias iam enfrentar uma seleção bem mais forte, a da Hungria. E o estado psicológico dos jogadores, ótimo aquela altura, devia permanecer inalterado.

Uma coisa que levou tranquilidade à seleção foi a vitória da Inglaterra sobre o Uruguai por 2 a 1, na véspera, em London, na inauguração da Copa. O Uruguai era um dos 3 times — junto com Brasil e Itália — que podiam levar a Jules Rimet definitivamente. E para os brasileiros não seria interessante ver o Uruguai crescendo na Copa.

No dia seguinte ao da vitória do Brasil, Manchester, perto de Liverpool, assistia à vitória de Portugal diante da Hungria por 2 a 1. Portugal começava bem. Depois de 6 tentativas para classificar-se, conseguiu sua participação este ano, exibindo no primeiro jogo um futebol rápido e perigoso.

Hungria, a segunda vitória

A Hungria não tinha o grande futebol que mostrou em 1954, mas seu time atual tremava desde 1962, assim que acabou a Copa do



Liverpool, 12 de julho. Primeiro gol do Brasil, Gerson aos 40 minutos de jogo.



Liverpool, dia 15. Brasil 3, Hungria 0.

FONTE: arquivo digital da Biblioteca Nacional)

Uma comparação simples dos primeiros exemplares de *O Cruzeiro* e *Realidade* disponibilizados pela Biblioteca Nacional, mostra grandes diferenças. Porém, é possível que estas diferenças sejam resultado da tecnologia de digitalização empregada em cada caso. Ainda assim, observa-se, por exemplo, que *O Cruzeiro* prima pela qualidade de impressão, com fotos nítidas em todas as páginas. Já as imagens de *Realidade* são de baixa qualidade gráfica, dificultando a identificação dos personagens ou eventos nelas contidos.

Mesmo assim, é possível verificar como as imagens conversam com o texto e o texto conversa com as imagens, complementando-se na transmissão do conteúdo. Percebe-se que há a preocupação de que a(s) imagem(ns) contida(s) em cada página tenham ligação direta com o texto da mesma página.

2.3 A MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA

Durante os anos centrais do século XX, o Brasil viveu um período de modernização. Aqui se instalaram indústrias de diversos tipos, inclusive a automobilística. As cidades ganharam ares de modernidade e isso atraiu o homem do campo que começou a migrar em busca de oportunidades e realização de sonhos que julgava impossíveis no meio rural. A imprensa não ficou imune a estes ventos de mudança (Louzada, 2008).

A cidade do Rio de Janeiro, por ser a Capital Federal e senão a, uma das, duas maiores cidades brasileiras, era o centro dos acontecimentos nacionais. São Paulo já despontava em vários aspectos, mas a cidade do Rio de Janeiro era o centro da sociedade. Enquanto São Paulo se desenvolvia industrialmente, Rio de Janeiro se consolidava como polo político e social brasileiro. Isso se refletiu também na indústria da comunicação. É do Rio de Janeiro, o então Distrito Federal, que a cultura se irradia para o restante do país. O mesmo acontece com a moda e os costumes que faziam a cabeça dos brasileiros. Como um dos principais polos receptivos de migrantes, o Rio de Janeiro também sincretizava palavras, usos e costumes de todos os cantos do país, o que lhe conferia uma imagem sintética do Brasil.

Pode-se dizer que na década de 1930 a imprensa brasileira conseguiu ter uma estrutura industrial. Ela já vinha se consolidando desde o início do século XX, mas nessa década assume um protagonismo que antes não tinha. Isso coincide com o processo de urbanização do Brasil, bem como com um período político popularesco que incentivava a ida das massas populares às ruas.

Aos eventos político-sociais somam-se os econômicos. O Brasil tem neste período um crescimento industrial, especialmente de bens de consumo, o que gerou anúncios publicitários que se somaram aos classificados que já ocupavam as páginas das publicações, inclusive das revistas, sob nome de “pequenos anúncios”. Isso contribuiu para que ocorresse, de forma acelerada, o desenvolvimento econômico das empresas jornalísticas e, consequentemente, sua independência como empresas (Dias, 2009). As transformações que ocorriam em todo o Brasil, seja no campo social, industrial ou econômico, eram refletidas, diretamente, na imprensa que também passou a se modernizar com o objetivo de alcançar as novas levas de leitores que migravam para os centros urbanos e que conseguiam melhores resultados financeiros trabalhando nas fábricas que se instalavam no país (Louzada, 2013).

Já o processo de modernização da imprensa acontece de forma mais acentuada e direta nos anos 1950. As primeiras mudanças já podem ser percebidas alguns anos antes, quando o *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro, adota “técnicas norte-americanas de redação e inovações da

linguagem literária encetadas pelo movimento modernista” (Louzada, sd, p. 01). A modernização da imprensa brasileira acontece no rastro de movimento semelhante observado no setor, em países da Europa e da América do Norte.

Neste processo de modernização, a fotografia também concorre, passando a agregar informações além do texto, e, com isso, começa a se consolidar o que se convencionou chamar fotojornalismo, um processo de amadurecimento que principiou no início do século XX e foi se consolidando ao longo dos anos.

A modernização da imprensa brasileira implica não apenas numa nova forma de apresentar fatos através da linguagem ou imagens, mas também na modernização do parque gráfico. Assim, as empresas jornalísticas investem em novos equipamentos, como máquinas linotipo (impressão tipográfica a chumbo) em substituição às antigas composições tipográficas manuais; impressoras mais rápidas e com melhor qualidade; máquinas fotográficas portáteis e de manuseio mais fácil que as antigas; novos equipamentos e métodos para a confecção de clichês que permitiam a impressão em cores, entre outros.

As primeiras mudanças foram percebidas já na década de 1940, na revista *O Cruzeiro*. Pode-se dizer que nas décadas de 1940 e 1950, o fotojornalismo adquire uma espécie de maturidade em *O Cruzeiro* (Louzada, 2008). É neste período que as fotorreportagens chegam ao seu auge, ocupando seis ou mais páginas, com fotos de página inteira abrindo a matéria seguida de outras que complementam as informações. Esse modelo conquista o leitor e se torna um paradigma para a imprensa brasileira.

O fotojornalismo passa a ser uma constante nas diversas publicações, diárias ou com outras periodicidades. Ele foi fundamental para a renovação e sucesso das mídias da época. Mas isso não significou o mesmo retorno aos profissionais, que, apesar de serem peça importante na engrenagem editorial, continuaram em segundo plano.

O lugar de destaque que a fotografia ganhou não agregou automaticamente capital simbólico ao fotógrafo e à construção mítica da figura do repórter fotográfico, assim como de uma época de ouro do fotojornalismo, obedeceu a temporalidades particulares, embora nunca dissociadas (Louzada, 2013, p. 1)

O processo de modernização da imprensa brasileira nos anos centrais do século XX também se reflete na modernização de equipamentos fotográficos. As câmeras se tornam mais portáteis e compactas. O mesmo acontece com os *flashes*, que em novas versões são de manuseio mais fácil e de rápido recarregamento, permitindo tomadas quase em sequência. Isso também auxiliou no impulso do fotojornalismo como uma nova vertente para as publicações da época.

A projeção do fotojornalismo como protagonista na imprensa brasileira da época chamou a atenção de empresas que passaram a patrocinar concursos na área, como nos informa Ferreira [19--], [...] “foi justamente em 1960 que o Prêmio Esso notou o potencial da foto enquanto informação jornalística e, no ano seguinte, a instituiu como categoria específica de premiação. Assim começou a relação entre o *Esso* e a imagem fotográfica” (p. 1)

O processo de modernização da imprensa nos anos 1950 permitiu que ela se consolidasse como fonte de informação. A população passou a dar ainda mais credibilidade, mesmo sabendo que, muitas vezes, os meios de comunicação serviam a interesses que não eram exatamente os populares. A consolidação da imprensa se dá em conjunto com o capitalismo que se instala com mais força no país e segue os moldes europeus e norte-americanos. E neste contexto surgem novas publicações, entre elas o jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, e outros, de quem trataremos a seguir.

2.4 JORNAL “ÚLTIMA HORA”, E OUTROS

O jornal *Última Hora* circulou por vinte anos, entre 1951 e 1971. Foi criado pelo jornalista e empresário da comunicação Samuel Wainer. De origem russa, ainda criança migrou com os pais para o Brasil e instalou-se em São Paulo. Como jornalista, trabalhou para Assis Chateaubriand no *O Jornal*, onde foi o único integrante da imprensa brasileira a cobrir o Julgamento de Nuremberg, tribunal instalado após a 2ª Guerra Mundial para julgar nazistas. Durante o segundo governo de Getúlio Vargas cria o jornal *Última Hora* e, com ele, uma nova maneira de usar o fotojornalismo. *Última Hora* destaca-se na imprensa brasileira pelo novo modo de noticiar e de ser administrado, marcando o início da fase industrial do jornalismo brasileiro.

O jornal vai ter um perfil moderno com técnicas do jornalismo objetivo, e constituído como empresa jornalística, mas, sobretudo, veiculando notícias e mensagens de apelo popular, entre elas esportes e policiais abordadas de maneira sensacionalista, para atrair leitores das classes populares, com a sua linha política ligada ao nacionalismo de Getúlio Vargas [...] A criação de *Última Hora* veio do casamento de interesses, entre o jornalista Samuel Wainer e o presidente Getúlio Vargas, que tinha na grande imprensa uma oposição sistemática ao seu governo. (Dias, 2009, p. 60-61)

É notório que o jornal de Wainer foi criado para apoiar Getúlio Vargas e Getúlio Vargas não teve problemas em apoiar financeiramente seu aliado. E é nesse clima de interesses conjugados que *Última Hora* é lançado com grande campanha publicitária em 12 de junho de 1951. Mas se havia interesses, também havia jornalismo inovador. As edições de *Última Hora*

estão disponíveis de forma digital na hemeroteca da Biblioteca Nacional: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/Ultima-Hora/386030>.

Entre as inovações, criou a manchete fotográfica, em que uma imagem ocupa toda ou quase toda a primeira página (Ferreira, 20--) ou seja, a fotografia e o título da manchete, quase sempre escrito sobre a imagem e em letras garrafais seguidas de linha fina em tipos menores, tinham peso igual na composição da chamada. “No alto da página o texto gritava, mas conduzia, passo a passo, o olhar para a informação mais importante da página: a informação visual, a fotografia” (Louzada, 2009, p. 164). Para alcançar seus objetivos, também não se furtou em usar fotomontagens que permitissem uma melhor compreensão do fato.

Última Hora foi o primeiro jornal brasileiro a entender a importância da fotografia na composição da notícia apresentada ao público. Também foi pioneiro entre os jornais na publicação de fotos coloridas. Para os fotojornalistas também foi um marco, pois foi o primeiro a dar os créditos nas imagens (Louzada, 2009).

FOTOGRAFIA 03 – Capa da primeira edição do Jornal *Última Hora*, em 1951.



FONTE: arquivo digital da Biblioteca Nacional

Por ter um apelo populareesco, as notícias esportivas ocupavam boa parte das edições.

E nas páginas esportivas as fotografias também ganhavam destaque. Com isso, deu ao leitor uma nova forma de ler a notícia, diretamente nas fotografias, e, ao mesmo tempo, firmou seu projeto editorial na linguagem fotográfica. “Foi responsável pela popularização da imagem associada à notícia e criou narrativas inovadoras para fidelizar um público ainda pouco familiarizado com a leitura de texto e de imagem” (Louzada, 2009, p. 163).

Se na editoria de esportes, *Última Hora* tinha profusão de fotografias, especialmente de futebol – se numa partida ocorressem oito gols, todos mereciam uma imagem, ainda que fossem semelhantes. O mesmo valia para as provas de turfe que movimentavam a sociedade carioca. Já na editoria política o uso mais corriqueiro era dos chamados ‘bonecos’ ou fotografias de meio corpo ou apenas do busto dos principais personagens, imagens comuns em toda a imprensa da época, uma vez que o rosto humano era a forma mais comum de ilustrar uma notícia. Já o presidente Getúlio Vargas mereceu uma imagem a bico de pena.

O uso de muitas imagens foi uma sacada de Samuel Wainer. Afinal, no Brasil dos anos 1950, cerca de metade da população era analfabeta ou semialfabetizada e não tinha acesso ao todo do texto publicado. Mas podia ver as fotografias e compreender o que estava sendo noticiado. Além disso, é preciso lembrar que muitas vezes os jornais eram lidos em voz alta para uma plateia. E a compreensão dessa leitura se multiplicava com os comentários que os ouvintes faziam e com as observações das imagens que ilustravam a matéria. Com isso também atraiu os novos leitores que chegavam à capital do Brasil dos mais diversos pontos do país durante o processo de êxodo da zona rural para a urbana. Ainda assim, a interpretação da fotografia não era algo tão simples. E, mais uma vez o espírito inovador de Wainer se mostrou presente.

Se para decifrar a palavra escrita foi necessário um aprendizado, para a imagem não foi diferente e o jornal passou a aliar o texto ligeiro a imagens com muito poder de informação. A leitura da imagem, ou seja, a internalização do conhecimento das regras e princípios da informação imagética, também requeria treino. Isso se deu no próprio ato de leitura do jornal e foi utilizado como um processo de retroalimentação, ou seja, o jornal aprendeu a usá-la (Louzada, 2009, p. 168)

O sucesso das edições cheias de fotografias com conteúdo jornalístico de *Última Hora* não passou despercebido de outras mídias impressas. Em pouco tempo outras publicações passaram a dar valor às imagens. O *Jornal do Brasil* destacou-se pelo tratamento sofisticado que deu às imagens e, junto com *Última Hora*, contribuiu para as lógicas de produção diária do fotojornalismo brasileiro. O *Jornal do Brasil*, até então, não publicava fotos, fato que mudou a partir da segunda metade da década de 1950. E, em pouco tempo, a fotografia ganhou papel de destaque em suas páginas.

No rastro do jornal de Wainer e do Jornal do Brasil, outros periódicos também passaram a dar maior importância à fotografia. É preciso recordar que *Última Hora* tinha uma edição nacional complementada localmente em cidades como Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Recife, Campinas, ABC paulista, Bauru, Santos e Niterói. Por isso sua influência se sentiu em todos os lugares onde circulava. Com isso, a fotografia ganha destaque nos jornais de todo o Brasil, passando a fazer parte das rotinas de produção.

2.5 FOTOJORNALISMO E DITADURA

Durante parte do século XX o Brasil foi governado por ditadores. Getúlio Vargas em seu Estado Novo de 1937 a 1945 e os militares que governaram entre 1964 e 1985 não perderam a oportunidade de uma boa propaganda. E, nela, a fotografia ganhava lugar de destaque.

Getúlio Vargas era populista e nacionalista. Ao criar o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP – criou uma máquina para anunciar seus feitos e censurar o que ia contra eles, como já tratamos anteriormente.

Também os militares pós golpe de 1964 buscaram tirar proveito da imprensa. O uso intensivo da censura, ou da autocensura em muitos casos, fez com que a imprensa oficial publicasse apenas aquilo que interessava ao governo. O ponto alto ocorreu em 13 de dezembro de 1968, com a publicação do Ato Institucional nº 5 (AI5), a partir de quando o governo passa a ser exercido num regime de exceção em que não havia garantia de direitos e o poder era totalmente centralizado. Com a desculpa de manter a segurança nacional, música, peças teatrais, filmes, fotografias e livros são destruídos pelos censores. Com isso, a liberdade de criar é cercada e mantida dentro dos padrões exigidos pelos ditadores. A imprensa não ficou de fora. “Os órgãos de imprensa estão sujeitos a uma severa censura. Nas redações dos jornais a presença de um censor faz parte de uma série de mecanismos de controle” (LOPES, 2019, p. 19-20)

Ainda assim, parte da imprensa procurou se manter independente e, mesmo censurada, conseguiu noticiar e denunciar os fatos que ocorriam. Jornalistas e fotógrafos foram criativos na busca de meios para burlar as restrições a que estavam submetidos. E neste contexto a fotografia ganha um papel de destaque como memória e denúncia da ditadura. O uso da linguagem imagética possibilitou a criação de mensagens visuais.

[A] linguagem fotográfica [...] é responsável pela criação de mensagens visuais nas produções midiáticas, produzindo um sentido não-verbal ao meio impresso. Desse modo, a falta de um saber analítico dos censores impossibilita-os de compreender as mensagens implícitas nessas imagens, o que permite que a maioria das fotografias

sejam publicadas e cheguem ao seu destinatário final, ou seja, a população (Lopes, 2019, p. 20)

Desta forma, as pautas fotográficas passam a retratar a realidade do cotidiano brasileiro, e, com mais força, as truculências do regime estabelecido. É neste contexto que se destaca o trabalho do fotojornalista Evandro Teixeira. Ele começou sua carreira em 1958, no *O Diário da Noite*, no Rio de Janeiro. Mas se consolida no *Jornal do Brasil*, onde atuou entre 1963 e 2010. É neste que Evandro realiza suas mais expressivas coberturas, tanto de eventos nacionais quanto internacionais.

FOTOGRAFIA 04 – Foto de Evandro Teixeira, da tomada do Forte de Copacabana.



FONTE: Costa Neto (2020)

Teixeira usa uma câmera *Leica*, de pequeno formato, veloz, com lentes intercambiáveis e que permitia o uso de rolos de filmes com 36 poses e a obtenção de fotos noturnas sem o uso de *flash*. Com esse equipamento e seu olhar certo consegue obter imagens que transmitem uma visão única dos fatos.

Entre seus trabalhos está a única foto da tomada do Forte de Copacabana, com um jogo de luz e sombra que dirige o olhar do observador, mostrando e escondendo aspectos que são decifrados apenas pelos que conseguem analisar todo o conteúdo que ela compreende. Outra imagem é a que recebeu o título *Sexta-feira sangrenta*, feita em 21 de junho de 1968. Nela dois policiais tentam agarrar um estudante que está caindo. Todos parecem pairar no ar segundos antes do desfecho da perseguição. Um dos policiais está prestes a agarrar o ‘subversivo’ que

parece emitir um grito pela liberdade. A imagem consegue transmitir todo o drama do momento, com a expressividade dos rostos e o olhar atônito de um transeunte que testemunha a cena de violência “que já não pode ser ignorada e que é denunciada pela fotografia” (Lopes, 2019, p. 26).

Há muitas outras fotos de Evandro Teixeira, do período da ditadura. Cada uma delas merece destaque e uma análise por menorizada, dado o seu conteúdo explícito e implícito. Por essas imagens, ele foi um marco do fotojornalismo no período. Todas elas contribuíram diretamente para a construção da memória coletiva daquele momento da história. “Essas fotografias trazem ao conhecimento do grande público as perdas, os horrores e angústias que atingem o cotidiano dessa sociedade” (da época). (Lopes, p. 30)

2.6 AS DIRETAS JÁ E A REDEMOCRATIZAÇÃO EM FOTOS

A partir do início da década de 1980 o Brasil passa a viver ares de redemocratização. Já antes, em 1979, o governo militar assina a Lei da Anistia, que permitiu o retorno de exilados políticos ao Brasil. Nesse período também foi abrandada a censura aos veículos de comunicação e, com isso, tiveram maior liberdade em narrar os acontecimentos. A partir de 1983º país foi varrido pelo movimento das Diretas Já, que pedia, via aprovação da Emenda Dante de Oliveira, o fim da eleição indireta e a escolha do novo presidente, que aconteceria em 1984, via voto popular. O movimento não foi vitorioso, mas rendeu boas fotorreportagens.

FOTOGRAFIA 05 – Diretas Já



FONTE: Rogério Reis, Gazeta Digital

Foram raros os veículos que não mostraram o movimento das Diretas Já. Revistas

como *Manchete*, *Veja* e *Isto É* dedicaram várias páginas à cobertura das manifestações. O mesmo aconteceu com os grandes jornais, como *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Zero Hora*, *O Povo* e tantos outros espalhados pelo Brasil. Embora os principais encontros de populares pedindo as Diretas Já acontecessem nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, também ocorreram em outros pontos do Brasil. E todos ganharam cobertura da imprensa, em maior ou menor escala.

As fotografias de multidões, que segundo cálculos das autoridades da época beiraram a um milhão de manifestantes reunidos, são as que mais chamam a atenção. Mas destacam-se também as dos oradores, muitos deles que recém tinham retornado ao Brasil após a anistia política, que se mostravam livremente como (velhos) novos líderes, dispostos a dar um novo rumo à nação, com o apoio dos eleitores. Além de antigos políticos, (ex-)exilados ou não, grande parte dos artistas nacionais, bem como atletas de renome, também vestiram a camisa do movimento pedindo eleições livres para presidente da república e também foram retratados. As fotografias deste movimento contribuíram para a formação de heróis, vários conhecidos, mas milhares de anônimos, que não se furtaram em ir à luta pela redemocratização.

2.7 O PARANÁ NO FOTOJORNALISMO

Se o tema principal da pesquisa que desenvolvo é o fotojornalismo em Ponta Grossa, é preciso começar a afunilar o estudo com o objetivo de colocar a lupa no microcosmo a ser estudado. Mas antes, ainda é possível uma rápida análise do fotojornalismo no Estado do Paraná.

Como não podia deixar de ser, Curitiba, a capital do estado, sempre concentrou a maior fatia da imprensa. Jornais como *Gazeta do Povo* (1919-), *O Estado do Paraná* (1951-2011) e *Tribuna do Paraná* (1956-) circulavam em boa parte das cidades paranaenses e mantinham sucursais nas principais delas. Mas também havia imprensa em cidades polos, como Londrina, Ponta Grossa e outras. Do interior, o maior destaque é o jornal *Folha de Londrina* (1948-), que circula em quase todo o estado e também mantém (ou manteve) sucursais nas principais cidades.

Dos profissionais radicados no Estado do Paraná, Sérgio Sade é, talvez, o de maior expressão. Graduado em Comunicação Social pela UFPR, em 1967, mudou-se para São Paulo e trabalhou na recém lançada Revista *Veja* – já trabalhava como *free lancer* para esta revista, cobrindo eventos na capital paranaense. Neste periódico criou a editoria de fotografia e levou-o a dispensar um novo tratamento à imagem fotográfica, ao ponto de a revista criar um novo

projeto gráfico, dando maior valor às fotografias.

Em entrevista a Paulo Cesar Boni (2011), Sade conta que na década de 1960 as fotografias publicadas nos jornais paranaenses retratavam apenas rostos ou bustos dos principais personagens políticos ou sociais. E ele ousou mudar essa visão, captando outros ângulos, dando vida às imagens. Isso gerou insatisfação e até mesmo rugas com os editores que preferiam os modelos mais conservadores. Isso serviu como balizador ao aceitar fotografar para *Veja*.

Fixando-se em São Paulo, Sade começou fotografando nas ruas, eventos e onde mais a notícia acontecesse. Logo foi convidado para ser o chefe' de fotografia, mas disse que queria ser o 'editor' de fotografia – que até então não existia na revista *Veja* e, talvez, no Brasil, mas que já era comum em edições internacionais.

Como todo o pessoal da redação, eles achavam tratar-se da mesma coisa. Eu insisti que havia uma diferença e apresentei uma proposta: queria participar das reuniões de pauta; queria que toda pauta de texto passasse pela editoria de fotografia, para que eu pudesse pautar o fotógrafo numa linguagem mais técnica e objetiva, de fotógrafo para fotógrafo; queria que as provas contatos viessem do laboratório fotográfico para mim antes de ir para a mesa dos editores, para eu selecionar o material que seria ampliado. E, por fim, pedi um salário equivalente ao dos outros editores. (Boni, 2011, p. 241)

As reivindicações de Sade foram atendidas e *Veja* ganhou uma editoria específica de fotografia, não apenas no nome, mas com espaço na redação, e uma reorganização gráfica que, como já dito, valorizou o uso de imagens nas páginas do semanário. Após *Veja*, outros periódicos também criaram seus departamentos ou editorias de fotografia, dando outra visão ao fotojornalismo brasileiro.

O fotojornalismo paranaense também traz nomes femininos. É preciso observar que ao longo da história, o fotojornalismo foi descrito como marcadamente masculino. Mas as mulheres também estiveram presentes, e isso desde que a fotografia surgiu, ainda no século XIX. “A exclusão na historiografia contribuiu, ao longo dos anos, para a construção da ideia de que esta teria sido uma invenção e prática masculina (onde) as mulheres não foram contempladas” (Nichele, 2018, p. 6).

Entre outros nomes femininos, no Paraná se destacaram as fotógrafas Vilma Slomp, Lucília Guimarães, Fernanda Castro, Karin van der Brooke, Lina Faria, Beatriz Correia, Luciana Petrelli, Izabel Liviski e Nélida Rettamozo. Há muito pouco escrito sobre elas na historiografia do fotojornalismo paranaense.

Se antes, no período em que os estúdios fotográficos ocuparam as cidades, as mulheres eram relegadas a um segundo plano no campo da fotografia, atuando como assistentes ou

executando funções laboratoriais, foi ainda mais trabalhoso conseguirem se inserir no meio do fotojornalismo. Segundo Boris Kasso (apud Nichele, 2018), a primeira fotojornalista a atuar no Brasil, em 1930, foi a imigrante alemã Hildegard Rosenthal. Já no Paraná, as pioneiras, já citadas, surgem na segunda metade da década de 1970 e trabalharam inicialmente em jornais como *Correio de Notícias* e *O Estado do Paraná*, ambos de Curitiba. Mas isto não significa que antes delas outras não tenham existido.

As fotojornalistas paranaenses trabalharam par e passo com os fotojornalistas. Nas redações, sua busca era a mesma: uma fotografia que merecesse ser publicada e, mais ainda, que merecesse ser ‘a foto’ da primeira página da edição.

CAPÍTULO 3

A FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA EM PONTA GROSSA NA DÉCADA DE 1980

3.1 COMO FOI O FOTOJORNALISMO EM PONTA GROSSA ATÉ 1970?

A imprensa de Ponta Grossa teve início no final do século XIX. Há relatos de que no último decênio daquele século foram feitas tentativas de instalar jornais na cidade. Mas não tiveram duração maior que algumas edições devido à falta de apoio financeiro e político. Foi só após o início do século XX que o primeiro jornal se consolidou e teve vida mais longa. Em 1907 foi criado o jornal “O Progresso”, que em 1913 se tornou o primeiro jornal de Ponta Grossa com circulação diária e ganhou o nome “Diário dos Campos”, com o qual circula até nossos dias (Holowate, 2016).

Com o passar do tempo, outros títulos foram surgindo e desaparecendo. Em 1920, por exemplo, o “Álbum do Paraná”, numa edição especial sobre Ponta Grossa, diz que “a imprensa é representada pelos jornaes *Diário dos Campos* e *Vanguarda* e a revista *A Caridade*, órgão do Centro Espírita Francisco de Assis” (Álbum do Paraná, 1920, p. 37).

Publicado em 1936, outra edição do Álbum de Ponta Grossa diz que a imprensa estava representada pelo jornal “Diário dos Campos” e pelas sucursais da “Gazeta do Povo”, “O Dia”, “O Estado”, “Diário da Tarde”, “Folha da Manhã”, “Correio da Manhã”, “Estado de S. Paulo”, “Diário de Notícias”, “A Noite” e “O Jornal”.

A edição de 1963 do Álbum de Ponta Grossa indicava a circulação dos jornais “Diário dos Campos” e “Jornal da Manhã”, bem como a existência da sucursal do jornal “Última Hora”. Neste ano também circulavam o informativo “Tapejara”, ligado ao Centro Cultural Euclides da Cunha, e “Voz da Espiritualidade”, da União da Mocidade Espírita Cristã de Ponta Grossa. As edições de 1975 e 1976 mencionam apenas o Diário dos Campos e o Jornal da Manhã como mídias impressas em Ponta Grossa.

No início dos anos 1950, circulou em Ponta Grossa o Jornal do Paraná, com sede à Praça Marechal Floriano Peixoto. Em 1954 foi adquirido pelo então prefeito da cidade, Petrônio Fernal e, a partir de 4 de julho passou a ter o nome de Jornal da Manhã. Atualmente é o único jornal da cidade com circulação ininterrupta, uma vez que o Diário dos Campos ficou um período fora de circulação, na década de 1990.

Há muitos anos a fotografia ilustra as páginas dos jornais de Ponta Grossa. Há poucas informações sobre a primeira inserção de fotografias nos jornais de Ponta Grossa. O professor

Felipe Pontes⁸ (2006) informa que em 16 de junho de 1912, O Progresso publicava a foto de alguns bois zebus. Mas ele restringe a informação ao período que pesquisou (1910-1923). Além desse trabalho, outros também abordam o tema. Em nossa pesquisa pretendemos abordar esse detalhe. No princípio, a exemplo do que acontecia em outros lugares, pode ter sido apenas como uma curiosidade, uma imagem para chamar a atenção dos leitores. No início do século XX, qualidade da imagem impressa em tipografia e em preto e branco, também deixava a desejar. Mas ela estava lá e era muito usada, especialmente nos anúncios publicitários.

Ao longo dos anos, os jornais começaram a mostrar mais imagens. Isso aconteceu principalmente com retratos de personagens públicos, autoridades ou membros da sociedade, na medida em que fotos eram transformadas em clichês⁹ e passavam a compor o acervo dos jornais. Uma mesma imagem poderia ser usada várias vezes para ilustrar edições diferentes e ajudar a contar diferentes notícias.

Aos poucos a fotografia se incorporou às edições jornalísticas. Num tempo em que os clichês eram feitos em Curitiba e demandavam tempo de viagens (ida e volta) e confecção, somente personalidades e fatos de grande importância eram registrados. Fatos mais corriqueiros eram apresentados apenas com a notícia escrita, sem imagens.

No período compreendido entre o início do século XX e os anos 1970, a publicação de imagens ganhou uma nova roupagem. No final da década de 1930, o então proprietário do Diário dos Campos, Juca Hoffmann, melhorou a qualidade gráfica de seu jornal adquirindo novos equipamentos que deram mais definição às imagens publicadas. Mas as fotos ainda eram produzidas por fotógrafos de estúdios, entre eles nomes famosos na cidade, como Bianchi (a partir do final da década de 1910), Weiss, Koch (Foto Elite, ~1950 a 2019), Foto Carlos (~1950 à atualidade) e outros, acionados para retratar acontecimentos de maior relevância, ou procurados em suas lojas para a fotografia de autoridades ou personalidades sociais. A produção dos clichês continuou sendo feita em Curitiba e, o alto custo e tempo envolvidos, continuou sendo um entrave para que o número de imagens nas páginas dos jornais fosse maior.

⁸ Em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o professor Felipe Pontes analisa as edições do Diário dos Campos entre 1910 e 1923, observando como a cidade era mapeada nas reportagens publicadas, os personagens citados e outros aspectos das publicações. Descreve como o jornal refletia e, de certa forma, moldava a sociedade da época, em especial, em sua vida urbana, bem como os papéis de gênero e descrição de espaços urbanos. Entre suas descobertas na análise das páginas do Diário dos Campos, está o que, até hoje, é tido como a primeira fotografia impressa em um jornal de Ponta Grossa.

⁹ Matrizes de metal que podem conter imagem ou texto (ou ambos), produzidos em estereotipia, galvanotipia ou fotogravura e que são usados em impressoras tipográficas. Normalmente, as chapas são fixadas em bases de madeira, em tamanho pré-definido, e inseridas junto aos blocos de texto em chumbo. (<<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/9cidi/6.0065.pdf>> acesso em 01/07/2022)

Em uma pré entrevista¹⁰, o jornalista Osni Gomes contou que o Jornal da Manhã, a partir do final da década de 1960, investiu numa clicheria própria, o que impulsionou o uso de imagens ilustrando as matérias.

Já no final dos anos 1970, Ponta Grossa contava com quatro jornais diários: Diário dos Campos, Jornal da Manhã, Diário de Ponta Grossa e A Notícia. Os jornais eram diários, circulando de terça a domingo. Além destes, o jornal O Estado do Paraná mantinha sucursal em Ponta Grossa, publicando diariamente notícias da cidade e região. Publicava, ainda, um suplemento chamado “Jornal dos Campos Gerais”, encarte que circulava uma vez por semana.

O Diário dos Campos surge com o nome de “O Progresso”, em 1907. O Jornal da Manhã, o segundo mais antigo, iniciou suas atividades em 1954. Nos últimos anos da década de 1970 surgem, com pouca diferença de tempo, o Diário de Ponta Grossa – criado para ser o Diário Oficial do Município – e A Notícia – este um jornal que revolucionou a imprensa de Ponta Grossa conforme relataremos mais adiante. Os dois últimos, além de terem surgido quase que de forma concomitante, também desapareceram quase ao mesmo tempo, nos primeiros anos da década de 1980.

3.2 CARACTERÍSTICAS TECNOLÓGICAS DE IMPRESSÃO

Os jornais podem ser agrupados pelas suas características tecnológicas. Os dois “diários” – o dos Campos e o de Ponta Grossa – tinham impressão tipográfica¹¹, em chumbo, com uso de linotipos e clichês para as fotografias. Já o Jornal da Manhã e A Notícia eram impressos em *offset*¹², o que lhes dava algumas vantagens sobre os demais, especialmente no campo do fotojornalismo na década de 1980 – objeto de meu estudo.

Além da forma de impressão, os jornais tinham outras características que os identificavam. O Jornal da Manhã era o único com tamanho não standard, sendo impresso num

¹⁰ Entrevista concedida ao autor e ao professor Marcelo Bronoski, em outubro de 2023.

¹¹ Processo de impressão com o uso de tipos, que podem ser móveis ou fundidos em blocos produzidos por um linotipo - máquina que permite a composição de textos em chumbo para a impressão. Aos tipos ou blocos de tipos são acrescidos clichês para a impressão de imagens. (<https://www.dicionarioinformal.com.br/tipografia/> - acessado em 01/07/2022)

¹² Sistema de impressão indireta, em que a tinta, antes de ir para o papel, passa por um cilindro intermediário. Para o sistema *offset* é necessária a produção de uma chapa sensível que, ao ser revelada como uma espécie de fotografia, deixa os elementos a serem impressos em relevo. Para a impressão em cores é necessária a confecção de uma chapa para cada cor do sistema CMYK (Ciano, Magenta, Yellow e Black). Foi inventado por Ira Washington Rubel e patenteada por Caspar Hermann (<https://www.margraf.com.br/como-funciona-o-sistema-de-impressao-offset/> - visitado em 01/07/2022)

formato diferenciado, conhecido como “meio *standard*”¹³. Os demais conservavam a configuração *standard* em suas páginas. Até o início das atividades de A Notícia, os jornais de Ponta Grossa não contavam com a figura do diagramador, profissional encarregado de distribuir, de forma agradável ao leitor, as matérias na mancha gráfica. Ou seja, até este período, os jornais tinham apenas a definição do número de colunas por página e as matérias iam sendo empilhadas nas páginas. As notícias eram redigidas e as páginas iam sendo montadas, observando apenas a divisão de editorias (quando havia). Assim, era comum que uma notícia começasse numa página e tivesse sequência em outra. Ou que sua parte final simplesmente fosse cortada por falta de espaço para o texto todo. Não havia leveza na apresentação, nem preocupação em ser bem apresentável.

3.3 O JORNAL “A NOTÍCIA”

O jornal *A Notícia* foi muito importante na imprensa de Ponta Grossa, marcando e incutindo novidades que antes não existiam. O jornalista Osni Gomes esteve envolvido diretamente na criação de *A Notícia* conta, na pré entrevista já citada, que o jornal nasceu na redação da sucursal de *O Estado do Paraná*¹⁴, onde trabalhavam tanto ele quanto vários outros jornalistas e demais profissionais que o produziram. Antes de seu lançamento, alguns profissionais foram enviados ao Rio de Janeiro, para um estágio no jornal Última Hora. De lá trouxeram ideias de como fariam o jornal, tanto no conteúdo quanto no visual. Sua história teve início em abril de 1978, iniciando como quinzenário. Depois passou a semanário e finalmente a diário, circulando de terça a domingo. O diário possuía uma bela diagramação e impressão de qualidade, algumas vezes incluindo fotografias em cores, fato possibilitado pela impressão feita nas oficinas do jornal O Estado do Paraná. Em suas páginas se destacavam fotografias nítidas, muitas vezes coloridas, dos principais acontecimentos da cidade e da região dos Campos Gerais. Por volta de 1982 o jornal adquiriu seu parque gráfico, todo novo, garantindo uma qualidade de impressão muito maior e melhor que a dos demais jornais da cidade. No entanto, encerrou suas atividades meses após esta aquisição. O jornal funcionava em um prédio localizado à Praça

¹³ No jornal *standard* a mancha gráfica (área impressa), é de 52,5cm x 29,7cm. No tabloide ou meio *standard* é a metade, ou seja 29,7cm x 26,5cm. Há outros formatos, como o Berliner, cuja mancha gráfica ocupa 47,0cm x 31,5cm

¹⁴ Jornal de circulação estadual, com sede em Curitiba, fundado em 17 de julho de 1951. Mantinha sucursal em Ponta Grossa. A sucursal era responsável pela cobertura de fatos em Ponta Grossa e toda a região dos Campos Gerais. (<https://tribunapr.uol.com.br/noticias/parana/o-estado-comemora-58-anos-e-o-leitor-e-prioridade/>)

Barão de Guaraúna, fundos da Igreja Sagrado Coração de Jesus, a Igreja dos Polacos¹⁵.

FOTOGRAFIA 06 – O prédio cinza foi sede de A Notícia, tendo sido construído para este fim.



Fonte: o autor

A Notícia deu impulso ao uso da fotografia. Conforme o jornalista Osni Gomes, havia ao menos cinco fotógrafos, trabalhando de forma concomitante ou alternada, cobrindo as 24 horas do dia, inclusive aos finais de semana. O jornal tinha equipamento próprio, composto por câmeras Pentax e Rolleiflex. Também possuía laboratório para a revelação dos filmes e ampliação das fotos. O Museu Campos Gerais possui o acervo de *A Notícia*. Segundo Gomes, o fotógrafo encarregado de cobrir a madrugada “rodava pela cidade em busca de acontecimentos”, em especial os da área policial.

3.4 O FOTOJORNALISMO NO JORNAL DA MANHÃ E NO DIÁRIO DOS CAMPOS NOS ANOS 1980

Diário dos Campos, fundado em 1907 com o nome de *O Progresso*, e *Jornal da Manhã*,

¹⁵ O prédio sede de *A Notícia* foi construído por João Nunes Cottar, seu proprietário, pensando no funcionamento da empresa. Segundo Neomil Macedo a redação ficava no primeiro andar, nas salas da frente. Nos fundos, as seções de composição, revisão, *past up*, fotomecânica, montagem de fotolito e chapas. No térreo, funcionava o Comercial (sala da frente) e nos fundos mais tarde viriam as oficinas de impressão, com a impressora *offset* adquirida pelo Cottar. A administração ficava no segundo andar. Ao lado ficava o bar e hotel do 'seu Gabriel'. “O pessoal tomava café e umas birritas ali. Nada mais apropriado do que um bar ao lado do jornal, pelo menos naquele tempo que o povo gostava do 'gole'”, diz Neomil.

fundado em 1954, atravessaram os anos 1980, cada qual com suas características próprias, um em formato standard, outro meio standard; um em tipografia e outro em *offset*. E esta última característica faz a diferença quando o estudo se concentra no fotojornalismo. Foi em *O Progresso*, em 1912, como já relatado, que foi publicada a primeira fotografia de que se tem notícia na imprensa de Ponta Grossa, até o momento.

Até os anos 1970 ambos os jornais eram impressos em tipografia. A diferença é que, conforme conversas ainda informais com profissionais da época, o Jornal da Manhã foi o primeiro a investir numa clicheria própria. Por ter essa facilidade, as edições do Jornal da Manhã contavam com um número maior de fotografias que seu concorrente que, sem clicheria, precisava recorrer ao trabalho de oficinas de terceiros, em Curitiba.

FOTOGRAFIA 07 – Sede do Diário dos Campos na década de 1980, hoje ocupada por uma loja de produtos populares.



Fonte: O autor.

O *Diário dos Campos*, o mais antigo do interior do Paraná, funcionava com tipografia – impressão em chumbo – e os clichês das fotos que publicava precisavam ser confeccionados fora de Ponta Grossa, em Curitiba, o que representava alta demanda de tempo e custos. Por isso, em suas páginas poucas fotos inéditas eram inseridas nas edições diárias. Normalmente, as que eram publicadas já existiam no acervo de clichês do jornal e eram reaproveitadas conforme necessário e conveniente. Estas, quase sempre eram fotos de personagens políticos ou sociais, conhecidos como bonecos. Por outro lado, eventos marcantes, como acidentes de grande monta ou fatos de grande repercussão na cidade, mereciam maior atenção e, por isso, as fotos eram transformadas em clichês e publicadas, boa parte em edições que circulavam um ou dois dias

depois do acontecido.

No período analisado, o *Diário dos Campos* fazia parte do grupo Slavieiro, proprietário de madeireiras em Ponta Grossa. Estava instalado com redação e oficinas gráficas à Rua Santos Dumont, na quadra entre a Avenida Vicente Machado e a Rua Dr. Colares.

Em 1976 o Jornal da Manhã adquiriu uma impressora *offset*, usada e já antiga (pelo que me recorde, havia nela gravado o ano 1910)¹⁶. Ao mesmo tempo montou a oficina para fotolitagem¹⁷ e gravação de chapas¹⁸, garantindo sua autonomia em todo o processo. A passagem da tipografia para o *offset* garantiu maior agilidade em diversos setores, entre eles o da fotografia.

Já antes da passagem para o *offset*, o Jornal da Manhã investiu na formação de um laboratório fotográfico próprio, com banheiras de revelação, ampliador e esmaltadeira. Foram adquiridas máquinas fotográficas 35mm, o que agilizava o processo de fotografia. Também foi contratado um fotógrafo exclusivo – antes dele eram usados os serviços de fotógrafos lotados em estúdios da cidade, quase sempre do Foto Elite¹⁹.

O Jornal da Manhã fazia parte do Grupo Gustavo Horst, que também possuía lojas de auto peças, hotéis e fábrica de papel. No período pesquisado, sua redação e oficinas estavam instaladas à Rua Santos Dumont, esquina com Comendador Miró.

Vemos assim que o Jornal da Manhã manteve oficina gráfica própria e possuía todos os equipamentos necessários para todo o processo de confecção do jornal. Isso permitia que as páginas fossem ilustradas com fotos em todos os dias de circulação. Permitia também que os eventos noticiados tivessem fotos atuais, mas não impedia o reaproveitamento de fotos antigas, notadamente de personagens políticas ou da sociedade ponta-grossense. É preciso lembrar que a impressora do Jornal da Manhã era antiga e que apresentava uma impressão sofrível. Muitas vezes a impressão das páginas ficava borrada e a tinta impregnava os dedos dos leitores. Além disso, por não ser alvo de maiores investimentos de seu proprietário, o Jornal da Manhã tentou

¹⁶ A máquina possuía apenas um conjunto impressor, o que significa que imprimia apenas em uma cor de cada vez. Foram feitas experiências de impressão em cores, mas isso demandava várias passagens do papel pela impressora e raramente se conseguia acertar a posição do mesmo, resultando em impressões fora do lugar.

¹⁷ Fotolito é um filme transparente, em tamanho real, que serve como matriz para impressão de qualquer material gráfico. Sua origem está no processo de foto e gravação. É a mídia intermediária entre a finalização (arte final) e o impresso, geralmente em *offset*.

¹⁸ Chapas de alumínio, recobertas de material sensível. O fotolito é colocado sobre a chapa no lado sensibilizado e submetido a luz intensa durante determinado tempo. A chapa é então “revelada” num processo semelhante à revelação de fotos analógicas e, depois, inserida na impressora.

¹⁹ Ver: NABOZNY, Andréa Rita da Silva. **A composição da paisagem urbana de Ponta Grossa-PR nas fotografias do acervo Foto Elite**. Dissertação. Ponta Grossa: UEPG, 2018. Disponível em <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2688/1/Andrea%20Rita%20da%20Silva%20Nabozny.pdf> - visitado em 01/07/2022

reduzir custos com reutilização de chapas de impressão, o que reduziu ainda mais a qualidade do produto final.

3.5 O JORNAL DA MANHÃ

Na década de 1980, o Jornal da Manhã ocupava um prédio de dois pisos na rua Santos Dumont, quase esquina com a Comendador Miró. Na parte inferior estavam a recepção, a oficina gráfica e o laboratório de revelação das chapas de impressão. Subindo um lance de escadas, à direita estava a sala do editor, em frente a administração e à esquerda um corredor. Perfiladas no lado direito do corredor estavam a sala do telex e arquivo fotográfico, departamento comercial, composição e o laboratório fotográfico. No lado esquerdo a redação e a montagem. Nesta havia outra divisão onde ficava o laboratório de fotolitagem. O detalhe é que as salas do lado esquerdo, que concentravam o maior número de trabalhadores, bem como o laboratório fotográfico, não possuíam janelas ou qualquer mecanismo para ventilação, o que tornava o ambiente insalubre, especialmente durante os horários de impressão, quando o cheiro da tinta, somado à fumaça de cigarros, impregnava o ar.

FOTOGRAFIA 08 — Na década de 1980 o Jornal da Manhã ocupava o prédio verde e branco, na esquina das ruas Santos Dumont e Comendador Miró.



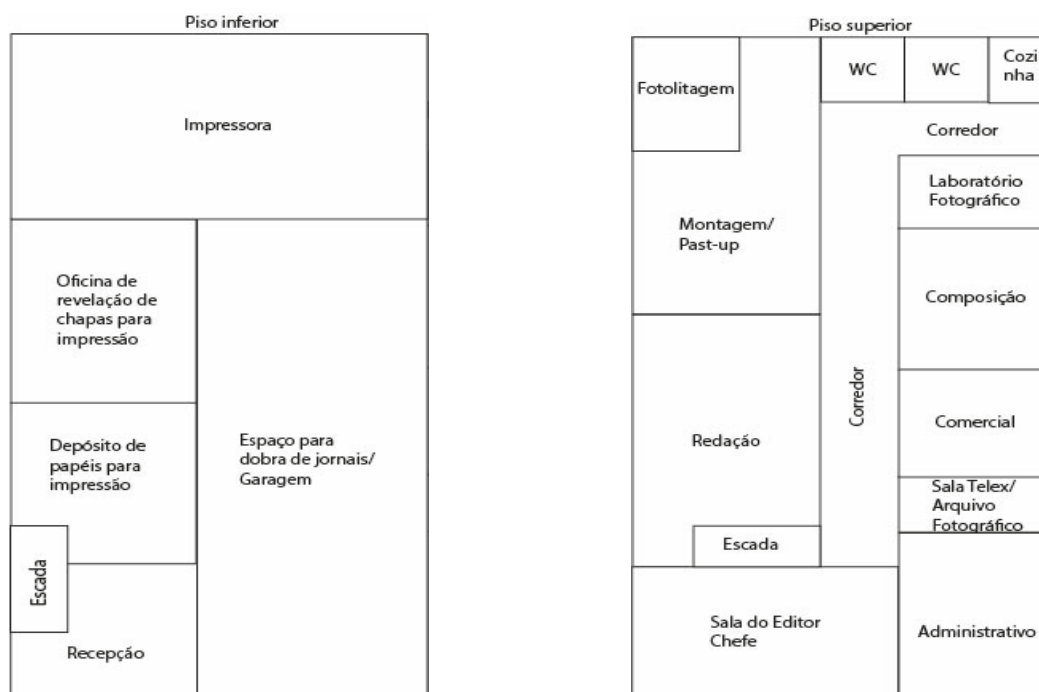
Fonte: O autor

FOTOGRAFIA 09 – Parte da equipe do Jornal da Manhã, em meados dos anos 1980. Aparecem integrantes da redação, composição, montagem e administrativo.



FONTE: Acervo pessoal

DIAGRAMAS 1 e 2 – Disposição geográfica das salas nos dois pisos do prédio ocupado pelo Jornal da Manhã na década de 1980, na Rua Santos Dumont. Sem escala.



Fonte: o autor

A redação era a maior sala e nela trabalhavam de oito a dez pessoas, a maioria fumantes. No início da década, o mobiliário era composto de mesas antigas, cadeiras semidestruídas pelo uso e máquinas de escrever de diversas idades e modelos. No outro lado do corredor, a composição contava com quatro máquinas IBM Composer, e diversas “esferas”

de fontes em tamanhos e tipos diferentes. Na segunda metade da década de 1980 foram adquiridos dois equipamentos Forma Composer, espécie de computador com finalidade exclusiva de composição de textos. Diferente das IBMs, estes tinham uma impressora com margaridas de tipos intercambiáveis e o texto era visto primeiro num monitor e só depois impresso, reduzindo, assim, o gasto de papel.²⁰

O laboratório fotográfico era bem equipado, contando com banheiras de revelação, ampliador de negativos e esmaltadeira para secagem. Como equipamento fotográfico, o Jornal da Manhã tinha menos equipamentos que A Notícia. Contava com três câmeras analógicas, uma Yashika e duas Praktica, todas 35mm e equipadas com lente 50mm, o que permitia a obtenção de fotos de qualidade razoável. Em meados dos anos 1980 foi adquirida uma câmera Yashika amadora, que ficava com o repórter policial. Mais ou menos na mesma época foi adquirida uma nova máquina Yashika, profissional – não lembro o modelo – equipada com motordrive, equipamento que puxava o filme e permitia a realização de várias fotos em sequência.

Não existiam lentes teleobjetivas entre os equipamentos do Jornal da Manhã. Quando necessário, eram emprestadas de lojas de fotografia da cidade. Também havia dois conjuntos de bateria e flash para fotos noturnas ou em ambientes de pouca iluminação. Os filmes eram comprados em grandes rolos e rebobinados no laboratório, conforme a necessidade. Havia um cuidado para que não faltassem filmes ou papéis fotográficos. Mas a orientação geral era para não “desperdiçar filme com fotos desnecessárias”, como forma de economia de material.

²⁰ O processo de produção de um jornal diário neste período era trabalhoso e totalmente artesanal, muito diferente da atualidade em que o jornal sai do computador direto para a impressão. Depois de encontrar um assunto que permitisse a realização de uma matéria ao menos razoável, o repórter/redator ia ao local do fato, que poderia ser um gabinete da prefeitura ou um bairro da cidade. Esse deslocamento era feito em companhia do fotógrafo, quando possível e necessário, bem como do motorista que dirigia o carro do jornal. Depois da reportagem feita, o profissional chegava da rua com seus apontamentos e, na redação, escrevia seu texto numa máquina de escrever, enquanto o fotógrafo, se tivesse tempo disponível, revelava as fotos que fez. O escrito era então levado à composição, onde outro funcionário copiava trabalho do redator em máquinas especiais e ao final o texto era impresso de forma justificada, com fonte e tamanho, espaçamento entre letras e entrelinhas definidos (que, antes da implantação da diagramação, podiam ser aumentadas ou diminuídas conforme a disponibilidade de espaço na página e de assuntos do repórter/diagramador). As tripas (tiras de papel) da composição eram, então, encaminhadas à montagem, que ocupava a segunda maior sala do Jornal da Manhã. Lá era montado o boneco, ou seja, uma página no tamanho real do jornal, onde eram coladas as tripas que vinham da composição, os títulos e propagandas que nela seriam impressas. Na montagem também estava a tituleira, uma máquina especial para a confecção de títulos das matérias. Pronta a página boneco, ela seguia para a sala de fotolitagem. Nela, uma espécie de câmera fotográfica gigante fazia uma foto em tamanho real da página em filme fotográfico. Este filme voltava à montagem onde, numa mesa de vidro branco com luz por baixo, era retocada, tendo cobertas com tinta vermelha todas as linhas, pontos e outras falhas que não deveriam aparecer na impressão. Depois de prontas 8 páginas em filme, que formavam um conjunto de impressão, estas seguiam para a oficina onde eram “reveladas” numa chapa metálica sensibilizada. Finalmente, esta chapa era fixada na impressora e o jornal começava a ter seu aspecto final. Após todas os conjuntos do dia serem impressos, as folhas eram dobradas manualmente, recortadas para acertar as bordas e então partiam para a casa dos assinantes ou as bancas de revista onde eram comercializados. Este processo todo demorava em torno de 10 a 12 horas.

Na sala de montagem ou *past-up*²¹, duas enormes mesas com tampa de vidro e lâmpadas fluorescentes em seu interior permitiam que todo o jornal fosse montado com o cuidado necessário. No laboratório próprio eram feitos os fotolitos que depois recebiam retoques antes de seguirem para o andar inferior onde eram reveladas as chapas de impressão.

Nos dois primeiros anos da década de 1980, o Jornal da Manhã não possuía o trabalho de um diagramador. Os repórteres escreviam suas matérias em folhas em branco com um fio de moldura, que eram então encaminhadas à “composição” e ali transcritas em tiras no tamanho das colunas. Estas tiras eram levadas à montagem (*past-up*) e as matérias iam sendo empilhadas nas páginas conforme o espaço que havia. O próprio repórter decidia qual matéria ocuparia o topo da página, escolha que quase sempre recaía para a de maior volume de texto.

FOTOGRAFIA 10 – *Past-up* ou montagem. Na foto Neomil Macedo, diagramador e Sidnei Pereira montador.



Fonte: Acervo pessoal

Em 1983, o jornalista Osni Gomes – atualmente trabalhando em Curitiba – foi contratado como chefe de redação do Jornal da Manhã e implantou algumas mudanças, entre elas a padronização da redação, que ganhou novo mobiliário e novas máquinas de escrever – todas Olivetti e do mesmo modelo, Línea 98. Também foi contratado um diagramador, Neomil

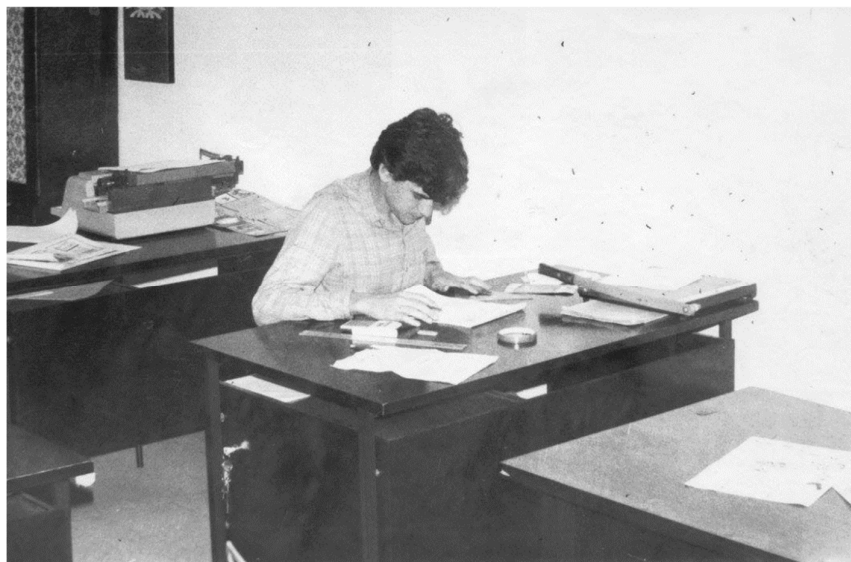
²¹ Montagem ou *past-up* era o local onde o boneco do jornal era montado. Depois que as matérias eram produzidas, seguiam para a composição onde eram digitadas em máquinas IBM composer ou Forma Composer e impressas em tiras de papel na largura da coluna do jornal. Estas tiras eram recortadas e coladas em páginas, recebiam os títulos e guardavam espaço para as fotografias, conforme modelo elaborado pelo diagramador.

Macedo. As matérias passaram a ser escritas em laudas padronizadas e as páginas do Jornal da Manhã ganharam um novo visual, mais bonito, arejado e atrativo aos leitores. Com isso, o processo produtivo ganhou um novo formato. As matérias escritas passaram a ser encaminhadas ao diagramador que “desenhava” as páginas, informando qual fonte e largura de coluna deveriam ser usados na composição. O *past-up* também ganhou um novo processo, com a montagem das páginas conforme o planejamento do diagramador. Ocasionalmente, em edições especiais ou espaços diferenciados, o processo se invertia. O diagramador desenhava as páginas e indicava ao repórter/redator o tamanho dos textos a serem escritos²².

Naquele período, o Jornal da Manhã circulava com 16 ou 24 páginas. Aos domingos eram acrescentados outros cadernos, como Agropecuário, Cultura e Imobiliário, aumentando o número de páginas para 40 ou 56. Em ocasiões especiais como aniversário do jornal, de Ponta Grossa ou Natal, edições especiais podiam ter mais de cem páginas. Oficialmente, a tiragem era de 3 mil exemplares.

²² Em todo o tempo que estive na redação do Jornal da Manhã, o ambiente foi muito leve e descontraído, mesmo em ocasiões em que o trabalho exigia maior seriedade. Sempre havia espaço para brincadeiras entre os colegas. Com este clima, aconteceram eventos que ficaram na história, como conta o jornalista Osni Gomes, na página “Turma do JM” no Facebook: *Essa é por demais conhecida, mas envolve o Neomil Macedo e o (jornalista) Fernando Gomes, que hoje mora em Guaratuba. O Fernando era editor de Agricultura e fechava o caderno uma vez por semana com o Neomil, na diagramação. Geralmente os títulos de matérias eram solicitados pela diagramação dentro do padrão (coisa que foi introduzida por nós no JM). A matéria era sobre a visita do Ivo Arzua, secretário da Agricultura. Um texto pequeno, cabia apenas em uma coluna. O Neomil pegava os originais das matérias e ia contando linhas e diagramando. O título ele pedia por escrito na própria lauda. O Fernando pegou a lauda da matéria do Ivo Arzua e estranhou a pedida do Neomil: 3x3 (geralmente um título em três linhas com dez toques cada um). Acontece que o Neomil se distraiu e escreveu 3x3. O Fernando, gozador que só ele, não perdeu a esportiva e tascou: IVO VAI VIM. Aos desavisados é bom informar que é óbvio que isso foi só uma brincadeira. O Fernando jamais cometeria um erro desses. Foi só para provocar o Neomil, que imediatamente pediu um outro título de 3x10.” (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/194604927562298>)*

FOTOGRAFIA 11 – Neomil Macedo, diagramador do Jornal da Manhã na década de 1980.



FONTE: Acervo pessoal

3.6 OS JORNALISTAS E FOTOJORNALISTAS

A existência de raros jornalistas graduados em Ponta Grossa permeava as redações de jornalistas amadores ou práticos, alguns deles apenas com o segundo grau (ensino médio) ou cursando alguma faculdade, ainda sem formação, mas que se esforçavam para diariamente publicar as notícias mais importantes da cidade.

O fotojornalismo também era incipiente. Até o final dos anos 1970, os jornais de Ponta Grossa não contavam com fotógrafos próprios. Eles eram buscados nos estúdios fotográficos para fotos de personagens como políticos e autoridades. Ocasionalmente eram solicitadas fotos em eventos sociais – bailes, formaturas – ou fatos específicos, como uma solenidade, acidente ou um incêndio de grande porte. Personalidades da sociedade iam até os estúdios a fim de serem fotografadas para as colunas sociais. As fotos publicadas traziam a marca desse amadorismo jornalístico, aliado ao esforço de produzir em estúdio ou com uma visão de fotógrafo de estúdio, um registro que fosse digno de publicação – um cenário ainda distante das futuras equipes de fotografia em redações mais estruturadas. Neste período, o maior contato do Jornal da Manhã era com o Foto Elite e o fotógrafo Domingos Silva, que muitas vezes era acionado para fotografar eventos para o jornal.

FOTOGRAFIA 12 – Em pé, ao centro mais à esquerda, com camisa xadrez, o fotógrafo Dário Antunes Rodrigues, em evento festivo do Jornal da Manhã.



Fonte: Acervo pessoal

No início da década de 1980 o Jornal da Manhã contava com um fotógrafo próprio – Dário Antunes Rodrigues²³, além de um repórter – Luiz Augusto da Silva²⁴ – que fazia a cobertura policial e também fazia fotos ocasionais. Ambos também realizavam os trabalhos de laboratório. Dário ainda trabalhava, nos finais de semana e em eventos, para o Foto Elite. Ou seja, sua origem também era o estúdio fotográfico ou lojas de fotografias.

Em 1982, com meu ingresso no Jornal da Manhã, logo me interessei pela fotografia e recebi algumas instruções básicas de manuseio de equipamento, passando a atuar como repórter e fotógrafo. O trabalho de laboratório também me foi ensinado e, com isso, o Jornal da Manhã passou a contar com “três” fotógrafos e laboratoristas em seu quadro.

²³ Dário Antunes Rodrigues foi fotógrafo exclusivo do Jornal da Manhã, onde trabalhou até 1983. Também fazia trabalhos ocasionais para o Foto Elite. Atualmente trabalha como fotógrafo de eventos.

²⁴ Luiz Augusto da Silva ingressou no Jornal da Manhã como repórter policial e aprendeu a fotografar. A partir daí, passou a exercer as duas atividades além de também servir como laboratorista. No final de 1982, trocou o Jornal da Manhã pela Rádio Difusora. Atualmente mora no Estado do Rio de Janeiro.

É preciso ressaltar que neste período ainda não havia fotojornalismo de fato, mas fotografias. Com fotógrafos oriundos de estúdios, a ideia era de fotos artísticas, posadas, sem que, necessariamente, contivessem ou transmitissem informações, desde que fossem “bonitas”. As informações seriam repassadas pelos textos e as fotos apenas davam uma ideia do acontecimento ou dos personagens envolvidos.

Com a remodelação ocorrida em 1983 também houve mudanças no setor de fotografia do Jornal da Manhã. Nomes consagrados em estúdios fotográficos passaram rapidamente pela redação. Fotógrafos como Mário Hirano²⁵, Mário Sato²⁶ – ambos com passagens por “A Notícia” e vários estúdios fotográficos da cidade – e Cleon Costa²⁷ – filho do proprietário do estúdio Foto Rubens – fizeram parte do elenco do JM, ao mesmo tempo em que mantinham suas atividades em lojas fotográficas particulares. Mais uma vez fica explícito o uso de fotógrafos de estúdio e não fotojornalistas, profissão que, de fato, não existia em Ponta Grossa. Como dito anteriormente, a chegada destes profissionais levou o Jornal da Manhã a investir em um novo equipamento, com a aquisição de uma máquina analógica Yashika equipada com *motor drive*, o que permitia a realização de fotos com menor intervalo entre cliques, uma vez que o filme era puxado de forma automática. Ao mesmo tempo foi adquirida outra máquina, também analógica e da marca Yashika, não profissional, para uso do repórter policial, que deveria permanecer com ela mesmo quando fora do expediente para eventuais acontecimentos.

Por outro lado, também era comum que esses profissionais não utilizassem os equipamentos fornecidos pelo Jornal da Manhã, mas preferissem suas próprias câmeras e lentes. Com isso, em algumas ocasiões foram também utilizadas lentes teleobjetivas, especialmente em coberturas esportivas. O uso de equipamento particular, de melhor qualidade, produziu fotografias melhores, mas o resultado impresso continuava sofrível em virtude da impressora antiga e defasada que o jornal possuía.

No início da década de 1980 também foram contratados fotógrafos exclusivos para o Jornal da Manhã. Marilson de Paula²⁸ foi o primeiro. Ele ingressou em 1983 como corretor de notícias recebidas por telex e logo foi mudado para laboratorista. Sua formação como fotógrafo

²⁵ Mário Hirano trabalhou no jornal A Notícia e veio para o Jornal da Manhã após o fechamento deste. Teve rápida passagem pelo JM. Mora em Ponta Grossa e continua trabalhando com fotografia de eventos.

²⁶ Mário Sato trabalhou no jornal A Notícia e também veio para o Jornal da Manhã após o fechamento deste. Atualmente mora em Ponta Grossa e trabalha com fotografias de eventos.

²⁷ Cleon Costa, filho de Rubens Costa, proprietário do estúdio Foto Rubens, ingressou no Jornal da Manhã em 1983. Teve curta passagem pelo JM e retornou ao estúdio de seu pai – já falecido –, onde permanece até hoje.

²⁸ Marilson de Paula ingressou no Jornal da Manhã em 1983, inicialmente como laboratorista de fotografia. Logo aprendeu a fotografar e passou a exercer as duas funções. Depois do Jornal da Manhã, Marilson ingressou no quadro de funcionários da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde permanece até os dias atuais.

aconteceu no próprio Jornal da Manhã. As primeiras instruções sobre a arte lhe foram passadas pelo fotógrafo Cleon Costa. Marilson evoluiu rapidamente e as fotos que fazia eram diferentes, pois não traziam os vícios de fotógrafos de estúdio. Pouco tempo depois foi contratado o fotógrafo Israel Kaé²⁹, oriundo do estúdio do Laboratório Multicolor (Carlos Foto), mas que passou a se dedicar com exclusividade ao Jornal da Manhã. Kaé e Marilson revezavam-se em serviços e horários, trabalhando como fotógrafos, laboratoristas e arquivistas. Hoje Marilson de Paula exerce suas atividades no Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Israel Kaé na Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

Estas contratações marcam o início de um novo período dentro da fotografia jornalística em Ponta Grossa. Mas ainda incorporando fotógrafos de ofício ao jornalismo. Dois pontos merecem ser trabalhados nesta pesquisa: o ingresso de não fotógrafos na profissão e a maneira como ocorreu o aprendizado do ofício junto às equipes já existentes na redação do Jornal da Manhã.

FOTOGRAFIA 13 — Típica foto realizada durante o programa “Primeira Página”, transmitido da redação do Jornal da Manhã para a Rádio Santana. Nela, o Jornalista Adail Inglês e o repórter Eder Carlos Wehrholdt entrevistam o então chefe do Setor de Furtos e Roubos da 13ª Sub Divisão Policial, Edson Stadler.



FONTE: arquivo pessoal

A produção de fotos ainda era muito restrita a retratos de personagens, vários deles

²⁹ Israel Kaé era laboratorista do Laboratório Multicolor e lá também fazia algumas fotos. Ingressou no Jornal da Manhã em 1985, permanecendo até 1987, quando migrou para o Diário da Manhã. Atualmente trabalha na Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Ponta Grossa.

políticos ou integrantes da sociedade que visitavam a redação. Algumas destas fotos eram feitas apenas para “não perder a oportunidade”, sempre que alguma personalidade visitava o jornal ou um evento acontecia, e eram deixadas em arquivo para uso futuro conforme necessário. Quando, em 1985, o Jornal da Manhã fundiu-se com a Rádio Santana – arrendada por Gustavo Horst, proprietário do JM – e passou a transmitir um programa de entrevistas no final da noite, chamado Primeira Página, diretamente de sua redação, a produção de “retratos” dos entrevistados foi intensificada.

O Jornal da Manhã tinha como principal pauta as notícias políticas. Eram elas que abriam as páginas internas do jornal e, na maioria das vezes, ocupavam a manchete. Isso acontecia pelo fato de o jornal ser dirigido por Adail Inglês, que já fora vereador, e à época ocupava o cargo de assessor do deputado federal Ary Kfour³⁰. Seu envolvimento com a política ditava regras para as edições e, muitas vezes, influenciava no que e quem era publicado ou não.

É preciso destacar que não ocorriam reuniões de pauta. Cada repórter/redator era responsável pelo fechamento de um determinado espaço do jornal e “corria atrás” de notícias publicáveis. As pautas eram então definidas com ligações telefônicas em busca de novidades ou com base em releases. Outra fonte eram as “indicações” de vereadores ou outras personalidades.

Os repórteres trabalhavam muito “na rua” para a cobertura de eventos. Isso era feito a pé ou, em caso de locais mais distantes, com o uso de ônibus ou de um veículo de propriedade do Jornal. A observação da região por onde passavam trazia outras pautas, como ruas ou ambientes públicos que precisavam de cuidados.

Com isso, os fotógrafos também não tinham ideia do que seria fotografado, ficando no aguardo de algum evento local ou personagem que faria parte de alguma matéria. Quando surgia a oportunidade, o repórter chamava o fotógrafo disponível e ambos seguiam para o local da entrevista ou onde o fato acontecia e, lá, juntos definiam quais fotografias e como seriam realizadas. Como eram fotos analógicas, a quantidade de filme disponível no momento ajudava a definir a quantidade de fotos. Não era possível errar e ainda era preciso torcer para que o filme ficasse bom na revelação.

³⁰ Deputado Federal por Ponta Grossa, pela Aliança Renovadora Nacional, Arena, e depois pelo Partido Democrático Social, PDS, no período 1976-1984.

3.7 AS FOTOGRAFIAS DO JORNAL DA MANHÃ NA DÉCADA DE 1980

Na década de 1980, o Jornal da Manhã organizava-se por editorias, cada uma ocupando duas páginas, mais ou menos fixas. Iniciava com notícias de política, preferencialmente as locais, mas não deixando de lado o cenário estadual ou nacional. Na sequência vinham as notícias da cidade e estaduais. Depois as nacionais e internacionais, alimentadas por notícias oriundas das agências Estado (O Estado de S. Paulo) e AP (Associated Press), que chegavam via telex. Continuava com a coluna social e, para o final do jornal, duas páginas de esportes e outras duas de polícia. A edição dominical também ganhava uma ou duas páginas sobre automóveis e automobilismo, sempre preenchidas com releases e fotos enviadas pelas assessorias das fábricas de automóveis ou assessorias de competidores.

A divisão da redação em editorias, mostra que, mesmo sem um profissionalismo mais profundo, o Jornal da Manhã já seguia um certo *modus operandi* como o descrito por Gaye Tuchman em sua obra *Making News* (1980) e analisados por autores como Antunes (2009), Pimentel e Temer (2012) e Rosa (2010) entre outros. A redação tinha uma certa topografia e cada repórter/redator seu espaço de trabalho, ou melhor, seu espaço a ser preenchido com reportagens em cada edição do matutino.

As fotografias mais comuns, feitas pelos profissionais do Jornal da Manhã, eram as de entrevistados para alguma matéria. A limitação imposta pelo filme analógico era um empecilho para que várias imagens do mesmo tema fossem feitas. Quase sempre eram apenas dois ou três cliques. A foto era feita no local do encontro e, normalmente, o fotógrafo dizia como ou onde o personagem deveria se posicionar para o retrato. Quando era fotografado algum evento – uma reunião ou palestra – havia o cuidado de fazer ao menos uma imagem mostrando público e o personagem principal. Mas fotografias de pessoas individuais não deixavam de ser feitas e muitas vezes eram as escolhidas para ilustrar a reportagem da página interna, ainda que transmitissem poucas informações do fato. Fotos mais informativas eram escolhidas para a primeira página.

No setor esportivo ocorria o mesmo. Usavam-se muitas fotos de equipes de futebol ou outro esporte na clássica pose com alguns agachados e outros em pé. Também eram comuns as fotos de atletas individuais, mostrando rosto e parte superior do corpo. No caso de um evento esportivo, poderia ser feita alguma imagem mostrando a movimentação dos atletas, mas com poucos detalhes. A inexistência de lentes teleobjetivas, exceto quando o profissional usava seu próprio equipamento ou emprestava de terceiros, impedia o registro de algum lance específico como um gol. Mas não era incomum o uso de imagens publicadas em revistas ou outros jornais

– especialmente para as edições de terça-feira, quando eram usadas fotos de jornais de Curitiba ou São Paulo que circulavam na segunda-feira. Mas sem citar a fonte ou o autor.

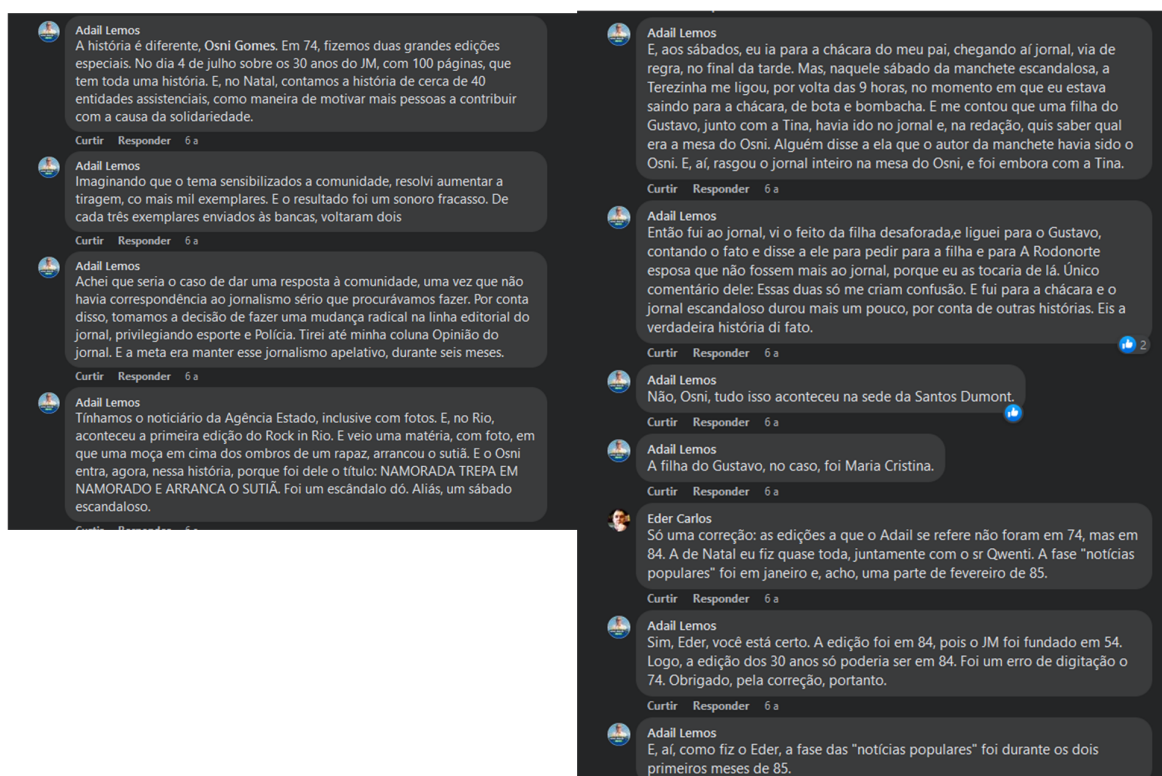
Um capítulo à parte eram as fotografias policiais. Nessa época, os suspeitos detidos eram todos fotografados e, quase sempre, seus rostos estampados no jornal. Não existia, ainda, a legislação que preserva o suspeito até que seja realmente considerado culpado e réu. Também eram feitas imagens de menores, alguns deles não passando de crianças com oito ou nove anos. Uma tarja fina cobria seus olhos e a foto ocupava a página policial, tendo como legenda as iniciais, a idade e, quase sempre, a alcunha do retratado. Na maioria das vezes, as tarjas não impediam o reconhecimento da pessoa fotografada. Cópias dessas fotos eram cedidas à Polícia, que as inseria em seus "álbuns" de suspeitos, oferecidos às vítimas para tentativa de identificação dos autores de crimes.

As páginas policiais também eram ilustradas com fotos de acidentes de trânsito, incêndios, bens furtados e recuperados ou mesmo de pessoas vítimas de homicídio ou, ocasionalmente, suicídio. Estas últimas fotos eram selecionadas com mais cuidado, de forma a não causar grande comoção. Mas isso não impedia que cenas dantescas fossem incluídas. Algumas vezes, vítimas de crimes foram fotografadas no IML, o que produzia fotos ainda mais bizarras.

No grupo de memórias “Turma do JM”, na rede social *Facebook*, o jornalista Adail Inglês conta que em meados da década de 1980, o comércio e indústria de Ponta Grossa preferia canalizar seus recursos publicitários a jornais e emissoras de TV de Curitiba. Com isso, a imprensa de Ponta Grossa ficava desprestigiada e com poucos recursos para se manter. Como resposta, em janeiro de 1985 o *Jornal da Manhã* adotou uma postura diferente, nada conservadora. Durante pouco mais de um mês suas páginas passaram a dar mais importância ao noticiário policial, com manchetes e fotos no melhor estilo “*Notícias Populares*”³¹. Também adotou uma linguagem mais popular. Neste período foram inseridas fotos de vítimas de homicídios, sem qualquer censura. Uma imagem em especial, de uma mulher não identificada, assassinada em condições de muita violência, ocupou as páginas por vários dias, como “auxílio na busca da identidade” da vítima. Essa foto foi realizada no IML e a imagem não era nada agradável. Além desta, outras semelhantes ou retratando muita violência, também foram utilizadas no período. É preciso dizer que, diferente de outros períodos, as vendas avulsas cresceram e poucos exemplares eram devolvidos pelas bancas de revista da cidade.

³¹ Notícias Populares foi um jornal editado em São Paulo, que circulou de outubro de 1963 a janeiro de 2001. Trazia notícias popularescas, muitas delas fantasiosas, com manchetes e imagens apelativas. (<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/noticias-populares>) (acesso em 18/ago/2023)

FOTOGRAFIAS 14 e 15 – *Prints* de memórias contidas no grupo “Turma do JM”, no *Facebook*, onde é explicada a fase popularasca do Jornal da Manhã, em 1985.³²



FONTE: *Facebook*

Adail conta que ao final de aproximadamente um mês, lideranças da sociedade, comércio e indústria de Ponta Grossa e outras associações de classe se reuniram com a direção do Jornal da Manhã, pedindo o fim da fase “*Notícias Populares*”. Houve promessa de um maior investimento na publicidade em veículos da cidade. Com isso o Jornal da Manhã voltou a ser mais recatado e conservador como antes. As fotografias voltaram a mostrar mais personalidades. Nas páginas policiais as fotografias e notícias voltaram a ser mais selecionadas, para não causarem grande impacto na sociedade.

3.8 O FOTOJORNALISMO NO JORNAL DA MANHÃ

Como já visto, o jornal A Notícia tinha um time de fotógrafos e suas páginas eram recheadas de fotos jornalísticas de qualidade. Mas essa mídia teve vida curta e logo

³² <https://www.facebook.com/groups/194604927562298> - O grupo Turma do JM é fechado, sendo necessário solicitar autorização para ingresso.

desapareceu. No início dos anos 1980, Ponta Grossa voltou a ter apenas os jornais mais antigos - Diário dos Campos e Jornal da Manhã.

A existência de fotógrafos não oriundos de estúdios (Marilson de Paula e eu) marcou a busca de fotos que não apenas retratassem um fato ou evento, mas que trouxessem alguma informação adicional, que marcassem o momento único em que foram obtidas. Mesmo os demais fotógrafos que passaram pelo Jornal da Manhã buscaram realizar fotografias que não fossem apenas um retrato, mas que se colocassem como parte integrante da notícia, com informações adicionais que o texto não podia transmitir.

A busca de uma nova forma de fotografar, aprendida a partir da observação do que se fazia em outros jornais - uma vez que não havia uma escola de fotojornalismo disponível - levava a tentativa de encontrar novos enquadramentos ou fotos em sequência que demonstrassem a ação do acontecimento. Em sua entrevista, Marilson de Paula lembra que ao chegar ao jornal, sempre olhava os jornais (Gazeta do Povo, Tribuna do Paraná, Folha de São Paulo, Folha de Londrina e outros) que ficavam disponíveis na redação e, com isto observava as fotos publicadas e tentava replicá-las em seu trabalho para o Jornal da Manhã.

Um exemplo foi a sequência de fotos que fiz com uma câmera Praktica, sem motor drive – o que exigia puxar o filme após cada disparo, por ocasião da enchente do Rio Tibagi, nas imediações da atual Ambev. Ao longo de vários dias a cheia impediu o trânsito de veículos entre Ponta Grossa e o Norte do Paraná pela BR 376. Durante uma visita ao local, percebi que um motociclista tentava cruzar o trecho alagado a bordo de um barco. Fotografei a moto sendo colocada sobre a embarcação, o início da travessia e, numa sequência de três cliques, a queda do veículo na água. A sequência ocupou uma das páginas do jornal no dia seguinte, ilustrando a matéria sobre a enchente.

Essa mudança de atitude dos fotógrafos aconteceu, como já dito, principalmente em virtude do incentivo que sempre existia de consumir os diversos jornais e revistas que ficavam à disposição. Para os repórteres e redatores isso servia como um laboratório de como produzir um texto. Para os fotógrafos, de como fazer fotos mais jornalísticas e menos artísticas.

Isso nos leva a observar as mudanças que ocorreram nos processos de rotina de produção. Já não eram mais feitas apenas as fotos de bonecos ou que somente retratassem um fato. As fotos passaram a narrar o acontecimento, ou, ao menos, auxiliar com detalhes que as letras não podiam trazer.

3.9 ARQUIVO FOTOGRÁFICO

O Jornal da Manhã possuía um sistema bastante rústico de arquivo de fotos. Na sala das máquinas de Telex havia um armário de metal com três ou quatro gavetas e, nelas, as fotos eram dispostas por editorias – política, geral, esportes, social, policial, agro e outras. Fotos de pessoas eram identificadas com nome e data, muitas vezes datilografadas no verso, o que danificava a imagem. Também podia ser acrescentada alguma outra informação, como o evento em que o retrato foi obtido. Fotos policiais ganhavam pouca informação, quase sempre algo lógico, como “acidente” ou “incêndio”. As fotos de suspeitos detidos eram identificadas com o nome ou iniciais e a alcunha do fotografado.

Atualmente, a localização deste acervo é incerta. Quando o atual grupo detentor da marca “Jornal da Manhã” a adquiriu, não levou junto arquivos e maquinário e nem mesmo os volumes das edições anteriores. A preocupação foi em ficar com o nome, não se importando com a história que ele carrega. Há a possibilidade de que alguma coisa esteja guardada junto com os demais itens que compunham o grupo Gustavo Horst, que faliu. Uma das propostas iniciais de meu plano de pesquisa era tentar localizar este acervo, bem como solicitar a doação do mesmo à UEPG, mas os resultados foram insatisfatórios.

3.10 COOPERANDO COM A POLÍCIA

No início da década de 1980, a Polícia Militar executava um papel diferente na sociedade, reprimindo a ação de grupos “contra” o poder estabelecido. Era o período do final da ditadura militar e, por isso, eventos que envolvessem alguma mobilização de populares recebiam maior atenção.

Em 1982, por exemplo, o prefeito Luiz Carlos Zuk tentou criar um terminal de ônibus na Praça Barão do Rio Brando. Para isso, seria necessário derrubar várias árvores e abrir uma rua em meio à praça. Universitários e professores da UEPG formaram um grupo de luta contra a retirada das árvores, subindo e se acorrentando a elas, além de promover manifestações na praça. Um grupo chegou a acampar no local. Isso rendeu um bom número de fotografias e algumas foram usadas nas edições do Jornal da Manhã. Outras foram apenas arquivadas.

Após eventos como esse, além de outros como greves, manifestações estudantis e assemelhados, era comum a visita de policiais da P2³³ em busca de fotografias que ajudassem

³³ Grupo de policiais militares que trabalham à paisana, executando serviços de inteligência e investigação.

a identificar possíveis militantes ou “arruaceiros”, como eram chamados. Os policiais escolhiam as fotos que lhes interessavam e as levavam. Também era comum irem ao jornal em busca de fotos de detidos por outras polícias.

Esta “colaboração”, um tanto forçada, um tanto concedida, mostra como o conservadorismo político e social do Jornal da Manhã ia ao encontro das autoridades militares e políticas da época, bem como, em certa medida, o apoio que dava a elas.

3.11 NOVO CICLO

Em 1987, o editor do Jornal da Manhã, Adail Inglês, fundou o jornal Diário da Manhã. Em formato Berliner, *offset* em preto e branco, era impresso em Curitiba e tinha boa qualidade de apresentação. Com isto, parte dos profissionais do Jornal da Manhã migrou para este novo periódico.

Com a saída da maior parte dos repórteres/redatores do Jornal da Manhã para o novo periódico, também migrou o fotógrafo Israel Kaé. Marilson de Paula, nessa época, já trabalhava na Universidade Estadual de Ponta Grossa. É interessante destacar que neste período mais repórteres/redatores haviam sido contratados, ao ponto de não haver mesas e máquinas de escrever suficientes para todos, e que vários deles também faziam fotos. Como paliativo, o Jornal da Manhã voltou a recorrer a um estúdio fotográfico para o suprimento de um laboratorista em tempo parcial. Como um dos que ficou no Jornal da Manhã, ocasionalmente eu também fiz este serviço.

3.12 SEM REGISTRO E SEM CRÉDITOS

Durante muito tempo apenas o editor do Jornal da Manhã – Adail Inglês – e o chefe de redação – Osni Gomes – eram jornalistas detentores de registro profissional provisionado junto ao Ministério do Trabalho. Isso implicava que somente seus nomes poderiam aparecer como assinantes de matérias ou colunas. O Sindicato dos Jornalistas, com base em Curitiba e sem representação em Ponta Grossa, mantinha certa vigilância e, sempre que surgia um nome diferente como autor, encaminhava correspondência pedindo que fosse confirmado sua formação acadêmica e seu registro junto à entidade. Isso resultava em que a quase totalidade das notícias veiculadas não tinha autoria.

O mesmo ocorria com as fotos, que não recebiam o devido crédito para seu autor. Assim, um levantamento da produção fotográfica de cada fotógrafo que passou pelo Jornal da

Manhã é uma missão praticamente impossível. Pode-se inferir quais foram observando o período em que cada um trabalhou. Mas a existência de mais de um profissional no mesmo período dificulta o estudo.

Para nossa pesquisa entrevistamos alguns profissionais que estiveram envolvidos com o processo de produção do Jornal da Manhã na década de 1980. Conversamos com o editor, Adail Inglês, os fotógrafos Marilson de Paula e Israel Kaé, e o diagramador Neomil Macedo. A transcrição das mesmas encontra-se nos anexos deste trabalho, a partir da página 138.

CAPÍTULO 4

A FOTOGRAFIA NO JORNAL DA MANHÃ – UMA VARREDURA NAS EDIÇÕES DIÁRIAS DA DÉCADA DE 1980

Para entendermos o que aconteceu com a fotografia jornalística do Jornal da Manhã na década de 1980 não poderia faltar uma análise daquilo que foi publicado. A Casa da Memória Paraná, localizada à Rua Coronel Dulcídio, ao lado da Mansão Vila Hilda, em Ponta Grossa, possui quase todo o acervo das edições publicadas naquele período. Há algumas lacunas, às vezes de dois ou três dias, mas com o que está disponível é possível entender como tudo funcionava. Durante parte do ano de 2023 estivemos ao menos uma vez por semana folheando as edições, sempre observando os cuidados solicitados pela Casa da Memória, como o uso de luvas para o manuseio dos cadernos.

Devido à exiguidade de tempo, delimitamos a varredura das edições a três por ano: janeiro, julho e dezembro. A escolha destes meses não foi aleatória. A opção por janeiro se deu por ser o primeiro mês do ano. Julho por ser um mês de meio de ano e o mês do aniversário do Jornal da Manhã (foi fundado em 04 de julho de 1954) e algumas vezes marcou a data com edições especiais. E dezembro por ser o último mês do ano, também marcado por algumas edições especiais em função das festas natalinas.

Outro aspecto interessante é a mudança de formato. Até dezembro de 1979 o Jornal da Manhã circulava no formato standard e, a partir de janeiro de 1980 passou a circular no formato meio-standard, quase sempre com 16 páginas, exceto aos domingos quando o caderno contava com 24, 32 ou até 48 páginas.

Neste período, o Jornal da Manhã circulava, aos domingos, com a inclusão de cadernos especiais, como o Imobiliário, Agropecuário, Bairros e Automóveis. Nenhum destes cadernos circulou de forma continuada. O mais longo foi o Imobiliário, que era feito com anúncios pagos pelas imobiliárias, as quais também se responsabilizavam por enviar o conteúdo a ser publicado. Os demais circulavam conforme a disponibilidade de pessoal para a sua confecção. Os cadernos Agropecuário e Automóveis usavam muito material enviado por assessorias, mas também tinham algum material de produção própria.

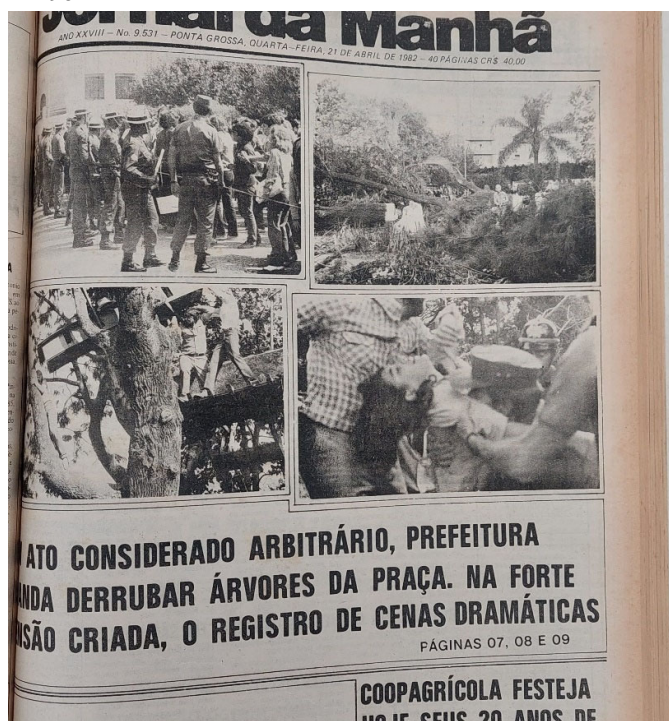
Durante a investigação nas edições, fomos anotando o número de fotografias incluídas em cada editoria, a saber, Capa, Política, Local/Geral, Social, Esportes e Policial. Constatamos que a média diária era de vinte fotografias. Também foram anotadas as fotografias frutos de recortes ou cuja origem em assessorias pode ser identificada. Em média, seis imagens/dia eram oriundas destas fontes. Mas essa identificação ficou mais difícil quando enviadas pelas

assessorias da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa ou da Universidade Estadual de Ponta Grossa, por exemplo, uma vez que, neste período, não havia indicação de autoria das fotografias, nem das matérias publicadas.³⁴

4.1 CAPAS

As capas do Jornal da Manhã na década de 1980, com raras exceções, sempre tiveram fotos ilustrando a manchete e outras matérias de destaque. As exceções foram algumas capas de datas especiais, como Ano Novo ou Natal, em que foram ilustradas com desenhos do chargista Ireno José. Nas demais edições avaliadas estavam em média duas ou três fotos, e em algumas ocasiões chegaram a ser até seis imagens ilustrando a primeira página.

FOTOGRAFIA 16 – Capa sobre o corte de árvores na Praça Barão do Rio Branco, abril de 1982.



FONTE: o autor

É interessante observar que as fotos que ilustravam a capa não se repetiam no interior do jornal, mostrando uma preocupação em sempre ter mais que uma imagem. Isso demonstra

³⁴ Uma possível solução seria reunir os fotógrafos, do período pesquisado, e com eles folheando os exemplares disponíveis na Casa da Memória Paraná, tentar identificar quais fotos fizeram. Assim, talvez, algumas imagens tivessem seus autores identificados.

também a preocupação do fotógrafo em produzir um número maior de fotos, dando possibilidade a escolha das que melhor traduzissem o fato ou evento retratado. Israel Kaé, em sua entrevista, narrou que sempre havia preocupação com a fotografia de primeira página, que tinha que ser mais expressiva que as demais.

As fotos de capa, na maioria dos casos, são mais chamativas que as internas, dando ao leitor uma expectativa do que encontrará no interior do jornal³⁵. No entanto, também foram verificados muitos bonecos, especialmente em notícias políticas, além de várias imagens de prédios, quando a manchete chamava a atenção para algo que seria realizado na cidade.

Percebe-se que há a preocupação de ir até o local do fato para retratá-lo e trazer mais informação ou, ao menos, complementar de forma lúdica a notícia escrita. Isso demonstra que as equipes de reportagem não ficavam apenas na redação, mas saíam à rua para a cobertura dos fatos que ocorriam em Ponta Grossa e região.

Algumas edições trouxeram a capa toda tomada por fotografias, mostrando a importância da imagem para dar a manchete em questão. Em outros casos, as imagens ocuparam mais da metade da capa, quase ao estilo do jornal *Última Hora*, mas sem o texto dentro da foto, algo difícil de ser realizado com o equipamento então disponível no Jornal da Manhã.

A tentativa de fazer um fotojornalismo mais abrangente também aparece nas capas do Jornal da Manhã. Um exemplo é a capa que noticiou o fracasso das negociações entre Reino Unido e Argentina por ocasião da Guerra das Malvinas. Sem ser assinante de fotos de agências de notícia e sem recursos para mandar um fotógrafo ao *front* da guerra, os profissionais recorreram a fotografias de noticiário de TV. Na redação existia uma TV em preto e branco. O fotógrafo postou-se diante dela e fez algumas fotos. Uma delas ilustrou a capa da edição de 30 de abril de 1982.

³⁵ Ingressei no Jornal da Manhã, em abril de 1982, totalmente sem experiência de redação. A bem da verdade, tinha tido uma rápida passagem pelo Diário de Ponta Grossa, como entregador e “observador da redação” como eram estimulados os jornalheiros. Num primeiro momento acompanhei a rotina de outros colegas. Mas logo fui escalado para a primeira reportagem. Fui, entrevistei, observei e no retorno escrevi a matéria, como descrito em outro local deste trabalho. Quando levei ao editor chefe Adail Inglês, ele corrigiu, fez várias observações e indicações e, ao final, disse: “Pense sempre na primeira página. O primeiro objetivo de um repórter é ter sua matéria publicada. Mas o grande objetivo é que sua matéria esteja na primeira página, de preferência como manchete principal.”

FOTOGRAFIA 17 – Fotografar TV foi um recurso usado para confecção de imagens de eventos mundiais ou nacionais.



FONTE: o autor

4.2 POLÍTICA

A direção do Jornal da Manhã era do jornalista Adail Inglês. Com forte ligações políticas – foi vereador de Ponta Grossa pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), assessor do deputado Ary Kffuri, na década de 1980, filiado à ARENA e depois ao extinto Partido Democrático Social (PDS) – também era o responsável pela editoria política do matutino. O fluxo de políticos de todas as vertentes, situação e oposição, era grande em sua sala. Ainda assim, a editoria política quase sempre era desguarnecida de fotos. Ocasionalmente uma ou, no máximo, duas eram estampadas nas duas páginas da seção. Por outro lado, em ocasiões especiais como homenagens a políticos ou a diplomação de eleitos, o número de fotos políticas aumentava, além das páginas normais, a editoria de política ganhava outras que eram recheadas com as fotos. Nestas ocasiões específicas, as imagens sempre foram feitas por fotógrafos do Jornal da Manhã.

Apesar do forte apelo político do editor chefe, a editoria de Política restringia-se a duas páginas, sendo que a cobertura da política local, em boa parte do tempo, ficava restrito aos escritos das colunas mantidas por Adail Inglês. Poucas fotos foram encontradas nestas páginas.

Pela sala de Adail passaram todos os grandes nomes políticos de Ponta Grossa da década de 1980, bem como alguns do Estado do Paraná. À época, Ponta Grossa tinha vários deputados estaduais e federais. E estes, sempre que estavam em Ponta Grossa iam conversar com o editor do Jornal da Manhã. O que mais passava por lá era o deputado federal Ary Kfourir, de quem Adail era assessor.

Fotografia 18 – Bonecos de políticos da cidade



Fonte: o autor

FOTOGRAFIA 19 – Reunião de políticos de Ponta Grossa e do Estado do Paraná, na sala de Adail Inglês.



FONTE: o autor

As fotos que ilustravam as páginas desta editoria, quase sempre eram bonecos, fotos de rosto, dos políticos citados nas matérias. Porém também foram encontradas fotos abrangentes, mostrando os participantes da reunião ou da entrevista, conforme o caso. Fotos

recortadas de revistas ou de outros jornais também eram comuns, ilustrando matérias do cenário nacional ou estadual.

FOTOGRAFIA 20 – Homenagem ao governador eleito, José Richa, em Ponta Grossa, edição de 23 de dezembro de 1982.



FONTE: o autor

4.3 LOCAL/GERAL

O maior número de fotografias de cada edição estava, quase sempre, na editoria Local/Geral. Essas matérias abordavam o cotidiano de Ponta Grossa e, em média, traziam cinco imagens por edição.

Destacando os temas do cotidiano da cidade, essa editoria quase sempre tinha fotos ilustrando suas matérias. As notícias podiam ter origem na redação do Jornal da Manhã ou nas assessorias da Prefeitura Municipal ou da Universidade Estadual de Ponta Grossa³⁶. Como não

³⁶ Além destas assessorias, também o escritório da Secretaria Estadual de Agricultura tinha um assessor e enviava matérias com fotografias.

há informação de autoria do texto ou das fotos, fica impossível saber qual a origem exata. Em alguns casos é possível fazer uma dedução, mas sem que haja certeza.

Nesta editoria é possível observar um bom número de fotografias jornalísticas. A média é de cinco fotos por edição. Mas também foram verificados picos em que o número de fotos chegou a 15 ou até 24 fotos, especialmente na cobertura de eventos especiais. O Jornal da Manhã também fez edições especiais com 100 páginas ou mais, como por ocasião de seus 30 anos, ou no Natal de 1984. Nestas edições, especificamente, o número de fotos da editoria local/geral chegou a 153 e 177, respectivamente.

As notícias publicadas mostram que havia uma certa sintonia entre o Jornal da Manhã e a Prefeitura de Ponta Grossa. Muitas das informações dão conta de ações promovidas pelo poder executivo municipal. Isso demonstra o uso de material de assessoria, bem como o uso da Prefeitura e suas secretarias como fonte primária de informações. Além disso, percebe-se que as saídas de repórteres para as ruas também propiciavam matérias, uma vez que em vários casos percebe-se que o fato foi verificado *in loco* e transformado em notícia.

É importante observar que, a partir de meados de 1985, o grupo Gustavo Horst, proprietário do Jornal da Manhã, arrendou a Rádio Santana. Com isso houve uma integração entre as redações³⁷. Muitos dos repórteres que atuavam no jornal impresso também passaram a ter programas ou produzir textos para o noticiário falado. Além disso, a sala do editor Adail Inglês ganhou um “estúdio”, com a instalação de microfones e, de segunda a sexta feira um programa de entrevistas era transmitido diretamente deste local. O programa Primeira Página ia ao ar a partir das 22 horas, com previsão de término à meia noite, mas sem um horário certo de encerramento. Em algumas ocasiões entrou madrugada à dentro. Raras vezes foi encerrado antes do horário previsto³⁸.

Além da transmissão pela Rádio Santana, as notícias também estavam na edição do dia seguinte do Jornal da Manhã, algumas como manchete de capa. Por esse programa passaram nomes ligados a todos os setores da cidade, sendo entrevistados pelo editor Adail Inglês e por repórteres do Jornal da Manhã. Essas entrevistas criaram um novo nicho de fotografias, uma vez que a notícia ia até a redação do jornal. Conforme relata o fotógrafo Israel Kaé em entrevista concedida ao autor (vide página 152), ele ficava de plantão para o registro das entrevistas ao

³⁷ De fato, não havia redação na Rádio Santana. Assim, a redação do Jornal da Manhã, ou parte dela, também elaborava os noticiosos da emissora. Em alguns casos, também fazia a locução.

³⁸ O horário era incomum para um programa de entrevistas. Quem ouviria? Adail Inglês conta em sua entrevista que, ao se transferir para o Diário da Manhã e encerrar o programa Primeira Página, várias pessoas lhe perguntaram se não voltaria a apresentar, pois estavam acostumadas a ouvi-lo.

Primeira Página. Enquanto isso, outro fotógrafo estava disponível para eventuais acontecimentos pela cidade.

FOTOGRAFIA 21 – Capa do Jornal da Manhã com três fotografias feitas durante o programa Primeira Página



FONTE: o autor

Outro aspecto importante a ser destacado nesta editoria, é a realização de edições especiais. Nas edições averiguadas foram encontradas duas delas.

A primeira por ocasião dos 30 anos do Jornal da Manhã, em 04 de julho de 1984. Esse especial contou a história de vários setores de Ponta Grossa, como sociedade, indústria, setor político, imprensa etc., e teve um total de 100 páginas, com 153 fotos apenas na editoria Geral. No total, a edição contou com 208 fotografias, algumas feitas especialmente para a ocasião e outras de arquivo.

A outra edição especial aconteceu no Natal de 1984, contando com um total de 80 páginas. Nelas foram abordados aspectos de todas as entidades assistenciais que à época existiam em Ponta Grossa. Foram incluídas 177 fotos nesta edição, mostrando detalhes dos

locais historiados.³⁹

Conforme relata em sua entrevista o jornalista Adail Inglês (vide página 138), editor do Jornal da Manhã à época, essa segunda edição especial não teve o sucesso que foi esperado. As vendas foram baixas e quase toda a tiragem, de cerca de três mil exemplares, foi devolvida às oficinas do jornal. Isso provocou uma reviravolta na editoria, que ficou conhecida como “fase *Notícias Populares*”, com ênfase no policial e no esporte, iniciada em 01/01/1985 e perdurando até o final de fevereiro do mesmo ano.

Além das edições especiais, a editoria Geral também contou com um caderno especial chamado “Caderno dos Bairros”, que circulava com periodicidade não regular. Neste caderno eram incluídas reportagens e fotos feitas especialmente para ele, mas também era aproveitado material das assessoria de imprensa da Prefeitura de Ponta Grossa e da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

FOTOGRAFIA 22 – Capa do Caderno dos Bairros

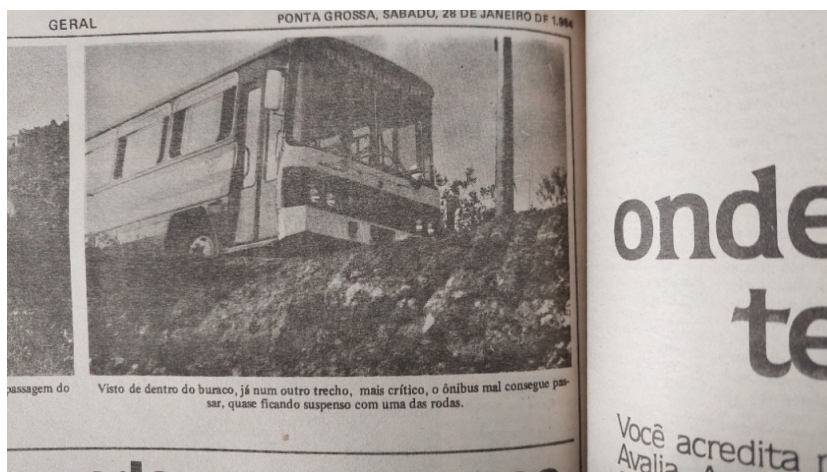


FONTE: o autor

³⁹ Esta edição, eu fiz quase que totalmente. Previamente conseguimos junto à Prefeitura de Ponta Grossa uma listagem com o nome e endereço de todas as entidades de assistência social que existiam à época. A equipe básica era eu, um motorista, e o senhor Queenti Matsuura (1931-2020), que ficava na redação e fazia os ajustes finais dos textos a serem publicados. Eu ia à sede do local a ser reportado. Entrevistava os responsáveis, bem como pessoas que recebiam o atendimento, fazia algumas fotos, voltava à redação e escrevia um primeiro texto que era encaminhado junto com fotos para o Sr. Queenti. Este lia e conversávamos sobre o mesmo. Depois ele fazia um texto final, dentro do previsto pela diagramação. Detalhe importante é que, além deste trabalho especial, ainda tinha minha rotina diária, na época como repórter/redator policial, precisando preencher duas páginas do Jornal da Manhã.

O fotojornalismo pode ser observado em várias fotos desta editoria. Uma delas chama a atenção, por mostrar o esforço em dar um novo ponto de vista para o fato noticiado. O fotógrafo, no caso, colocou-se dentro de um buraco que prejudicava e colocava em risco usuários de uma rua de Ponta Grossa. A legenda da foto complementa a imagem, que mostra um ônibus a pouca distância da beira do buraco.

FOTOGRAFIA 23 – Foto feita do interior do buraco que prejudicava o trânsito numa rua de Ponta Grossa.



FONTE: o autor

Em outra reportagem, por ocasião de um período com muita chuva na região, o fotógrafo tentou mostrar como a população estava sendo afetada com problemas que já eram recorrentes. Numa saída da redação para os bairros da cidade, a equipe de reportagem encontrou uma família que caminhava debaixo da chuva sem qualquer proteção. Em outro local, caminhões estavam atolados no lamaçal que se formou. As fotografias mostram o esforço em produzir um fotojornalismo que mostrasse a realidade e desse à notícia o contexto do que acontecia pela cidade.

O fotojornalismo inserido nessa editoria também serviu para ajudar na denúncia de abusos, seja por parte de comerciantes, como por ocasião de uma série de reportagens sobre a inobservância do Código de Postura, seja por abusos cometidos pela Polícia Militar, então responsável pelo policiamento de trânsito.

FOTOGRAFIA 24 – Fotos que capturam o drama vivido pelos ponta-grossenses em um período de muita chuva na cidade.



FONTE: o autor

O Código de Postura proibia, e proíbe, o uso de calçadas como local de depósito ou de exposição de materiais comercializados. Apesar disso, os abusos eram muitos. Os fotógrafos do Jornal da Manhã saíam às ruas em busca dos locais que utilizavam as calçadas para expor materiais ou até mesmo para realizar serviços, como em mecânicas e borracharias.

Já os abusos cometidos pela Polícia Militar aconteciam contra o Jornal da Manhã, como represália a reportagens que mostravam as atitudes tomadas por integrantes desta força policial. Desgostosos com a repercussão, conforme consta nas notícias, procuravam formas de “vingança” perseguindo os veículos do Jornal da Manhã, parando-os sem razão e submetendo-os a vistorias e revistas com o objetivo localizar algo que motivasse alguma multa.

Uma destas ocasiões ganhou destaque na capa e em página interna. O veículo com uma equipe de reportagem transitava pela rua Augusto Ribas e foi parado por dois policiais militares que pediram documentação. O fotógrafo que estava no carro começou a fazer fotos da ação policial. Mesmo intimidado, o fotojornalista continuou seu trabalho, flagrando, a poucos metros, outro policial conversando com duas moças, sem se preocupar com o trânsito ao seu

redor.

FOTOGRAFIA 25 – As fotos da abordagem dos policiais militares ao carro do Jornal da Manhã, enquanto outro policial conversa com pedestres sem se preocupar com o trânsito, ilustraram matéria de página inteira.



FONTE: o autor

4.4 ESPORTES

Outro editorial que também teve uma média de cinco fotos por edição é a de Esportes. Mas, em ocasiões em que havia provas de turfe no Jockey Club de Ponta Grossa, podiam ser inseridas mais fotos dos animais e jóqueis vencedores de cada páreo. É importante ressaltar que neste período o Operário Ferroviário Esporte Clube, principal equipe de futebol de Ponta Grossa e seu representante no Campeonato Paranaense, disputava apenas este certame, restrito ao período janeiro a março. Com isso é possível observar que em outros campeonatos ao longo do ano, como o Brasileiro, as matérias eram ilustradas com imagens recortadas de jornais ou revistas especializadas.

Sem ter um equipamento fotográfico adequado para uso em esportes, as fotos retratam o esforço que os fotógrafos faziam para mostrar o evento esportivo. Em suas entrevistas, tanto o fotógrafo Marilson de Paula, quanto Israel Kaé, falam da falta de um equipamento mais

adequado e que, várias vezes, recorriam a fotógrafos particulares pedindo que lhes emprestassem uma teleobjetiva que permitisse um bom trabalho fotográfico, especialmente em jogos do Operário no Germano Krüger.

O Jornal da Manhã também cobria eventos esportivos amadores. Torneios realizados por entidades como SESC – Serviço Social do Comércio – e SESI – Serviço Social da Indústria – eram assíduos da editoria esportiva. Elas promoviam torneios de futebol de salão ou vôlei. Também existia a cobertura de partidas de futebol amador da cidade. As fotos mostravam equipes participantes dos eventos. No período avaliado não foi encontrada nenhuma foto de um lance das partidas.

FOTOGRAFIA 26 – Fotos de equipes participantes de torneios realizados em Ponta Grossa.



FONTE: o autor

Atletas pontagrossenses também eram frequentes nestas páginas. O mais assíduo foi o corredor Gentil Custódio de Melo, que participou de provas como a São Silvestre, em São Paulo e de outras a nível nacional. Neste caso, as fotos eram bonecos dos atletas e não de momentos dos eventos esportivos.

Fotos do jornal *Gazeta Esportiva* ou da revista *Placar*, entre outros, foram recortadas⁴⁰ e usadas em várias ocasiões, principalmente para ilustrar matérias de âmbito nacional ou mundial. Nas edições analisadas não foi encontrada qualquer menção à origem destas fotos.

⁴⁰ Internamente chamava-se isso de “recortagem”. Ocasionalmente, também eram recortadas matérias inteiras de outros jornais e revistas e enviadas à composição apenas com a correção de datas. Isso acontecia em editorias como a de esportes, mas também com matérias de abrangência nacional e de interesse dos pontagrossenses. Esta prática foi mais comum antes da implantação da diagramação das páginas.

FOTOGRAFIA 27 – Foto da seleção da Itália, campeã em 1982, recortada de outro jornal e publicada na edição de 22 de julho de 1982.



FONTE: o autor

4.5 POLICIAL

A editoria Policial manteve uma média de três fotos por edição. Mas foram contatadas ocasiões em que até dez fotos foram inseridas. As fotografias de polícia registram acidentes, mostrando veículos danificados, casos de homicídio e até suicídio e muitos bonecos – fotografia que apresenta apenas o rosto de um indivíduo – de autores de crimes como roubos, furtos, assaltos ou assassinatos. Algumas vezes também foi usado esse tipo de fotografia para retratar vítimas, especialmente de acidentes fatais ou assassinatos.

Nesta editoria, é preciso destacar as imagens de menores. Elas eram muito comuns. Não havia grande preocupação com o reconhecimento dos envolvidos, muitas vezes crianças de menos de dez anos. No máximo, colocava-se uma fina tarja sobre os olhos. Mas a legenda trazia as iniciais, a idade e até o apelido do “criminoso”. No texto também era comum identificar os pais, endereço ou em qual vila ocorreu o fato. A prática era comum na época, sendo observável também em outros veículos de comunicação.

O espaço policial também promoveu fotos de acidentes com vítimas. A edição de 21 de janeiro de 1982, por exemplo, traz a imagem de um “lambretista” morto, debaixo de um caminhão. Essa mesma edição teve cinco fotos ilustrando a página policial. Além da foto já citada, também trouxe o motorista do caminhão do acidente com vítima fatal, dois veículos envolvidos em outros acidentes e a de um menor desaparecido.

FOTOGRAFIA 28 – Foto de menores, cobertos por uma tarja minúscula e identificados por iniciais. No texto acima da foto foi citada a filiação e o endereço dos menores.



FONTE: o autor

FOTOGRAFIA 29 – Página policial da edição de 21 de janeiro de 1982, mostrando o “lambretista” morto.



FONTE: o autor

4.6 SOCIEDADE

O Jornal da Manhã tinha uma coluna Social diária escrita pelo jornalista Leocir Passeti⁴¹, o Léo. Ela trazia, de terça a sábado, três fotos. Aos domingos o número subia para seis. Porém, existiam também outras colunas sociais, com periodicidade semanal. Uma delas era dedicada exclusivamente a crianças. Outras eram patrocinadas por clubes da cidade. Com isso, em algumas edições, a quantidade ultrapassava 20 fotos, contando todas as colunas. Nelas observam-se imagens feitas em estúdio, com apuro de produção, bem como de eventos fotografados por fotógrafos do jornal. As fotos de crianças também traziam algumas feitas em estúdios, mas a maioria era artesanal, caseira, notadamente produzidas com equipamento amador. Essas últimas eram entregues na recepção do Jornal da Manhã e a recepcionista anotava os dados, repassando ao responsável pela coluna.

FOTOGRAFIA 30 – Página Social diária, com duas fotos bonecos e uma foto de presentes a um evento social da cidade.



FONTE: o autor

⁴¹ Leocir Passeti é graduado pela primeira turma de Jornalismo da UEPG, em 1989.

As imagens que compunham a coluna social diária, assinada pelo jornalista Leo Passeti, também eram, em sua maioria, bonecos. Muitas foram feitas na própria redação do Jornal da Manhã, aproveitando a visita dos integrantes da sociedade ponta-grossense, em especial dos mais jovens. Em outros casos, o retrato era realizado em estúdio, numa das lojas de fotografias de Ponta Grossa. Em poucos casos as fotografias eram de corpo inteiro.

Na década de 1980, os clubes sociais da cidade realizavam muitos bailes. Eventos especiais, como bailes de debutantes ou que celebravam alguma data específica, eram alvo de fotografias feitas pelos fotógrafos do Jornal da Manhã. Também passaram pela cidade grandes nomes do meio artístico, em shows patrocinados por clubes. Nestes casos, eram retratadas as mesas com as figuras da sociedade, conjuntos musicais ou pessoas dançando.

Após a saída de Léo Passeti, junto com outros da equipe do Jornal da Manhã, para o *Diário da Manhã*, outro colunista assumiu o posto. Ele deixou de ser identificado na coluna, e deixou transparecer que só ia ao Jornal entregar seu material. Isso pode ser notado nas fotografias que ilustravam a coluna, em cujas legendas constavam itens de identificação das fotos e que, em várias ocasiões, foram publicadas.

FOTOGRAFIA 31 – A identificação da fotografia acabou publicada junto com a fotolegenda.



FONTE: o autor

CAPÍTULO 5

O FOTOJORNALISMO NO JORNAL DA MANHÃ NA VISÃO DOS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS

Indicadas as principais marcas de uso da fotografia nas páginas do Jornal da Manhã na década de 1980 e apontadas articulações preferenciais com as editorias de Geral/Cidades, Esportes e Policial, bem como o uso pontual em coberturas de Política, a investigação conversa agora com os produtores da informação. Busca-se, neste capítulo, respaldado pela corrente do newsmaking (Wolf, etc.), fazer emergir dados de lembranças sobre as condições de produção da fotografia nos processos jornalísticos do período, com base em conversas com agentes produtores participantes diretos daquele momento. A tentativa é de perceber, na visão parcial e situada de cada função na redação (editor, diagramador, fotógrafo), como a foto vai gradativamente se inserindo nas rotinas produtivas da notícia e, assim, modificando aquele contexto.

Vários profissionais estiveram envolvidos com o fotojornalismo no Jornal da Manhã. O editor chefe, todos os repórteres e redatores, os diagramadores e, claro, os fotógrafos que por lá passaram.

Para entendermos um pouco mais da dinâmica do fotojornalismo, entrevistamos quatro destes profissionais: o editor chefe, Adail Inglês, o diagramador Neomil Macedo e os fotógrafos Israel Kaé e Marilson de Paula. Outros envolvidos não foram menos importantes, mas estes permaneceram no Jornal da Manhã por um bom período de tempo e ajudam a dar uma visão de como era o processo produtivo diário. As conversas com os fotógrafos Israel Kaé e Marilson de Paula foram presenciais, enquanto que as demais foram realizadas via chamada de vídeo pela plataforma Google Meet. As entrevistas, em sua íntegra, podem ser encontradas a partir da página 138 (APÊNDICES D, E, F e G).

Em suas falas, todos relataram um pouco do cotidiano na redação do matutino, dos equipamentos disponíveis, da dinâmica de trabalho e produção jornalística, fotos marcantes e outros detalhes. Atenta-se para a dimensão tecnológica do processo produtivo, bem como para fatores relativo à noticiabilidade que possam melhor indicar a presença da foto no modo de fazer jornalismo no Jornal da Manhã na década de 1980. Ciente do desafio metodológico envolvido em fazer com que jornalistas mobilizem referências de memória (sempre residual e fragmentada) e contem histórias ou ‘estórias’ sobre o período agora distante – linha de investigação estimulada pelos estudos de Travancas, Sales, Maroco, entre outros. Trata-se, portanto, de estimular uma reconstituição, demarcada ou circunscrita pelos interesses da

pesquisa e por aquilo de que recortam nossas fontes, tensionadas por determinadas perguntas que nortearam a conversa, mas sem prender a entrevista a um roteiro pré estabelecido.

5.1 O EDITOR CHEFE

Formado em Letras, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Adail Lemos Inglês relatou que teve duas passagens pelo Jornal da Manhã. Na primeira, de 1970 a 1971, foi chefe de redação mesmo sem antes não ter trabalhado numa. Nesse período o jornal era feito a quente, com linotipos e chumbo. O jornal pertencia a Wallace Pina, empresário do ramo imobiliário, Constâncio Mendes, empresário comerciante de tecidos, e Gustavo Horst, empresário, proprietário de hotel, loja de autopeças e fábrica de papel e funcionava na Rua Dr. Colares, na quadra entre a Rua Paula Xavier e a Balduino Taques. O grupo de empresários era ligado à política e apoiava o então prefeito Cyro Martins, ao contrário do concorrente direto, o jornal Diário dos Campos de propriedade da família Slavieiro, e que apoiava o grupo de Plauto Miró Guimarães (pai).

FOTOGRAFIA 32 — Na década de 1970, o Jornal da Manhã funcionou neste espaço da Rua Dr. Colares, 539. O prédio original foi demolido.



Fonte: O autor

Em 1972, Adail foi eleito vereador pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e conta que ficou em torno de três anos longe do Jornal da Manhã. A segunda passagem aconteceu de meados da década de 1970, ele não soube precisar a data, até o início de 1987, quando saiu para fundar seu próprio jornal, o *Diário da Manhã*. Nessa passagem, segundo Adail, ficou dez

anos à frente do Jornal da Manhã. Conta ele que, nesse período, o único dono do jornal era Gustavo Horst, que havia adquirido as cotas de Wallace Pina e Constâncio Mendes. Gustavo Horst continuava apoiando o grupo político liderado pelo então ex-prefeito Cyro Martins.

Adail relata que em ambas as passagens pelo Jornal da Manhã teve liberdade para publicar tudo o que fosse notícia, desde que não falasse mal de Cyro Martins e seu grupo político. “O Gustavo disse assim: “Não falando mal do Cyro (Martins), faça o que você quiser no jornal.”, conta Adail. Com isso, ele conseguiu imprimir uma linha de certa independência de informação, mas que tinha suas limitações. Essa linha perdurou ao longo da década de 1980.

FOTOGRAFIA 33 – Local da sede do Jornal da Manhã, na esquina das ruas Balduino Taques e Comendador Miró. O prédio foi demolido, dando lugar ao que aparece na foto..



Fonte: O autor

Para o editor chefe, ao longo das décadas de 1970 e 1980, o Jornal da Manhã passou por um processo de modernização. No início da década de 1970 ainda era feito com chumbo, composto em linotipos. Segundo ele, a impressora, no início da década, era pequena e obsoleta. Depois foi adquirida uma máquina Frankenthal, automática, e nela foi feita a primeira impressão colorida da imprensa de Ponta Grossa⁴². Adail conta que em 1972, por ocasião das festividades do sesquicentenário da independência do Brasil (07/09/1972), a primeira página mostrou a bandeira do Brasil em cores. Uma semana depois, no aniversário de Ponta Grossa (15/09/1972), foi a vez da bandeira de Ponta Grossa ser impressa em cores. A impressora *offset*

⁴² Vale lembrar que em 1922 o Jornal Diário dos Campos publicou uma capa com elementos coloridos em alusão ao centenário da Independência do Brasil. Embora os processos sejam diferentes, a menção merece destaque.

veio em 1976, quando Urubatan Raul Alves dos Santos era o editor chefe. O primeiro número nessa nova tecnologia circulou em 16 de setembro de 1976. Ou seja, o *offset* foi implantado no intervalo das passagens de Adail pelo Jornal da Manhã. Esse parece ser um dos condicionantes para o uso que seria feito na década seguinte de fotos na confecção do jornal. Neste período, o jornal funcionava num prédio localizado na esquina das ruas Balduino Taques e Comendador Miró, que antes havia sido um comércio de tecidos e, depois, demolido, deu lugar a um shopping e, na atualidade, está desocupado.

Apesar da modernização, Inglês relata que não havia investimento no Jornal da Manhã, nem no seu concorrente *Diário dos Campos*. Ambos pertenciam a grupos econômicos com afinidades políticas opostas, Grupo Gustavo Horst e Grupo Slavieiro, respectivamente. O primeiro apoiava o grupo político do ex-prefeito Cyro Martins, como já citado, e o segundo o grupo de Plauto Miró Guimarães⁴³, que antecedeu Cyro na prefeitura e que também foi secretário estadual de Interior e Justiça. Adail conta que os jornais tinham por objetivo atender os interesses destes grupos políticos e que, por isso, nunca foram tratados como empresas jornalísticas de verdade, nem receberam investimentos, por parte de seus proprietários, para que pudessem crescer.

Naquele tempo não havia muita estrutura. [...] tanto no Jornal da Manhã quanto no Diário dos Campos, era que eles eram dois jornais propriedades de dois grupos econômicos e que atendiam os interesses desses grupos na época das eleições. Então, nunca houve investimento no jornal. O jornal não era a atividade principal deles. Eles tinham o jornal por uma questão de poder político. O Diário dos Campos apoiava o Plauto Miró Guimarães, porque era dos Slavieiro, e a dona Leoni, hoje viúva do Plauto, era da família Slavieiro. Então o jornal atendia os interesses políticos do Plauto e do grupo dele, do João Vargas de Oliveira, David Federmann. Enquanto o Jornal da Manhã atendia os interesses do grupo do Cyro Martins. Porque tanto o Gustavo quanto o Constâncio e o Pina apoiaram o Cyro Martins. Todos estiveram na campanha do Cyro em 1968. O Cyro ganhou e o jornal ficou apoiando o Cyro. (trecho da entrevista de Adail Inglês, vide página 138)

Assim, para Adail os jornais apenas atendiam os interesses políticos de seus proprietários. Segundo ele, seria muito diferente se os jornais fossem tratados como tais e houvessem investimentos que permitissem a evolução estrutural e profissional das empresas jornalísticas de Ponta Grossa. Para ele, o único jornal que foi montado com o fim específico de ser uma empresa jornalística foi *A Notícia*, periódico que não conseguiu se manter⁴⁴.

Adail ressalta que o Jornal da Manhã

⁴³ Plauto Miró Guimarães foi prefeito de Ponta Grossa entre 1966 e 1969. Não confundir com Plauto Miró Guimarães Filho, que foi deputado estadual entre 1990 e 2022.

⁴⁴ As pesquisas sobre o jornal *A Notícia* são poucas e recentes, todas resultado do empenho do professor da UEPG, dr. Marcelo Bronosky.

não evoluiu justamente em função disso. Ele nunca funcionou como uma empresa mesmo. Se tivesse funcionado como empresa, departamentalizada, por exemplo, um departamento financeiro. Nunca teve. Nem o Diário dos Campos, nem o Jornal da Manhã. Saíamos vender publicidade, mas tudo na base da marreta, da amizade, pois não sabíamos fazer isso. Nunca chegou a ter um profissionalismo. Não se desenvolveu esse sistema, naquele tempo, na década de 1980, nos jornais. Seria diferente se eles tivessem montado os jornais e fossem do ramo. Aí, sim. Mas nunca houve esse investimento, e isso realmente levou os jornais a não evoluírem, tanto no estrutural quanto no profissional. (trecho da entrevista de Adail Inglês, vide página 138)

Ele conta ainda que no início nem havia fotógrafo próprio, sendo acionados fotógrafos de casas fotográficas para a cobertura de eventos mais importantes, que eram pagos por trabalho realizado. Essas fotos eram depois transformadas em clichês em clicheria própria do Jornal da Manhã, que adquiria os produtos (químicos, folhas de zinco etc.) necessários em Curitiba. Adail recorda que os clichês eram feitos pelo funcionário Leandro de Quadros, que depois, com a implantação do *offset*, passou a fazer as chapas necessárias para a impressão.

Sem ter fotógrafo próprio, o Jornal da Manhã recorria a profissionais de estúdios. Estes eram acionados quase que exclusivamente para a cobertura de solenidades. Os fotógrafos eram então contratados para a cobertura destas ocasiões. No entanto, eles não atendiam ocorrências do dia-a-dia, como um acidente de trânsito ou um cano que estourava e causava danos à rua – situações ilustradas no capítulo anterior e de apelo noticioso para diferentes editorias.

Entre os profissionais mais requisitados pelo Jornal da Manhã estavam Germano Koch⁴⁵, proprietário e criador do Foto Elite, e Domingos Silva Souza, que trabalhava para Germano e depois adquiriu a empresa, permanecendo seu proprietário até o encerramento das atividades, em 2019⁴⁶. Adail lembra que Germano também era o fotógrafo oficial da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, embora, na época, não existisse uma Assessoria de Imprensa por parte do poder executivo.

O primeiro fotógrafo exclusivo do Jornal da Manhã foi Dário Antunes Rodrigues. Adail não recorda como ou quando exatamente ele chegou ao jornal, mas lembra que deveria trabalhar em alguma casa fotográfica da cidade. De minhas recordações, lembro que Dário fazia trabalhos para o Foto Elite. Atualmente, conforme suas redes sociais, ele atua como fotógrafo

⁴⁵ Germano Koch foi o primeiro fotógrafo contratado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e também atuou como fotógrafo da Câmara Municipal de Ponta Grossa. Mais sobre a história de Germano pode ser encontrado em <https://www2.uepg.br/museu/trajetorias-fotograficas-a-descobrir-nos-90-anos-de-germano-koch/>

⁴⁶ Mais sobre a história de Domingos Silva Souza pode ser encontrado em <https://www2.uepg.br/museu/museu-campos-gerais-lamenta-falecimento-do-fotografo-domingos-silva-souza/>

particular para eventos sociais⁴⁷. Adail conta que com a contratação do fotógrafo exclusivo, também houve a necessidade de criar um local e adquirir equipamentos para um laboratório para a revelação de filmes e fotografias, agilizando o processo produtivo.

O equipamento fotográfico também foi escolhido de acordo com a realidade da época e com a ajuda dos fotógrafos locais, segundo Adail. Para ele, que diz não entender da parte técnica, o equipamento era razoável. Conforme o editor chefe, os fotógrafos escolhiam o equipamento necessário e este era adquirido. Isso, no entanto, não condiz com a realidade narrada pelos fotógrafos, conforme veremos mais adiante.

Adail registra que, com a contratação de um fotógrafo exclusivo, a fotografia jornalística começou a ter mais destaque, ainda que de forma incipiente. Agora já era possível que o repórter, ao sair para a rua, levasse junto o fotógrafo e, em casos de fatos noticiosos, este fosse acionado com mais agilidade e rapidez. Note-se que a parceria repórter-fotógrafo nas coberturas e saídas para a rua já era, desde início do século XX, pelo menos, um marco em jornais de referência (e mesmo nas revistas) do que se entende por fotojornalismo moderno.

Para o editor chefe, a principal diferença entre o período pré e pós manutenção de fotógrafo exclusivo foi a agilidade. Com o fotógrafo à disposição, era mais fácil ter imagens de fatos ou eventos. No entanto, Adail destaca que as fotos produzidas em casas fotográficas tinham uma melhor qualidade, especialmente na revelação. Ele recorda também que os primeiros fotógrafos eram pouco criativos, pois o fotojornalismo estava começando e, em Ponta Grossa, era novidade ter fotógrafo do jornal. O que acontecia era que o fotógrafo acompanhava o repórter e tirava algumas fotos, mas era difícil chegar com uma foto diferente. Para Adail, nesse começo de fotojornalismo, eles apenas repetiam o que já tinham feito antes, sem acrescentar criatividade. Podemos entender que tal consideração diz muito sobre os olhos do editor, preocupado com o apelo de público das fotos em melhor vender o jornal.

A produção fotojornalística, que dava seus primeiros passos, era decidida em conjunto pelo repórter e pelo fotógrafo, que se deslocavam juntos até o local do acontecimento a ser noticiado. Mas, segundo Adail Inglês, não havia uma orientação para que a foto fosse feita de uma ou outra forma. No local, observando a cena, a foto era feita. Para ele ainda não havia um despertar para o profissionalismo. A orientação para o fotógrafo era algo como “tire uma foto, registre o momento”.

O deslocamento para a cena de acontecimentos ganhou impulso no início da década

⁴⁷ Vale destacar que tentei vários contatos com Dário para uma entrevista em que contasse como chegou ao Jornal da Manhã e como foi ser o primeiro fotógrafo do matutino. Porém, ele não deu retorno.

de 1980, quando o Jornal da Manhã adquiriu dois veículos Volkswagen Gol, ambos zero quilômetro. Até então, conta Adail, os repórteres andavam a pé pela cidade ou, quando o evento era distante, iam de ônibus. Com a aquisição dos veículos, essa movimentação ganhou mais agilidade e os profissionais chegavam no horário marcado, ou em acidentes e crimes, pouco depois de comunicados pela polícia.

Adail lembra que partir de agosto de 1985 a sala do editor chefe do Jornal da Manhã ganhou um mini estúdio de rádio, uma vez que o grupo Gustavo Horst arrendou a Rádio Emissora Santana. Nesse mini estúdio era gravado ou apresentado ao vivo o programa Primeira Página, que ia ao ar a partir das 22 horas, num horário que as rádios de Ponta Grossa não tinham criatividade de programação, nem interesse jornalístico. Com esse programa, muitas autoridades e pessoas de relevância passaram pela sala de Adail Inglês e a fotografia jornalística ficou um tanto caseira, já que a notícia ia até o Jornal da Manhã e a personagem era fotografada naquele ambiente.

No geral, percebe-se pela reconstituição do editor chefe que a foto na década de 1980 no Jornal da Manhã está condicionada (a) por um processo de transformação tecnológica na impressão do jornal; (b) pela contratação do primeiro fotógrafo e investimento em equipamentos, incluso aí um laboratório; e (c) pela inauguração do método de trabalho conjunto com a reportagem, por mais que ainda de modo incipiente, funcionando sobretudo pelo ângulo da documentação (fatos) ou da promoção (entrevistados que iam ao jornal).

5.2 O DIAGRAMADOR

O diagramador Neomil Macedo chegou ao Jornal da Manhã em 1983, a convite do jornalista Osni Gomes, que trabalhou no *A Notícia* e que havia assumido a chefia de redação do matutino. Acima de Osni, como editor chefe, estava Adail Inglês. A missão de Neomil era implantar a diagramação do jornal, algo que até então não existia. Antes, ele havia sido diagramador do citado jornal *A Notícia*. Em sua entrevista, Neomil conta que não existia uma rotina jornalística no Jornal da Manhã tal como se entende hoje. Não aconteciam reuniões de pauta e cada repórter/redator chegava à redação, e fazia suas matérias, buscava assuntos para noticiar, tudo sem um planejamento prévio. E todo dia era feito da mesma forma.

A rotina, vamos dizer, não tinha reunião de pauta, por exemplo. Eu começava a trabalhar uma hora da tarde. Chegava na redação e... Na verdade, eu implantei a diagramação no jornal. Até então ele não tinha diagramação. Então eu chegava lá, ia distribuir os anúncios nas páginas, nos diagramas. As primeiras páginas que eram fechadas eram a coluna social, página de variedades. Era uma rotina como em quase

todos os jornais. Mais para o final da tarde começava a fechar as outras páginas, policial, esportes. Mas não tinha uma reunião de pauta. Cada um chegava, ia fazendo suas matérias, buscando seus assuntos para as matérias e fechava sem um planejamento prévio, como seria se tivesse uma reunião de pauta. O chefe de redação, quando eu entrei, era o Osni Gomes e o editor era o Adail Inglês. O Osni dizia qual matéria ia em qual página, mas não tinha uma distribuição antecipada do que era para cidade, o que era para cotidiano. Tinha o pessoal que fechava a parte do nacional e internacional, que usavam matérias vindas por telex. A rotina era essa. (trecho da entrevista de Neomil Macedo, vide página 167)

A transição do profissional de um jornal planejado para outro sem planejamento, segundo Neomil, foi pacífica. Ele lembra que tanto o Jornal da Manhã quanto o *Diário dos Campos* não contavam, até então, com a figura do diagramador. E, sem planejamento das páginas, era comum que uma matéria iniciasse num lugar e terminasse em outro, ou que uma notícia mais importante ficasse sem o destaque que merecia. Outro aspecto era a não inclusão de fotos, uma vez que, quando estas chegavam ao *past-up* (onde as páginas eram montadas), a página já estava repleta de texto sem que fosse reservado espaço para a imagem.

Diferente dos outros jornais de Ponta Grossa, Neomil conta que o jornal *A Notícia*, que nasceu de um suplemento ponta-grossense do jornal *O Estado do Paraná*, sempre teve diagramação e identidade visual característica. Essa identidade foi herdada do visual de *O Estado do Paraná*, e inovações foram incluídas pela observação de jornais que não circulavam em Ponta Grossa, como o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, mas que eram trazidos pelo proprietário do jornal, João Nunes Cottar, em suas viagens.

Para Neomil, os demais jornais da cidade não tinham uma preocupação gráfica, nem mesmo nas capas que eram estampadas nas bancas de jornais. A manchete nem sempre tinha foto e era a notícia mais importante, segundo ele. Diferente disso, *A Notícia* tinha uma preocupação com o que ia na capa e, com isso, conseguia boas vendas nas bancas de revistas da cidade.

A implementação da diagramação no Jornal da Manhã, como relata Neomil, trouxe outra perspectiva para a fotografia jornalística. O planejamento das páginas permitiu que fosse reservado espaço para as imagens, especialmente para as matérias de abertura de página, onde era desejável que sempre houvesse uma fotografia ilustrando.

Com a diagramação, a fotografia passou a ter espaço nas matérias. As matérias de abertura de página sempre deveriam ter uma fotografia. Além disso, a gente passou a contar com fotógrafos como o Cleon Costa e o Mário Hirano. Então, com o Osni e eu que viemos do *A Notícia*, uma maior preocupação com a fotografia. Porque sem a diagramação, às vezes a matéria ia para a montagem do jornal e o pastapeiro nem sabia que tinha foto. Ele jogava a matéria na página. Mais tarde alguém via que não tinha sido reservado espaço para a fotografia, e aí a página já tinha sido montada. Então, na diagramação, a gente tinha essa preocupação. (trecho da entrevista de Neomil Macedo, vide página 167)

O mesmo aconteceu com a primeira página. A diagramação fez com que os fotógrafos pensassem também na fotografia de capa, que precisava ter mais impacto que as que ilustravam as páginas internas – uma fala em sintonia com a preocupação já relatada do editor para que as fotos fossem mais criativas.

Para Neomil, os fotógrafos que passaram pelo Jornal da Manhã eram bons, ainda que não tivessem uma formação de repórter fotográfico. As fotos que produziam eram boas, dentro das limitações que os equipamentos da época tinham. Ele lembra que os fotógrafos trabalhavam com equipamentos fornecidos pelo jornal e que estes não eram de boa qualidade, mas ainda assim os profissionais conseguiam obter boas imagens.

Neomil destaca que a fotografia possui um papel de grande importância no jornalismo. Segundo ele, a matéria sem uma imagem ilustrando perde conteúdo. “Para mim é um elemento essencial do jornalismo. Você fazer uma matéria sem uma ilustração, sem uma foto, eu acho que ela perde muito como elemento de visualização do jornal. Ela dá mais força para a matéria” (Neomil Macedo). Ele diz que ao publicar uma matéria sobre um acidente, sem uma foto do acidente, o jornal perde credibilidade, pois com a foto é possível que o leitor saiba que o fato realmente foi grave e que o jornal esteve no local para constatar o que aconteceu. O mesmo acontece no esporte, que não existe sem a fotografia na visão do diagramador. Neomil diz que a fotografia é um elemento essencial na informação e, portanto, um elemento essencial no jornalismo.

Ele lembra que, embora o jornal seja um produto perecível valendo por apenas um dia, a fotografia não tem essa mesma característica. Assim, a notícia é perecível, mas a fotografia não, pois retrata um momento, um instante do acontecimento que foi registrado. E ainda que o tempo passe, a imagem continuará contando a história.

Para Neomil Macedo, a chegada do curso de Jornalismo na UEPG (criado em 1985), do qual foi um dos primeiros alunos, trouxe um novo aspecto à fotografia. Segundo ele, a partir do curso, passou-se a ter consciência do que era uma foto jornalística. O jornalista lembra que fotógrafos de estúdio acionados para a cobertura de eventos não tinham uma concepção do que era fotojornalismo e apenas faziam um retrato do local, sem se preocupar com a informação que ela deveria trazer.

A formação de fotógrafos no próprio Jornal da Manhã, como aconteceu com Marilson de Paula, segundo Neomil, mostra um fotojornalismo incipiente. As características das fotos eram diferentes das de fotógrafos atuantes em estúdio e que só sabiam fotografar em ambientes controlados.

Outro tópico lembrado por Neomil foi o equipamento, fotográfico e gráfico, que o Jornal da Manhã dispunha. Para ele, o equipamento fotográfico era fraco e só permitia saber se a foto seria aproveitável após a revelação. Ele lembra que em muitas ocasiões a foto se mostrava ruim para ser publicada, principalmente se fosse feita à noite e com flash. A isso, Neomil soma a precariedade da impressora, bastante antiga e plana, não rotativa. O resultado da impressão era de baixa qualidade. Tal limite, somado à baixa qualidade da fotografia, resultava em um produto de péssimo aspecto para o leitor.

Percebe-se no olhar de reconstituição do período do diagramador do jornal que o uso de fotos no Jornal da Manhã na década de 1980: (a) articula-se ao início do planejamento gráfico nos jornais da cidade, que passa a organizar matérias na página e no corpo da edição, bem como a prever posição e demanda por fotos na cobertura; (b) opera ainda dentro de limitações gráficas que prejudicam a visualidade e qualidade final do produto; (c) é estimulado por dois espaços de formação, a própria redação e o nascente curso de Jornalismo da UEPG, o que resulta num esforço, mesmo que incipiente, de se fazer foto jornalística em contraste para com o expediente dos fotógrafos das casas de fotografia ou de estúdio.

5.3 OS FOTÓGRAFOS

Para esta dissertação foram entrevistados dois dos fotógrafos que passaram pelo Jornal da Manhã na década de 1980: Marilson de Paula e Israel Kaé. Em determinado momento ele trabalharam juntos, ainda que por pouco tempo. O segundo deles continua em atividade, como fotógrafo da assessoria da Prefeitura Municipal, enquanto o primeiro trabalha no Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Marilson de Paula iniciou na fotografia dentro do Jornal da Manhã, onde permaneceu entre 1982 e 1985. Ele conta que ia à redação para conversar com seu irmão, Maurílio de Paula Júnior, que era repórter e redator do Jornal da Manhã, e que, de tanto ir, certo dia pediu uma vaga ao editor Adail Inglês. Foi então contratado para revisar as notícias das agências noticiosas *Associated Press* (AP) e *Agência Estado* (AE), que chegavam via telex, fazendo as marcações e correções necessárias antes de seguirem para a composição.

Nessa época, conta ele que o fotógrafo do Jornal da Manhã era Cleon Costa, filho do proprietário do Foto Rubens, Rubens Costa, e que dividia seu tempo entre o trabalho no jornal e o estúdio de fotografias. Em determinada ocasião, Cleon começou a sofrer danos em suas mãos devido ao uso de produtos químicos para revelação. Marilson, que se diz muito curioso, pediu que lhe fosse ensinada essa etapa da produção fotográfica e passou a ajudar Cleon. Pouco

depois, o fotógrafo pediu para sair do jornal, pois estava ficando sem tempo para se dedicar ao estúdio. Foi então que ensinou Marilson para ser seu substituto como fotógrafo.

Sem ter passado por estúdio, Marilson não trazia os vícios que fotógrafos de loja tinham. Conta ele que não sabe o que é fazer foto em estúdio, regular luzes, ou de eventos como formaturas e batizados. Assim, suas fotos sempre foram voltadas ao jornalismo, clicando reuniões, inaugurações, problemas da cidade ou acontecimentos policiais. De Cleon aprendeu o básico, como abertura e velocidade da câmera fotográfica e uma ou outra dica de como fazer uma foto. Todo o seu desenvolvimento como fotojornalista se deu inicialmente no Jornal da Manhã e depois na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), onde permanece trabalhando até os dias atuais. O jornal foi a escola onde aprendeu fotografia. O domínio dos equipamentos fotográficos analógicos exigia rapidez e discernimento, como conta Marilson, “naquela época não tinha máquina automática. Era tudo manual. Você precisava fazer a leitura do fotômetro, regular a velocidade, a abertura e o foco, tudo em questão de segundos.” (trecho da entrevista de Marilson de Paula, vide página 159)

Israel Kaé, por sua vez, iniciou a carreira como fotógrafo no estúdio de Mário Sato, fotógrafo londrinense que se instalou em Ponta Grossa no final da década de 1970, e que era especializado na cobertura de eventos sociais, como casamentos, batizados e formaturas. Kaé foi treinado por Mário Sato. O proprietário decidiu ajudar a família de Kaé, que havia sido abalada com a morte de seu pai, vítima de atropelamento. Em seu treinamento, Kaé aprende a usar o equipamento fotográfico e também os momentos que deveriam ser registrados, como a troca de alianças ou o recebimento de um diploma. Além disso, também aprendeu a trabalhar no laboratório fotográfico, onde, conta, chegou a ampliar 400 fotos 20 X 25 em uma única noite. Acabou se especializando no laboratório, mas sem deixar de fotografar eventos sociais. Interessa destacar, da lembrança do então jovem fotógrafo, essa característica do volume e ritmo de trabalho empregado nos estúdios e respectivos laboratórios como uma provável competência a ser aproveitada também nas dinâmicas de jornal.

Seu ingresso no Jornal da Manhã, lembra, se deu em 1984, pelas mãos do fotógrafo Mário Hirano, cunhado de Sato, e que fazia fotos para o matutino. Segundo ele, foi contratado para trabalhar no período noturno, especialmente para fotografar personagens convidadas para o programa Primeira Página⁴⁸, da Rádio Emissora Santana, e que era transmitido a partir da sala do editor Adail Inglês. Kaé permaneceu no matutino até 1987, quando migrou, com Adail e boa

⁴⁸ Embora Israel Kaé tenha dito que ingressou no Jornal da Manhã em 1984, há uma divergência quanto à razão de seu contrato, uma vez que o programa Primeira Página só teve início em agosto de 1985, ocasião em que o Grupo Gustavo Horst, proprietário do Jornal da Manhã, arrendou a Rádio Emissora Santana.

parte da equipe, para o nascente jornal *Diário da Manhã*. O fato de o fotógrafo estabelecido no periódico estar preocupado em contratar um novo colaborador indica o aumento da demanda por fotografia ou ao menos a melhor adequação da produção aos turnos e horários de trabalho.

Por ter trabalhado em estúdio, Israel Kaé conta que sentiu grande diferença para as fotos que passou a fazer no jornal. Segundo ele, mais que registrar um momento, a foto jornalística precisa falar. Enquanto as fotos de estúdio ou de eventos sociais tinham momento certo para fotografar, as fotos jornalísticas exigiam uma percepção maior do fotógrafo em busca da informação que transmitiria, bem como de um controle para não expor vítimas fatais em casos de acidentes de trânsito ou homicídios. Por isso, ele destaca que “a foto jornalística precisa falar. E tem a foto da primeira página. Isso que leva você a trabalhar diferente no jornal, pois tem a tal da primeira página. Na página interna pode ser um boneco ou uma foto menos expressiva. Mas na primeira página ela precisa falar.” (trecho da entrevista de Israel Kaé, vide página 152)

Tanto Marilson quanto Kaé concordam que a rotina diária no Jornal da Manhã era intensa. Como havia apenas uma distribuição dos fotógrafos conforme o horário – diurno e noturno –, eles não trabalhavam de forma setORIZADA. Atendiam todos os repórteres e editorias – ou seja, eram generalistas. Num momento estavam fotografando algo para a editoria policial e no momento seguinte fotografavam algo para a política ou social. Os dois também relatam que eram chamados em momentos diversos para fotografias urgentes, de algo que estava acontecendo naquela ocasião. Com isso, nem sempre tinham tempo para realizar seu trabalho dentro de um horário adequado, precisando estender sua jornada. Kaé lembra que trabalhava até a madrugada para dar conta do serviço. Isso era consequência da falta de reuniões de pauta e de uma rotina pré-estabelecida, com horário de fechamento das editorias para cada edição.

Apesar de serem fotógrafos de turnos diferentes, Marilson e Kaé contam que seu expediente já iniciava no período da manhã, estendendo-se até a madrugada seguinte. Nesse período faziam fotos para todas as editorias: política, geral/cidades, social, esportes e policial.

Marilson lembra que muitas vezes só conseguia revelar suas fotos já bem tarde no período da noite. Diz também que quando estava no laboratório, em muitas ocasiões era chamado para a cobertura de algo em algum ponto da cidade.

Kaé, por sua vez, conta que no período da noite ocorriam muitos eventos, em clubes sociais e de serviço, além das emergências policiais. Além disso, às 22 horas começava o programa Primeira Página quando transmitido ao vivo. Então eram necessárias fotos dos entrevistados e só após o final do programa, o que não tinha um horário específico, é que ia ao laboratório para revelar as fotografias. Essa rotina exaustiva se intensificou após a saída de

Marilson, que ingressou nos quadros da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e a inexistência de mais um fotógrafo para cobrir o outro turno.

Os dois fotógrafos entrevistados também concordam quanto ao equipamento. Para ambos, os recursos eram precários. Segundo eles, o equipamento era composto de uma câmera fotográfica Yashica e outra Praktica, ambas com lentes 50 mm, além de um flash a pilhas simples e insuficiente para fotos noturnas. Mais tarde recordam que foi adquirida outra máquina fotográfica Yashica equipada com motordrive e lente 28-75 mm, o que permitia fotos em sequência com maior facilidade e uma pequena aproximação da imagem, bem como um flash a bateria e com maior iluminação. Kaé recorda que chegou a usar equipamento próprio, uma máquina Pentax com lente de melhor qualidade que as disponíveis no Jornal da Manhã. Não existiam, por exemplo, lentes que permitissem aproximar um fato. Com isso, fotos de jogos do Operário ou de corridas no Hipódromo de Uvaranas se mostravam como um desafio a ser vencido. Marilson conta que ocasionalmente emprestava lentes teleobjetivas de outros fotógrafos para a cobertura de eventos esportivos.

O equipamento era precário. Havia uma câmera Yashica, bem precária. Tinha ela, um flash a pilha bastante fraco. Tínhamos que fazer milagres quando precisava fotos noturnas. Depois de muito insistir, foi comprado um flash 140, a bateria, mais potente. Melhorou um pouco. Havia também uma outra câmera Praktica. Para fazer fotos de esportes era sofrido. Só tínhamos uma lente 50mm. E precisávamos cobrir o Operário, o turfe – na época o Nelson Jerba lidava com o turfe – fusca-cross, todas as modalidades de esporte, tudo era feito com a lente 50mm. Não havia uma lente potente. Na época as lentes potentes eram grandes e pesadas. E o jornal não tinha esse equipamento. (trecho da entrevista de Marilson de Paula, vide página 159)

Kaé conta que também havia limitações no material fotográfico, filmes e papéis, que deveriam ser usados da maneira mais econômica, com poucas imagens e revelações. Ele cita que o editor chefe contava quantas imagens tinham sido feitas e dizia ao fotógrafo que não eram necessárias muitas fotos do mesmo evento, sendo necessário economizar, o que resultava em poucas imagens e nem sempre a melhor foto jornalística. Aqui talvez esteja um comportamento emblemático da transição dos estúdios para dentro da redação.

No jornal não se adquiria. Era caro. Também tinha que economizar filme para fotografar. O Adail sempre dizia que não era para gastar filme. Então, se você ia fazer uma reportagem e tirava dez chapas, ele ficava bravo. ‘Dez fotos do mesmo evento, não dá, tem que economizar.’ Hoje você pega uma máquina digital e atola o dedo no disparador. (trecho da entrevista de Israel Kaé, vide página 152)

A mesma precariedade existia no laboratório. O equipamento era apenas o básico para a revelação das fotos, o que resultava em baixa qualidade das imagens. Os filmes eram revelados manualmente, de forma artesanal, passando o filme pelo revelador. Para Marilson, o

equipamento do laboratório era apenas o mínimo suficiente para o que precisava ser feito. Para Kaé e Marilson, essas limitações se deviam ao fato de não existir investimentos no equipamento fotográfico da empresa. Diferente do que contou o editor chefe Adail Inglês em sua entrevista, eles afirmam que nada, ou pouco do que era pedido, era comprado e que os materiais necessários eram limitados.

Apesar das limitações, Marilson e Kaé contam que conseguiam fazer boas fotos. Marilson destacou uma sequência de fotos de um gol num jogo do Operário, feitas com um equipamento básico, sem *motor drive*, o que previa destreza no puxar o filme, fazer o enquadramento e focar a imagem. Ele destacou que uma destas imagens foi capa de edição, o que demonstra a preocupação do fotógrafo em valorizar as imagens que fazia. Outra imagem que destacou foi feita numa visita à Associação Pontagrossense de Assistência à Criança com Deficiência (APACD). Essa foto foi feita em contraluz, mostrava uma criança andando com uma mão num apoio fixado à parede e outra mão dada a uma pessoa que a amparava. Essa fotografia foi usada em uma campanha de apoio à entidade visitada.

Kaé, por sua vez, lembra de uma foto realizada por ocasião da abertura de uma rua em Ponta Grossa. Conta que subiu em barranco para fotografar e que, devido às chuvas que transformaram a terra em barro, acabou escorregando. Durante o tombo fez a foto. Outras fotos lembradas por ele foram de um acidente com ônibus na Serra de São Luiz do Purunã, na rodovia para Curitiba. Este acidente resultou em mais de 30 mortos e Kaé conta que foi o primeiro representante da imprensa a chegar ao local e descer a ribanceira onde estava o ônibus acidentado.

Os fotógrafos também comentaram sobre o arquivo de fotos do Jornal da Manhã. Kaé deixou claro que não fazia arquivos, nem buscava fotos nele por acreditar que aquela não era sua função. Mas, segundo ele, o arquivo não era organizado, como deveria ser, justamente por não existir alguém qualificado para tanto. Lembra que o salário pago pelo jornal aos funcionários era baixo, algo em torno de um salário mínimo e meio, o que era mais um fator para não acumular funções.

Marilson, por sua vez, lembra que o arquivo era bastante precário. Segundo ele, o arquivo de negativos era feito nas latas em que vinham os filmes virgens adquiridos pelo jornal. Elas ganhavam um rótulo conforme a editoria – política, policial etc. – e ali todos os negativos se enquadravam na categoria iam sendo guardados sem uma especificação de evento ou local. Com as fotos reveladas, conta ele, era um pouco mais organizado. Havia um arquivo de aço com gavetas e pastas. As fotos eram então marcadas no verso com o local ou o fato, escrito em máquina de escrever, e guardadas nestas pastas.

De negativos era bem precário. Era guardar filmes. Não existia um arquivo. Como tínhamos vários negativos, guardávamos nas latas em que vinham os filmes virgens adquiridos pelo jornal. Enrolávamos e guardávamos nessas latas, separados por assunto (editorial). Colocávamos uma etiqueta na lata, por exemplo, policial. E todas as fotos policiais iam naquela lata enquanto houvesse espaço. Geral, policial, esportes, social... Ia tudo para as latinhas. Não tinha especificação de local ou data. Simplesmente guardávamos os filmes revelados por assunto. Já com as fotos reveladas em papel era um pouco mais organizado. Existia um arquivo de aço com várias pastas. Atrás da foto eu escrevia o assunto, data e local. Escrevia na máquina de escrever. Isso a foto já impressa (revelada em papel). Então já era um pouco mais organizado. (trecho da entrevista de Marilson de Paula, vide página 159)

Das histórias narradas pela dupla de fotógrafos do Jornal da Manhã interessa assinalar como indícios do fotojornalismo daquele período: (a) o surgimento da figura do arquivo fotográfico na redação, por mais que desorganizado e sem profissional gestor específico; (b) as tentativas diversas de conciliar limitações do equipamento fotográfico e de laboratório com o ritmo e as expectativas da produção fotográfica noticiosa, insinuando o gradual desenvolvimento de uma percepção mais jornalística e atenta aos acontecimentos pelos fotógrafos; (c) a existência de casos de urgência, resultando em quebras na rotina e no expediente de trabalho, ou remanejamentos; (d) a convivência de formações advindas da redação e dos estúdios de foto da cidade na atuação dos repórteres fotográficos; (e) o predomínio da atuação generalista e não setorializada nas coberturas fotográficas; (f) o acesso à profissão via indicação de outros fotógrafos; (g) a substituição um tanto rotineira dos profissionais da fotografia no jornal.

5.4 O FOTÓGRAFO PESQUISADOR

Eu iniciei no Jornal da Manhã no dia 01 de abril de 1982, participando de um processo seletivo que consistia em escrever um texto. Consegui a vaga de repórter/redator. Nessa época o jornal contava com uma equipe de cinco repórteres/redatores: Maurílio de Paula (geral/cidade), Marcelo Collman (agropecuária/hipismo/geral/cidade), Danilo Kravchychyn (esportes), Luiz Augusto da Silva (policial) e Leocir Passeti (social). Eu ingressei como sexto integrante da redação, encarregado de cobrir local/cidade. Eu, Maurílio e Marcelo também nos dividíamos para corrigir os textos recebidos por telex com o noticiário nacional e internacional.

Desde o início não havia reuniões de pauta. Mas a primeira reportagem que fiz, sobre a Associação Pontagrossense de Assistência à Criança com Deficiência (APACD), foi solicitada pelo editor chefe, Adail Inglês. Naquela época a APACD funcionava em um casarão localizado à Rua Tenente Hinon Silva. Fui de carro, acompanhado do motorista e do fotógrafo Dário Antunes. Fiz a reportagem, conversando com o fundador da associação, Bernaldo Brito

Costa⁴⁹. Além do contato com o Brito Costa, também foram visitadas as dependências da APACD, conhecendo o trabalho realizado. Nelas foram feitas fotos que ilustraram a matéria publicada alguns dias depois. Esse primeiro trabalho no Jornal da Manhã mostra que em abril de 1982 já existia uma certa estrutura: carro, motorista e fotógrafo.

A partir dessa reportagem, outras foram indicadas pelo editor ou por colegas de redação, até que, um ou dois meses depois, fui deixado sozinho e com a incumbência de entregar notícias suficientes para fechar uma página. Mais ou menos nesse período também recebi a incumbência de escrever, sem assinar, a coluna Bastidores, composta por pequenas notas e uma fotolegenda.

Sem reuniões de pauta ou um pauteiro, precisava estar atento ao dia-a-dia da cidade, em busca de informações que pudessem ser transformadas em notícia. Vez ou outra um colega ou o editor sugeria uma pauta. E muitas vezes telefonávamos para as secretarias da Prefeitura Municipal em busca de algo noticiável. Numa época em que não existiam computadores, celulares ou redes sociais, eram importantes os contatos com presidentes de associações de bairro, secretários municipais, diretores de escolas e outros, que proporcionavam sugestões de reportagens.

A existência de um único fotógrafo e seis repórteres que poderiam demandar fotografias ao mesmo tempo, me fez decidir aprender fotografia. É verdade que o repórter Luiz Augusto da Silva fazia as fotografias para a página policial e, quando estava ocioso, também fotografava para os outros colegas, mas a preferência é que ele fizesse apenas o seu serviço. Por outro lado, o fotógrafo Dário tinha seu horário de trabalho e só comparecia em outros se fosse avisado no dia anterior, o que nem sempre era possível. E avisar com pouco tempo de antecedência não era possível, pois ele não tinha telefone residencial.

Por isso, certo dia pedi ao Luiz Augusto que me ensinasse fotografar. Numa das saídas pegamos duas máquinas e fizemos fotos. Segui as instruções que ele me passava e consegui bons resultados. Com um pouco de treino, podia fazer as fotografias para as minhas reportagens e, vez ou outra, ajudava nas dos colegas. Logo na sequência pedi para aprender o trabalho de laboratório, o que também facilitou bastante a existência de fotos em minhas matérias, pois já não dependia nem do fotógrafo, nem do laboratorista.

⁴⁹ Bernaldo Brito Costa foi vereador em Ponta Grossa no período de 1969 a 1982. Em 1975 fundou a Associação Pontagrossense de Assistência à Criança com Deficiência (APACD) após constatar as dificuldades encontradas para encontrar o apoio necessário aos pais de e crianças com deficiências, como ele próprio era. Desde o início, a APACD se dedicou à confecção de próteses e outros materiais e cuidados que promovem maior bem estar a estas pessoas. Bernaldo Brito Costa faleceu em julho de 1996.

O equipamento fotográfico do Jornal da Manhã era básico. Uma máquina Yashica e duas Praktica. Todas usando filme 35mm, sempre preto e branco, que era adquirido em rolos e rebobinados nos cartuchos conforme a necessidade. Por isso não havia uma padronização de quantas poses cada filme tinha. Se o carretel estivesse vazio, receberia filme até não caber mais, o que poderia ser equivalente a 40 ou 42 poses. Mas na volta ao jornal após uma saída para reportagem, o filme seria cortado para que fosse revelada apenas a parte já utilizada. Isso fazia com que ficassem carretéis com poucas poses, o que poderia significar uma troca de filmes em meio a um trabalho de reportagem, ocasionando perda de tempo e de tomadas.

O fotógrafo Dário Antunes foi substituído por Cleon Costa e este por Marilson de Paula. Também passaram rapidamente pelo Jornal da Manhã os profissionais Mário Hirano e Mário Sato. Israel Kaé foi outro fotógrafo que fez parte da equipe, permanecendo até 1987.

Durante a passagem de Cleon Costa houve melhoria no equipamento fotográfico, com a aquisição de uma máquina Yashica equipada com motordrive e uma pequena teleobjetiva, o que significou mais agilidade na obtenção das fotos e uma leve aproximação do objeto retratado. Nesse período também foram adquiridos dois conjuntos de flash Frata, que funcionava com as bateria de 6 volts para motocicleta.

O laboratório fotográfico era equipado com o suficiente para a ver elação e ampliação das fotos. Bacias com produtos químicos, um ampliador e uma esmaltadeira. É preciso lembrar que existiam três laboratórios que trabalhavam no mesmo padrão. Além do fotográfico, havia o de fotolitos e o de chapas. Todos, basicamente, faziam revelação de algum tipo de fotografia.

O dia-a-dia era corrido. No meu caso, chegava na redação por volta das 14 horas e saía às 2 ou 3 da manhã do dia seguinte. Nesse período precisava dar conta de completar uma ou duas páginas – conforme determinado pela diagramação – com matérias locais ou, em último caso, de assessoria. Quando migrei para a editoria policial, que ocupava as duas últimas páginas de cada edição, ao invés de assessoria, podia usar matérias vindas da Agência Estado, desde que de grande repercussão, mas não para a última página, que precisava ser totalmente local.

O salário era baixo. Um salário mínimo da época. Em algum momento, como todos os repórteres-redatores tinham uma coluna, foi permitido vender uma publicidade para ela e o valor auferido ficar como complemento salarial. Ninguém conseguiu tal venda. Posteriormente, foi adicionado um salário mínimo, mas sem que o valor constasse na Carteira de Trabalho. Um extra era obtido como representante do jornal no Comitê de Imprensa da Câmara Municipal. Íamos às sessões, fazíamos um ou outra matéria, e ao final do mês recebíamos um salário mínimo pago pela casa de leis do município. Cada órgão de imprensa podia ter um representante no Comitê e eu representei, por algum tempo, o Jornal da Manhã e, quando houve a junção com

a Rádio Santana, passei a representar essa emissora.

Como meus colegas destacaram, não havia um arquivo de fotos propriamente dito. Os filmes eram acondicionados em latas sem separar por assuntos. As fotos em pastas, num arquivo de aço, com alguma marcação que vagamente identificava o que e quando foi retratado. Tentei localizar essas fotos e filmes. Os atuais dirigentes do Jornal da Manhã não levaram o acervo. E os responsáveis pela massa falida do grupo Gustavo Horst também desconhecem seu paradeiro. É possível que tudo tenha se perdido ou esteja em algum lugar desconhecido.

CONCLUSÃO

A foto jornalística precisa falar. Esta conclusão do fotógrafo Israel Kaé resume a diferença entre a foto de estúdio – que registra um momento –, e foto jornalística, que conta detalhes de um fato.

A história do fotojornalismo no mundo e no Brasil já vinha de longa data, mas em Ponta Grossa era quase inexistente nos anos anteriores à década de 1980. Ao longo de décadas, as páginas dos jornais eram desprovidas de imagens, salvo algumas que acompanhavam propagandas. A confecção dos jornais à quente, em chumbo, o baixo investimento dos grupos proprietários, explica, em parte, a falta de imagens acompanhando as notícias. Mesmo assim, algumas ocasionais, de eventos de grande monta, que justificassem o deslocamento e gasto para um clichê feito em Curitiba, ilustravam uma que outra edição dos matutinos ponta-grossenses.

Destacamos que uma outra forma de analisar o fotojornalismo no Jornal da Manhã na década de 1980, seria a análise das fotografias em si, e não o processo histórico da construção como fizemos. Ainda a pertinência ou não das fotos utilizadas em relação ao texto. Estas análises imagéticas são, talvez, uma possibilidade para outro(s) estudo(s) futuro(s).

A década de 1980, para o Jornal da Manhã, foi um período de muitas mudanças. Mudança do formato *standard* para meio *standard*, introdução da diagramação que lhe deu um visual mais moderno e planejado, e a efetivação do fotojornalismo.

Como pudemos observar, fotos com um almejado cunho jornalístico, já existiam de uma forma não convencional, desde décadas anteriores. Mas era praticado por fotógrafos de estúdio, acionados para a cobertura de um evento social ou para alguma foto em um acontecimento como inauguração ou reunião que justificasse o gasto com a imagem. Essas fotos eram feitas então sob o olhar de um profissional de loja, não por um jornalista com a missão de transmitir informações. Observa-se a passagem de grandes nomes da fotografia ponta-grossense a serviço dos jornais em ocasiões sociais ou atos solenes acontecidos pela cidade. Entre outros, Domingos Silva Souza e Germano Koch, ambos do Foto Elite, foram acionados para tais coberturas fotográficas.

É importante observar que o jornal *A Notícia*, surgido no final da década de 1970 e extinto no início da década de 1980, sempre teve fotógrafos em seus quadros de profissionais. E estes faziam um trabalho incomparável em Ponta Grossa, tanto que este matutino sempre se destacou pelas coberturas fotográficas que fazia. Infelizmente, teve vida efêmera e, afundado em dívidas, não prosseguiu no seu labor.

Já o Jornal da Manhã, junto com o *Diário dos Campos*, que já tinham uma trajetória

de várias décadas de história, prosseguiu ao longo da década de 1980 e a análise deste período de sua vida jornalística permite entender como o processo da introdução do fotojornalismo aconteceu e se firmou como processo de produção jornalística. Não fica explícito nas pesquisas ou nas entrevistas, mas é possível presumir que o fotojornalismo praticado no jornal *A Notícia* teve grande impacto nos demais jornais. E isso motivou a busca de profissionais que realizassem esse serviço para as suas páginas.

É possível perceber que com a contratação de um fotógrafo de estúdio, Dário Antunes Rodrigues, no início da década de 1980, o Jornal da Manhã quer ter um profissional da fotografia à sua disposição em tempo integral e não mais depender dos profissionais de estúdio, como acontecia até então e que nem sempre podiam atender de imediato. O editor Adail Inglês define esse primeiro profissional como vagaroso, dando a entender que não tinha criatividade para fotografias jornalísticas. Isso se deve à sua formação em loja de fotografia, com personagens estáticos, ou fotógrafo de eventos onde os retratos são realizados em momentos pré-determinados. Ainda assim, Dário acompanhava os repórteres e fazia as fotos solicitadas. Além disso, acumulava a função de laboratorista, como aconteceu também com os outros fotógrafos que passaram pelo matutino.

Depois de Dário, outros fotógrafos passaram pelo Jornal da Manhã. Marilson de Paula e Israel foram os que mais tempo permaneceram no jornal.

Marilson foi o primeiro fotojornalista formado inteiramente nos quadros do Jornal da Manhã. Sem ter passado por estúdios fotográficos, aprendeu a fotografar olhando eventos e acontecimentos jornalísticos. Dessa escola, como ele mesmo definiu, seu olhar ficou mais voltado para fotos que transmitissem um olhar jornalístico e não apenas o registro do fato.

De certa forma, vemos que o mesmo aconteceu com Kaé, muito embora este tenha iniciado sua trajetória na fotografia de eventos sociais. Mas, como ele conta, ao ingressar no Jornal da Manhã, passou a ter outro olhar para a cobertura dos fatos, vindo a se apaixonar pela fotografia jornalística, na qual se especializou ao longo dos anos. Para ele, a foto jornalística precisa transmitir o fato.

Outro aspecto importante a ser observado para a efetivação do fotojornalismo como processo produtivo no Jornal da Manhã na década de 1980, foi a contratação do jornalista Neomil Macedo como o primeiro diagramador do matutino. Da observação das páginas do jornal nos primeiros anos da década analisada vemos que não havia um planejamento ou programação de como seria cada página. O jornal era feito de forma artesanal e amadora. O repórter/redator escrevia o texto, entregava na composição onde era digitada em máquinas especiais na largura e formato que deveria ser impressa, da composição seguia para a montagem

e ali o montador colocava na página como bem entendesse. Se havia uma foto para a matéria, mas ainda não havia sido revelada, era comum não guardar espaço e a notícia ficar sem a ilustração. As matérias também ocupavam as páginas na ordem que chegavam à montagem, e era comum que notícias mais importantes ficassem em um segundo plano.

O diagramador veio dar uma nova imagem ao jornal. É notória a diferença visual entre o período pré e pós diagramação. As páginas passam a ser planejadas fora da montagem. E este departamento da produção do diário aprende a seguir os esquemas elaborados por Neomil. Com esse planejamento, fotografias tem garantia de espaço reservado, ainda que não tenham sido reveladas até o momento de seguir para a montagem.

Se as páginas internas ganharam novo aspecto, a primeira página também ganhou uma nova programação visual. Na verdade, uma programação visual inédita, já que antes do diagramador ela também era feita conforme o gosto do montador e com definição de manchete pelo chefe de redação ou editor.

A programação visual da capa do jornal deu aos fotógrafos um novo desafio. Fotos que pudessem ser publicadas na primeira página. Kaé destacou em sua entrevista, que essa foto de capa precisava ser mais bem elaborada, ou seja, demandava um olhar mais especializado, pois precisava prender o leitor que visse o jornal fixado nas paredes das bancas de revista. Era essa foto que determinava se o leitor compraria ou não a edição produzida.

O que concluímos é que, com o advento da diagramação, os fotógrafos viram uma maior valorização do seu trabalho. Com isso, precisaram buscar ângulos e poses que melhor traduzissem o fato ou evento retratado.

A soma do trabalho dos fotógrafos com o diagramador permitiu que as notícias não tivessem mais apenas uma imagem do que noticiavam, mas uma fotografia de cunho jornalístico, que completava o texto escrito e transmitia ainda mais informações.

Se, por um lado o Jornal da Manhã investiu em profissionais, por outro esse investimento foi insuficiente para uma boa qualidade de imagens. Os fotógrafos, como vimos, usavam equipamentos fornecidos pelo jornal. E estes, concordam Marilson e Kaé, eram de qualidade inferior, resultando em imagens pouco nítidas, especialmente quando feitas à noite. O editor Adail Inglês também concorda que havia pouco investimento. O grupo que controlava o matutino não tinha cunho jornalístico, mas político e buscava apenas manter um instrumento que ajudasse seu grupo a ganhar as eleições e controlar o cenário em Ponta Grossa.

O resultado da fotografia só seria conhecido após o filme ser revelado e a foto ampliada. Os fotógrafos lembram que devido à baixa qualidade dos equipamentos e produtos fotográficos, muitas vezes as fotos saíam sem condições de sempre publicadas, com

visualização lavada.

A qualidade inferior dos equipamentos não se resumia às máquinas fotográficas ou ao laboratório de revelação. A impressora, embora fosse *offset*, era apenas sofrível, resultando numa impressão de baixa qualidade, com imagens muitas vezes borradas e com edições que deixavam as mãos sujas de tinta. Ou seja, ainda que os profissionais envolvidos na rotina de produção fotográfica se esforçassem para um bom trabalho, o maquinário disponível prejudicava o produto final.

A falta de formação acadêmica é outro fator marcante para o jornalismo praticado à época. O curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa só foi implantado em meados da década e a primeira turma só formou no seu final. A inexistência de profissionais formados fez com o jornalismo e o fotojornalismo praticado fossem amadores. Mas, ainda assim, com afinho e determinação. As coberturas realizadas e os esforços empreendidos, como deslocamentos a pé ou de ônibus por falta de veículos próprios do jornal, demonstram que faziam o melhor que podiam dentro de suas limitações.

Por outro lado, o início do curso de Jornalismo da UEPG e o subsequente ingresso de vários jornalistas amadores em suas turmas, fez com que aos poucos fosse formada uma nova concepção de jornalismo. Essa mudança também foi sentida no fotojornalismo.

Concluimos que ao longo da década de 1980, o fotojornalismo se consolidou como processo produtivo jornalístico no Jornal da Manhã. Mesmo enfrentando várias dificuldades, como a falta de profissionais qualificados, equipamentos de qualidade, ele buscou contar e complementar em imagens o que a notícia contava em palavras. Também conseguiu prender a atenção do leitor e fez com que este se interessasse pelo assunto noticiado.

Ainda assim, com todas estas dificuldades e deficiências, fica evidente o esforço dos profissionais envolvidos. Mesmo com pouco conhecimento e formação ou com equipamentos de menor qualidade, a fotografia se desenvolveu e se fixou entre as práticas de produção jornalística da mídia analisada. O mesmo pode ser dito da redação que, dentro dos limites impostos pela empresa e época, conseguia diariamente fazer um novo jornal com as principais notícias.

Se o Jornal da Manhã não foi o primeiro onde o fotojornalismo se instalou, foi nele que encontrou espaço e acolhida. Infelizmente, a produção fotográfica desse período se perdeu na transição do grupo Gustavo Horst para os atuais proprietários. Nessa transição, nenhum dos grupos teve a preocupação de preservar os acervos e arquivos. A história do fotojornalismo em Ponta Grossa é vasta e rica. Merece que mais pesquisadores se debrucem sobre ela e procurem vestígios e detalhes que não foram contemplados em nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Territórios do Jornalismo – Geografias da Mídia Local e Regional no Brasil**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. 2016

ÁLBUM do Paraná. Curitiba: [s.n.], [1920], disponível em <http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/files/original/f72a23ecec7c24ebe6fdd703e8b2ddda.pdf> acesso em 02/ago/2022

ÁLBUM de Ponta Grossa. [S.l., s.n.], [1936], disponível em <http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/files/original/ea08ab246a4630c018cfd044cc2b160b.pdf> acesso em 02/ago/2022

ÁLBUM de Ponta Grossa 1963. [S.l., s.n.], 1963. disponível em <http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/files/original/3f8f2182ca48464c50db429f3d6796d0.pdf> acesso em 02/ago/2022

ÁLBUM de Ponta Grossa 1976. Ponta Grossa: [s.n.], 1976. disponível em <http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/files/original/18249c26d4fa60a9a50e3e3ba536099d.pdf> acesso em 02/ago/2022

ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**. São Paulo, nº 18, p. 85-99, 2009.

BONI, Paulo César. **O paranaense que ajudou a escrever a história do fotojornalismo no Brasil**. Londrina: Discursos Fotográficos, 2011.

CARTIER-BRESSON, Henri. **O imaginário segundo a natureza**. Barcelona: Gustavo Gili, 2015.

COSTA NETO, Cid. RESUMO Fotográfico. Disponível em <https://www.resumofotografico.com/2020/04/fotos-historicas-tomada-do-forte-de-copacabana.html> Acesso em 23/set/2023

DIAS, Cláudio Fachel. **História e fotojornalismo nas páginas do jornal Última Hora (RS): imprensa e política na crise da legalidade (1961)**. Dissertação (Mestrado em História). PUC-RS, Porto Alegre, 2009.

DORNELES, Beatriz. Características do jornalismo impresso local e suas interfaces com jornais comunitários, **Revista Alceu**. Rio de Janeiro, 2008

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. [S.l., s.n.] 19---. Disponível em < https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60586395/Entrevista_em_profundidade20190913-12365-1kjb1f2-libre.pdf?1568410197=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DEntrevista_em_profundidade.pdf&Expires=1731514018&Signature=fadCtRKaeuuFdCOKbKxJRUIoPrYcBGGEDy6SEq2SUCd25svMw-91~Vv45FHpr0xbWOGgq-RhmpoObOQCe6TfafsMRnmmtPC00Xj2K95z17xe9myMQThgNrcRL5RAmgLXdCvscIJp6n7e9RJdlo-9Ps~rMuV6~32mjD7K-MKLjA~50eRRLVCbjRk5v2PCnmJXCc7XBAEUQ1LZUI31ZB-Gx5thqeJRNiaPZcyOgcPTJpE4udzZQKglslReH33xt~2o7x9BOuJPPalHZ6EXa9bcie7WPFJ

[9RlgcjfJFuYWL65pm59ayIocpB7cdOI1fNvezoLhm55To8urs4h~fSWCHQ &Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://www.gazetadigital.com.br/editorias/politica-nacional/votao-de-emenda-que-pedia-eleies-diretas-j-completa-40-anos/769403) Acesso em 13/nov/2024.

FERREIRA, Soraya Venegas. **Retratos do Brasil** – O prêmio Esso e a construção da memória do fotojornalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 20--.

GAZETA Digital. <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/politica-nacional/votao-de-emenda-que-pedia-eleies-diretas-j-completa-40-anos/769403> acesso em 23/set/2023.

HOLOWATE, Isaías. **Ponta Grossa e o Diário dos Campos**: o nascimento do jornalismo pontagrossense. Ponta Grossa: 6º Encontro Regional de História da Mídia - Alcar Sul, 2016.

HONORATO, Saori; SCHOENHERR, Rafael. **Reler os clássicos**: a noção de reportagem fotográfica em obras referenciais sobre jornalismo. Porto Alegre: Intercom, 2019.

LOPES, Charles R. Ross. Cenas da Ditadura Militar brasileira retratada por Evandro Teixeira, in **Imagem e Poder: Cultura Visual nas Ditaduras Latino-Americanas (1964-1985)**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2014.

LOUZADA, Silvana. **Reformas dos jornais cariocas no século XX**: A formação do repórter-fotográfico e o papel do fotojornalismo. Rio de Janeiro: UFF, 20--.

LOUZADA, Silvana. **Fotografia, modernidade e imprensa carioca** – as primeiras décadas do século XX. Rio de Janeiro: XIII Encontro de História Anpuh-Rio, 2008.

LOUZADA, Silvana. *Última Hora*: em cena a modernidade fotográfica. Londrina: Discursos fotográficos, 2009.

LOUZADA, Silvana. **O fotojornalismo brasileiro em meados do século XX**: a fotografia e a construção da categoria profissional. Campinas: X Encontro Regional Sudeste de História Oral, 2013.

MACEDO JÚNIOR, João Batista de. **Diagramação**: Um sistema para a previsão e improviso na mancha de texto. Dissertação (Mestrado em Artes). UNESP, São Paulo, 2010. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86948/macedojunior_jb_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y acesso em 08/jul/2023

MAUAD, A. M., Louzada, S., & Gomes de Souza Júnior, L. (2021). Das revistas ilustradas ao fotojornalismo independente: itinerários da prática fotográfica no Brasil do século XX. *Fotocinema. Revista Científica De Cine Y Fotografia*, (22), 221-254. <https://doi.org/10.24310/Fotocinema.2021.vi22.11713> acesso em 08/jul/2023

NICHELE, Heloisa. **Elas em Foco**: as primeiras fotojornalistas paranaenses. Curitiba: UFPR, 2018

PIMENTEL, A. da S.; TEMER, A. C. R. P. Newsmaking in Portuguese: uma discussão das

hipóteses de Gaye Tuchman no contexto brasileiro. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 15, n. 2, p. 116–132, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/23116>. Acesso em: 29/mai/2024.

PONTES, Felipe Simão. **Nuances de uma análise histórica do jornalismo: homens, mulheres e a cidade nas páginas do Diário dos Campos (1910-1923)**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Ponta Grossa, 2006.

RAMARI, Thiago Henrique. **A diagramação da Revista Realidade: Uma análise da Editoria Medicina no Primeiro Ano de Circulação**. 2018, Intercon, Joinville. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0263-1.pdf> acesso em 07/out/2023

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500 – 1822 – com um breve estudo geral sobre a informação**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1946.

SODRE, Nelson Werneck. **A história da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Lidia Lerbach de. A imprensa régia: O tardio nascimento da imprensa no Brasil, **Verbum**. V. 9, nº 1, 2020, pp 310-323. São Paulo, 2020.

ROSA, Gonçalo Pereira. Entrevista a Gaye Tuchman, **Comunicação e Cultura**. Nº 9, 2010, pp 165-171, Lisboa, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. “A experiência do trabalho de campo no universo da comunicação”. **Extraprensa**, ano VIII – nº 14, junho/2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/EPX14-A3/88027> acesso em 02/ago/2022

WEHRHOLDT, E. C.; BRONOSKY, M. E. Mapeamento das mídias jornalísticas do Paraná - a presença do jornalismo impresso e digital no estado entre 2018 e 2019 **Emancipação**, v. 22, p. 1–11, Ponta Grossa, 2022. DOI: 10.5212/Emancipacao.v.22.2218230.010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/18230> acesso em 12/set/2022

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: FOTOJORNALISMO EM PONTA GROSSA (PR) NA DÉCADA DE 1980 – A FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA PRODUTIVA NOTICIOSA NO CONTEXTO DO JORNAL DA MANHÃ

Pesquisador responsável: Eder Carlos Wehrholdt RG
Programa de Pós-Graduação de Jornalismo. Bloco C, Campus Central da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Praça Santos Andrade S/N, Centro, Ponta Grossa – PR. CEP: 84030-900
E-mail: edercw@gmail.com Telefone: (42)

Comitê de Ética em Pesquisa da UEPG
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Av. Carlos Cavalcanti, 4748 – Uvaranas
Bloco M – Sala 116-B – Campus Universitário CEP: 84030-900 – Ponta Grossa – PR
E-mail: propesp-cep@uepg.br Telefone: (42) 3220-3108

Entrevistada(o):

RG:

Endereço:

E-mail/Telefone:

Aceito participar da pesquisa FOTOJORNALISMO EM PONTA GROSSA (PR) NA DÉCADA DE 1980 – A FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA PRODUTIVA NOTICIOSA NO CONTEXTO DO JORNAL DA MANHÃ e autorizo o uso das informações por mim prestadas para fins de pesquisa científica e publicação pelos canais que o pesquisador responsável julgar necessários. Essa autorização é condicionada à preservação de minha identidade, bem como de terceiros por mim mencionados (sejam pessoas físicas ou jurídicas).

Fui informada(o) e compreendi que esta pesquisa tem por objetivo investigar as experiências profissionais que tive ao trabalhar no Jornal da Manhã, de Ponta Grossa, na década de 1980. Essas informações contribuem para o conhecimento acadêmico sobre o tema, bem como guarda interesse para aplicação e entendimento da história da imprensa de Ponta Grossa.

Tomei conhecimento dos possíveis riscos da pesquisa, em específico sobre a minha possível identificação ou de outras pessoas em consequência das informações por mim prestadas. Foi exposto pelo entrevistador que todas as providências serão tomadas para mitigar tais riscos. Por isso, posso contactar o pesquisador e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa da UEPG a qualquer momento para esclarecimentos adicionais, complementações e retificações de informações. Posso ainda retirar esta autorização a qualquer momento. Foi assegurado, ademais, que esta pesquisa não acarretará quaisquer custos.

Declaro ainda que recebi uma das vias deste termo.

Entrevistado(a)

Entrevistador

Pesquisador Responsável

APÊNDICE B

MEMORIAL DESCRITIVO

A oportunidade de fazer uma pesquisa com vistas ao mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa surgiu em 2021, em plena pandemia do Covid 19. A ideia de pesquisar a história do fotojornalismo em Ponta Grossa, especialmente na década de 1980, quando se fixa como rotina produtiva jornalística, veio de minha passagem pelo Jornal da Manhã naquele período, quando atuei como repórter, redator fotógrafo e laboratorista. A intensão foi de resgatar os acontecimentos que permitiram a inserção do fotojornalismo nas rotinas diárias dos jornais de Ponta Grossa. Isto colaborou para que parte do trabalho final fosse baseado em memórias e narrado em primeira pessoa.

Juntamente com as aulas teóricas, fui amalhando literatura que pudesse embasar a pesquisa, no que fui muito auxiliado por meu orientador, professor doutor Rafael Schoenherr. Ao mesmo tempo conversei com vários ex-colegas de redação do Jornal da Manhã. Estas conversas permitiram rememorar fatos, bem como esclarecer dúvidas que surgiam em minha memória. Para tanto foram verificados os repositórios disponíveis, que versassem sobre fotojornalismo, em repositórios como da CAPES, UEPG e outras universidades.

A leitura de obras disponíveis sobre fotografia e fotojornalismo trouxe conhecimento da história, desenvolvimento, aprimoramento e fixação do trabalho fotográfico como um todo, bem como no jornalismo. Obras como as de Sousa e Kossoy permitiram assimilar o desenvolvimento do fotojornalismo no mundo, enquanto que a de Louzada, Mauad e Sodré trouxeram luz à história de como esta prática evoluiu no Brasil.

Em 2022 fui acometido por uma depressão, agravada por síndrome de pânico que me impediu de sair de casa. A produção textual caiu drasticamente, ao ponto de por vezes ficar mais de um mês sem conseguir produzir um único parágrafo. Aos poucos o tratamento médico fez efeito, o que me possibilitou retomar a produção, embora ainda com alguns empecilhos.

O objetivo maior da pesquisa era entender o fotojornalismo dentro do Jornal da Manhã na década de 1980. Para isso, durante vários meses ao longo de 2023 e 2024, ao menos uma vez por semana, frequentei a Casa da Memória Paraná, em Ponta Grossa, onde tive acesso aos jornais encadernados daquela época. Por horas em cada visita, folheei os exemplares disponíveis. Enquanto fazia isso, observava as fotografias constantes em cada edição. As fotografias foram cuidadosamente contadas por editoria (capa, política, geral/cidades, social, esportes e policial) e os dados resultantes inseridos em planilha eletrônica. Com isso foi possível saber quantas fotos eram inseridas em cada edição, bem como em cada editoria. Além do

número, de fotos, elas também foram observadas quanto à impressão, aspecto estético, como foram feitas as tomadas, se havia indicação de autoria e outros detalhes.

A última etapa foi a entrevista com o editor chefe Adail Inglês, os fotógrafos Marilson de Paula e Israel Kaé, e o diagramador Neomil Macedo. A partir de suas narrativas, juntamente com minhas lembranças, foi possível fazer uma descrição acurada tanto quanto possível, do fotojornalismo praticado na década de 1980 no Jornal da Manhã, bem como outros aspectos da rotina de produção de um jornal diário sem a existência de jornalistas formados e com equipamentos que muitas vezes beiravam o amadorismo.

APÊNDICE C

PÁGINAS DO JORNAL DA MANHÃ CONTENDO IMAGENS FOTOJORNALÍSTICAS NA DÉCADA DE 1980

Um trabalho sobre fotojornalismo em Ponta Grossa, notadamente no Jornal da Manhã, não poderia deixar de ter fotografias de páginas do matutino para exemplificar como a prática se fixou e evoluiu. Durante vários meses vasculhamos os volumes de exemplares do jornal investigado e retratamos aquelas que julgamos mais expressivas no mês de janeiro em cada ano. A avaliação de “mais expressivas” é pessoal e pode divergir de outros pesquisadores.

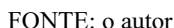
A Casa da Memória, anexa à Mansão Vila Hilda, guarda exemplares dos jornais que circularam e ainda circulam em Ponta Grossa. Os cadernos ficam guardados em uma sala com temperatura e iluminação controladas para garantir a preservação do acervo. O arquivo é aberto ao público interessado e pode ser acessado com facilidade, desde que observadas algumas normas da casa, como agendamento de horário e uso obrigatório de luvas para manusear os volumes. É entregue um volume por vez e, após sua análise, outro pode ser solicitado. De um modo geral, os funcionários são prestativos e aptos a auxiliar no trabalho investigatório.

As imagens a seguir foram feitas pelo autor do presente trabalho, usando um celular Samsung A72, em exemplares do mês de janeiro de cada ano da década de 1980 e servem para que se tenha uma ideia de como era o fotojornalismo naquele período. A observação das fotos incluídas permite entender como ocorreu a evolução e fixação do fotojornalismo nas rotinas diárias do Jornal da Manhã.

FOTOGRAFIA 34 – Capa da edição de 05 de janeiro de 1980



FONTE: o autor



FOTOGRAFIA 36 – Página interna da edição de 23 de janeiro de 1980

Ponta Grossa, Quarta Feia, 23 de Janeiro de 1980

Página 08

FUGITIVOS FURAM CERCO POLICIAL E PLANEJAM AGIR NAS CIDADES VIZINHAS

Os marginais que se esquivaram da Cadeia Pública, na madrugada de sábado, foram cercados, na noite de ontem, nas proximidades da Vila 31 de Março, mas lograram êxito, conseguindo sua fuga.

A Polícia Militar inicialmente fez uma sondagem do terreno onde os marginais se escondiam e comunicou à Polícia Civil, para que, capturados os fugitivos.

Após mantidos contatos, e fixarem um plano de ação, que incluía cerca de 60 policiais, as Polícias Militar e Civil tentaram chegar até o local onde os marginais se encontravam, mas foram vistos a tempo pelos delinquentes, pois o terreno é rochoso e acidentado.

Os fugitivos, após instarem certo movimento a cerca de um quilômetro de distância, embrenharam-se num mata-gal existente nas proximidades da Vila 31 de Março.

Porém, até que o reforço foi solicitado.

Os policiais deslocados no "arrestão" ou "capado humano", estavam fortemente armados com metralhadoras e empunhadas de grosso calibre e a fuga, segundo os mestres, foi por problemas de localização.

Fornos também dois cães da raça "Pastor Alemão", que não conseguiram pisar nos marginais. Segundo fontes da Polícia Militar, os fugitivos estão nas proximidades do Matadouro Municipal no Rio Verde, e podem causar problemas para as famílias que lá residem.

Outro fator abordado com membros da PM, foi com relação à sobrevivência dos marginais, que estão, inclusive, fortemente armados, e não praticam, pelo menos até aqui, qualquer tipo de furto que lhes proporcionasse renda.

Hoje o aparato policial prossegue, quando serão feitas várias "batalhas" no mata-gal existente nas proximidades do Rio Verde.

des do Rio Verde.

LETRA

Outro problema que está posto a população da 31 de Março em poeira, é o fato de que Aparecido de Oliveira, é portador de lepra, doença, segundo médicos, contagiosa. Este fato, aliado à periculosidade dos elementos furtivos, está tirando a tranquilidade dos moradores daquela populosa vila.

Aparecido de Oliveira, quando, juntamente com seus companheiros, presenciu a presença dos policiais, correu para o mata-gal com extrema dificuldade, só não sendo agarrado pela grande distância que separa a Polícia, cerca de quatro quilômetros. Dentro das próximas horas, deverão surgir novidades a respeito da prisão dos elementos furtivos no último sábado, da Cadeia Pública.

"PENEIRA"

Após os marginais embrenharem-se no mata-gal, a Polícia Militar movimentou cerca de 60 homens, realizando uma "peneira" no mata-gal existente desde a ponte do Rio Frangul, adiante do Hospital Franco de Rocha, até que o terreno fosse cuidadosamente varredor.

A reportagem, que acompanhou toda a operação, moradores da Vila 31 de Março mostraram-se preocupados com o fato de os marginais estarem tão perto.

Segundo o comandante da operação, Tenente Raimundo, a prisão dos marginais é questão de horas ou dias, pois a Polícia Militar está de posse de informações precisas.

CERCO

O cerco policial iniciou-se à 8 horas da manhã de ontem, quando um efetivo foi deslocado para a Vila 31 de Março e manteve à distância, seguindo os passos dos fugi-

FALECIMENTO

A Funeirista Rosa Sanchora Aparecida e o Jornal da Manhã, com imensa pesar comunicam o falecimento do sr.:

VICTORINO BUSATO

membro de tradicional família pontagrossense; deixou viúva a sr. Maria Busato e a filha menor, Adriane Cristina e mais, Ney, Francisco e Mariana.

Seu corpo está sendo velado na Capela Mortuária Santana, sito à rua Comendador Miró, 1134, de onde sairá o féretro para sepultamento, no jazigo da família no cemitério municipal São José.

Por mais este até de 18 e solidariedade cristã, a família antecipa seus sinceros agradecimentos.

DESAPARECIMENTO

Está desaparecida desde o último domingo a menina Roseli Ribeiro, de 14 anos de idade, que na ocasião de seu desaparecimento trajava calça Un Top, blusa preta e chinelos vermelhos. Roseli tem os cabelos crespos, é baixinha, de cor clara. A mesma é filha do sr. Adalberto Ribeiro e Mariene Ribeiro. Por estarem seus pais muito preocupados com o desaparecimento de Roseli, pedem a quem souber de qualquer informação, avisar seu pai na Vila 31 de Março, Quadra "C", No. 65, ou para as autoridades competentes.

VENDE-SE

Um Chevrolet ano 1974 em perfeito estado, com motor, caixa e pneus totalmente novos.

Preço Cr\$ 45.000,00 e vista.

Ver e tratar pessoalmente, à Rua Balduino Teixeira 810, falar com Delio.

CAIXAS DE PAPELÃO PARA PÊSSEGO

(GRÁFICA PLÁNETA LTDA)

Rua Paula Xavier, 1.507

Fone: 24-3366

Ponta Grossa - Paraná

SUPERMERCADOS

CHAMMA

onde dá gosto comprar!

Biscoito Maria	Cr\$ 14,50
Bolacha Holandesa	Cr\$ 14,50
Cerveja Nordeste sem álcool	Cr\$ 16,95
Colágeno Guarany	Cr\$ 11,20
Bolacha Champagne Paranaense	Cr\$ 17,85
Mazurdo Radinho 500 gramas	Cr\$ 15,38

Polícia princesina vai abrir inquérito

contra um jornal possivelmente fictício

A exemplo do que ocorreu nas cidades de Cascavel, Londrina, Maringá, agora em Ponta Grossa foi descoberto um jornal possivelmente fictício, o qual possui funcionários na cidade, vendendo assinaturas e os assinantes nunca viram exemplares dos ditos jornais.

Na rua Santos Dumont, 1020, existe uma residência, na qual funciona uma espécie de "sucursal" de um jornal infantil denominado "O Brasileiro", e juntamente com este, "A Tribuna Infantil".

O delegado chefe da 13a. SDP de nossa cidade dr. Hildebrando de Souza, ouvindo todas as notícias veiculadas, dando conta de vários golpes que os ditos jornais estavam aplicando no Norte do Estado, e sabedor de que em nossa cidade, haviam rumores de atividades de um jornal desconhecido, mandou alguns agentes até o local, onde existe o escritório dos referidos jornais, e fizeram o apreensão de diversos documentos que possam possibilitar a abertura de um inquérito para apurar as responsabilidades.

RESPONSÁVEIS

Um dos coordenadores do jornal em nossa cidade, José Martins, disse na Delegacia que o diretor responsável

Capturado mais um dos elementos que havia fugido da Cadeia Pública

Por volta das 15 horas de ontem, foi capturado o indivíduo José Hilto Nunes dos Santos, vulgo "Fracasso", que fazia parte do bando do famigerado "Beijo", os quais fugiram da Cadeia Pública, em número de oito centos, no último dia 19.

Hilto, o "Fracasso", estava transitando calmamente pela rua D. Pedro II, nas proximidades da Praça Curitiba, quando foi preso pelos agentes da 13a. Subdivisão Policial, Pedro Cipriano e Dário Vieira. Um telefonema anônimo, cujo autor não se identifica, deu conta da presença de "Fracasso" nas proximidades da Igreja São Sebastião.

Desta forma, apenas seis elementos restam para serem recuperados. A Polícia Civil e Militar estão trabalhando dia e noite para conseguir a prisão dos elementos, os quais não são tidos como indivíduos de alta periculosidade.

"FRACASSO"

Quando abordado pela reportagem policial deste matutino, José Hilto Nunes dos Santos, o "Fracasso", disse que se as autoridades derem chance ele novamente fogirá e desta vez para bem longe onde a Polícia não conseguir alcançá-lo.

O Delegado-Chefe da 13a. Subdivisão Policial, dr. Hildebrando de Souza, acredita que a curto prazo, todos os elementos furtivos estejam novamente atrás das grades.

José Hilto Nunes dos Santos, vulgo "Fracasso", foi capturado em data de ontem, quando estava "bandando" nas proximidades da Igreja São Sebastião.

"PARABÁ" AGRIRE E VAI PARA A CADERIA

A Rone 484, apimentou em data de ontem, na Vila Rosário, em uma forte explosão, a qual apresentou vários danos. Segundo relatos, momentos antes de a Anita, havia agredido outra mulher de nome Borges da Silva. 59 anos, casada, residente em Ponta Grossa. A vítima se apresentava em plena companhia de Maria Rodrigues, moradora do endereço. Em poder da agressora, foi apreendida "faquinha" de aproximadamente 15 centímetros e um pedaço de tipo. Não se sabe os motivos que levaram a Anita a apresentar-se. Só se sabe que ela agora, está encarcerada na Cadeia Pública.

GARÇON AGRIRE MULHER A FACA

A Vanda de Estímulo Mendes Campos, residente na rua Sebastião Nunes, no famoso Castelinho, compareceu na Delegacia Subdivisão Policial e contou que fora agredida por Luiz Marques, o qual é irmão de um dos autores da explosão. A declarante, apresentou sinais de agressão. Após ser examinada até um dos médicos, a mesma foi medicada e liberada, porque da valentia do moço, em agredir a mulher da casa dele, ter que explicar, lá no

ALUGOU CASA E VIVE AMEAÇANDO A PROPRIETÁRIA

A sr. Adélia Lichinsky, moradora na rua, 140, no Jardim Maracand, esteve na delegacia do distrito e contou uma história para a delegacia que alegou uma "iniciativa", por sua filha, Machado. A casa alugada, tem no mesmo quarteirão. Segundo palavras de dona Adélia, ela vive embriagada, faz ameaças de morte para a mãe e ainda dá uma de hostilidade, dizendo que se ela não aguentar mais está se preparando, e não podendo fazer nada, tem que ir até a delegacia do primeiro e contar a história, e este por sua vez, prometeu tomar providências.

MULHER NÃO AGUENTA MAIS A CARA DO MARIDO

A dona Maria Rosa da Luz, residente na rua D. Pedro II, contou na delegacia da primeira subdivisão com Marco Dias da Luz, há mais de 10 anos por lá. Ela, e desta união, surgiram três filhos, 30 que de tempos para cá, o Marco Dias quer sair da família, pois ele não quer mais em casa, bebe qual um galão e dá a esposa a nem das crianças. A dona Maria sabe o que fazer para por um parêntese, pede providências para as autoridades, mas na Maria Rosa, quem sabe aguarde de vez mais a reida...

FOI DESVIAR OUTRO VEÍCULO ACABOU ENTRANDO NO BARRIO

O Hospital Vicentino comunicou à delegacia que a entrada naquela instituição, por acidente. No local ficou constatado que o veículo pertence ao Sr. Cengizli Filho, o qual dirigiu o veículo pela estrada que liga Ponta Grossa à Iguazú. Nas imediações do Rio São José, o veículo desviou um outro veículo que vinha vindo, e perdeu-se ao volante, indo de encontro a um muro. Os choques saíram fortes, todos os dois veículos, ou seja a esposa do condutor, Elmar Cengizli e o filho Anderson, de 16 meses de idade, além do condutor do veículo. De imediato, os vítimas foram transportados para o Hospital Vicentino, onde após serem medicados foram internados, devido serem de certa importância recebidos por ocasião da ocorrência.

INSISTIU EM FAZER UM "PROVA" E LEVOU UM TIRO NA BARRA

Vejam só como as coisas não estão boas nestes ilipos. O travesti "Petra" (Petrão Freitas), ao insistir em fazer um "prova" um senhor de meia-idade, casado e filho, levou um tiro na bota, estando internado no Hospital de Capital do Estado. O desafortunado, último, na esquina das ruas D. Pedro II e Maracand. O travesti certo de que após para quando, entrou no veículo sem saber o que acontecia, o dono do Carcel, estralou o "motor" percebendo que não se tratava de um "prova". As autoridades policiais, não sabem ao certo o nome de quem deu a ideia de que ele devia se apresentar, para esclarecer o fato. Sem comentários.

JANEIRO 6 1981

ATA GROSSA, TERÇA FEIRA, 06 DE JANEIRO DE 1981

Polícia

JORNAL DA MANHÃ 31

PRINCÍPIO DE INCÊNDIO CAUSA PÂNICO NO BAIRRO SÃO JOSÉ

Quando atacam fogo em estufas de metal banhado com tinta a óleo num terreno baldio situado na rua Marquês de Olinda, defronte ao número 381, bairro São José, funcionários da Metalul - Metalúrgica localizada na mesma rua - provocaram pânico entre os moradores dos arredores, com a explosão, provocada pelo revolvimento dos detritos da metal banhado em tinta inflamável. Com a explosão deu-se início a um incêndio que, não fosse a intervenção do corpo de bombeiros, poderia ter-se alastrado, pondo em perigo a segurança dos moradores vizinhos ao terreno.

Tudo aconteceu quando, por volta das 13h45m, funcionários da Metalul dirigiram-se ao terreno baldio para, como de costume, atacam fogo nos estufas de metal banhados em tinta inflamável, tão como excesso de material utilizado na empresa.

Em consequência das chamas ocorreu a explosão, muito comum nesse tipo de material, porém, sem oferecer o menor perigo segundo os soldados do Corpo de Bombeiros, mas que assusta frequentemente os moradores das proximidades. Contudo, antes as explosões ocorridas no momento em que queimavam os detritos foi maior, além que as de costume, o que serviu para colocar os moradores em pânico.

De acordo com um vizinho da metalúrgica, Eusebio Torma, morador a rua Marquês de Olinda, 402, a explosão deu-se de maneira bastante violenta, "chegando até a vibrar as residências próximas ao terreno, deixando todos absortos e muito assustados".

Quando pôde verificar o que realmente estava acontecendo, aquele morador de imediato solicitou a presença do Corpo de Bombeiros para que pudessem auxiliar na eliminação das chamas que foi prontamente atendida. Para o local do sinistro foi deslocada a viatura do CB (ABT-2), comandada pelo Sargento Djalma, e auxiliada pelos soldados Ezequiel, Manoel e Ovídio, que em poucos minutos eliminaram as chamas, afastando o perigo que rondava o local.

Segundo funcionários da Metalul, "o fogo nunca ofereceu perigo algum e a firma, "nunca recebeu qualquer reclamação neste sentido", sendo esta a primeira vez que, dada origem do sinistro, provocou nos moradores (habitua a este tipo de ocorrência), um verdadeiro pânico.

No momento em que o sinistro se alastrava, a pronta intervenção dos Bombeiros eliminou o perigo.

Em poucos minutos estava tudo sob controle e os moradores vizinhos puderam reaver a tranquilidade.

Fugitivo da Penitenciária preso no interior do Estado

Foi detido no interior do Estado, numa cidade do Norte, e posteriormente encaminhado à Penitenciária Central, o marginal José Masanheiro - foragido e que, sob falsidade ideológica, atuava furtando domicílios e frequentando bares onde praticava desordem, o que levou Antonio Pereira dos Nascimento, 1º sargento da Polícia Militar do Estado, titular daquela delegacia, sediada na localidade de Borrachópolis, a tomar algumas precauções quanto a origem do citado elemento. Através de informações, conseguiu apurar que Alexandre (nome usado pelo marginal) já teria passagem pela Penitenciária, sem contudo saber se teria sido ele, libertado ou não.

O marginal que há muito se estabeleceu naquela cidade, amassado com Maria Souza da Silva. Vivia tranquilamente como pacato cidadão, disimulado pela amante, velha conhecida do fugitivo, até que passou a envolver-se em brigas e confusões, tornando-se por demais conhecido pelos atos de violência e desordem, gerando suspeitas por parte da polícia local.

FURTO E PRISÃO

Na madrugada do último dia 20, João da Silva, morador naquela localidade, teve sua residência arrombada, ocasião em que se deu por falta de alguns objetos de pouco valor monetário, num montante de aproximadamente dois mil

cruzeiros, mas que despertou no proprietário da residência arrombada, a ansiedade em relatar ao delegado, Antonio Pereira dos Nascimento, os prejuízos causados pelo furto, pedindo providências no sentido de solucionar o problema.

De imediato, o delegado, juntamente com mais dois soldados - Alvaro Soares de Oliveira e Milton Maria de Oliveira - saíram a procura do primeiro suspeito, o qual transitava desacompanhado por uma das ruas da cidade, e que ao sentir a presença dos policiais não ofereceu resistência alguma, sendo então conduzido até aquela delegacia, onde foi submetido a intenso interrogatório, de início negou qualquer participação na autoria do furto, mas após ter sido solicitado a apresentação da devida documentação, inclusive o Alvará de Soltura entregue aquele que tem liberdade concedida, o mesmo não continha qualquer documentação, a respeito, o que obrigou-o a confessar, tanto a autoria do crime quanto a fuga do presídio, onde cumpria pena por seis lesões corporais e dois homicídios.

Tão logo foi realizada a autuação em flagrante, pelo delegado de Borrachópolis, Antonio Pereira dos Nascimento foi conduzido até a Penitenciária Central do Estado, através da Subdivisão Policial de Ap. na.

TRÊS FERIDOS POR ARMA BRANCA

Após serrada discussão seguida de luta corporal, foi vítima de dois pontapés de faca Jairo José Ferreira Pontes, 19 anos, solteiro, residente à rua Maurício de Nassau, 1789. Seu agressor, o indivíduo conhecido por "baiano", proprietário de um estabelecimento comercial, situado na zona do Mercúrio, após ter atingido a vítima, foi segurado por seus companheiros, que presenciavam a cena, o que impediu que as consequências atingissem limites mais elevados. O fato se deu, por volta das 19 horas de domingo.

Com um corte na região frontal - supercílio esquerdo - a vítima foi conduzida até o hospital Bom Jesus por Amílton dos Santos, residente à Avenida Souza Naves, nas proximidades do Posto Cachangá, o qual encaminhava a vítima até aquela casa hospitalar para que pudesse ser medicada. Com o atendimento médico, Jairo Ferreira Pontes recebeu na região afetada dos pontos, e tão logo recebeu os tratamentos necessários, foi liberado por não ser muita gravidade.

TRUQUEIROS SE AGRIDEM

Outra desavença que culminou com a motivação agredida ocorreu no domingo último, por volta das 21:00 horas, quando, durante um partida de truco, desentenderam-se Juvenal Vieira de Oliveira, com 33 anos, residente à rua Arapongas, 128 - Palmeirinha, e Albari Marques Nascimento, 32 anos, casado, residente à rua Augusto Severo, 2260. Após a troca de palavras de baixo calão, partiram para agressão quando ambos amaram-se de facas e investiram um contra o outro, sendo que, em consequência das agressões, Albari Marques Nascimento sofreu ferimento na altura do nariz, tendo sido conduzido até o hospital da Santa Casa de Misericórdia, por Gino Nilo Manoel, residente à rua Arapongas, 48.

Também, foi internado no hospital Bom Jesus Juvenal Vieira de Oliveira, atingido na altura da região torácica, permanecendo sob cuidados médicos, devido à gravidade dos ferimentos.

MENOR MORRE SOB AS ÁGUAS DA PISCINA DE VILA VELHA

Mais uma vítima de afogamento marca a entrada deste verão que promete ser dos mais intensos. Nas águas da piscina de Vila Velha, local muito procurado, tanto por aqueles que aqui residem, quanto os que para cá se deslocam, atraídos pelas belezas naturais que fazem parte daquele recanto.

Apesar da presença da guarda-vidas, que permanece durante todo dia atento quanto aos banhistas que procuram a piscina do Parque Estadual de Vila Velha, tem sido registrado alguns casos de afogamento, inclusive, com vítimas fatais.

Quando brincava no interior daquela piscina, o menor Diomar Pedrosa foi tragado pelas águas, não mais retornando à tona, quando foi solicitada a intervenção dos guarda-vidas para a retirada do corpo do menor, já sem vida, pois o mesmo permaneceu durante mais de vinte minutos dentro d'água. Quando os familiares deram por falta do menino, era por volta das 17h50 min, e só foram encontrá-lo por volta das 18h50min, apesar dos

esforços do salva-vidas que nada pôde fazer para salvar a vida ao pequeno.

Após ter sido retirada, a vítima foi reconhecida por seu tio Oscar Borbato, que momentos antes acompanhava o menor no passeio.

O fato deu-se no domingo último, dia 4 de janeiro.

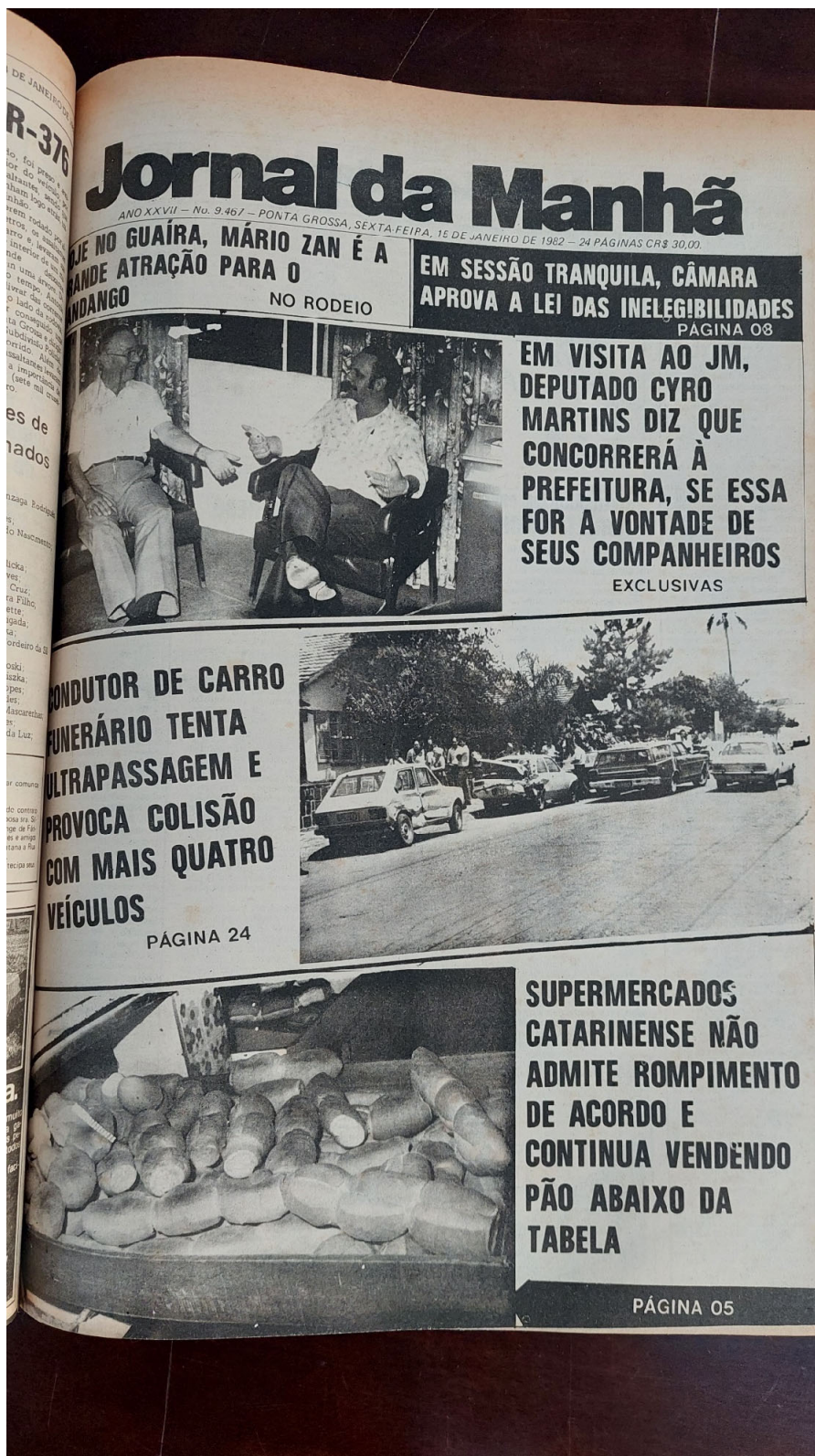
O corpo do menor, após transmitir para o Médico Legal, onde foi necropsiado, foi entregue a seus familiares para as devidas providências e posterior sepultamento.

FOTOGRAFIA 38 – Capa da edição de 08 de janeiro de 1981



FONTE: o autor

FOTOGRAFIA 39 – Capa da edição de 15 de janeiro de 1982



FOTOGRAFIA 40 – Página interna da edição de 17 de janeiro de 1982. Na segunda foto houve um erro da montagem com inversão vertical da imagem.

24 JORNAL DA MANHÃ

PONTA GROSSA, DOMINGO, 17 DE JANEIRO

Polícia

PREVENÇÃO DE ACIDENTES

A irresponsabilidade é a grande causa das tragédias



Muitas tragédias acontecem em decorrência da falta de atenção por parte dos motoristas.

Quase 80 por cento dos acidentes que ocorrem nas rodovias em todo País, federais ou não, são provocados pelas ultrapassagens feitas de maneira incorreta. O pior é que a vítima não é só aquele motorista imprudente que não consegue fazer a manobra: ele acaba invariavelmente, provocando ferimentos e a morte em quem não tem nada com isso, ou seja, os ocupantes do carro que vem em sentido contrário, trafegando normalmente, em sua faixa de rolamento e dentro dos limites normais de velocidade.

Na estrada, a diferença entre ultrapassar corretamente ou não, é a fronteira da segurança. Mesmo nas rodovias de pista dupla, a ultrapassagem pode ser considerada como o momento mais difícil durante uma viagem. O banco de informações do DNPR, de alguns conselhos que podem fazer com que os índices de acidentes diminuam. São conselhos simples, mas que muitos motoristas já esqueceram, ou simplesmente resolveram abandonar.

A pista está livre, a visibilidade perfeita. Mas será que seu carro tem reserva de potência suficiente para que você possa fazer a ultrapassagem com segurança? Se o seu carro anda só um pouquinho mais do que o da frente, não ultrapasse. Você levará muito tempo ao lado dele antes de ultrapassar a manobra, sem ter para onde fugir num imprevisto. É melhor não arriscar.

Nunca chique perto de mas da traseira do carro que vai à frente. Além do perigo de engavetamento no caso de uma freada brusca, você perde a visibilidade. Quanto mais perto estiver, menor será o seu campo de visão. Sem ângulo, e certo que poderá muitas oportunidades de ultrapassar em segurança.

Você tem pista livre, reserva de potência e muito lugar para manobrar. Mas ao começar a ultrapassar, percebe que o outro aumenta a velocidade. Não desbateria com buzinas desnecessárias. Pessoas que fazem isso, geralmente, são incapazes de manter uma ideia constante. A oportunidade de deixá-lo para trás virá mais cedo do que você pensa. É provável que o primeiro posto de gasolina ele pare para comemorar a vitória, ou acabe se cansando, voltando a trafegar numa velocidade inferior.

Tão importante quanto ver os outros é ser visto por eles. Ao se aproximar de outro carro, procure indícios de ter sido notado. Na dúvida, buzine levemente (o motor faz sinal de luz e mantém, depois, faróis baixos). Ao vê-lo o motorista da frente poderá facilitar a ultrapassagem, reduzindo ligeiramente a velocidade e chegando um pouco mais para a direita. Ou acelerar e deixar você para trás.

A ultrapassagem não termina assim: que você passa o outro carro. Você vai precisar voltar à direita, e com segurança. Mantenha a velocidade da ultrapassagem - pelo menos 20 por cento a mais do que o outro - até dispor de um mínimo de um carro para cada 10 quilômetros por hora. Controle essa distância pelo retrovisor.

Sinalize o início da ultrapassagem bem antes de começar a manobra, avisando o motorista da frente e os que o seguem. Use lanternas piscas-pisca da seguinte maneira. Uma vez ao lado do outro, custa pouco agradecer uma praxe gentiliza com dois toques rápidos na buzina, ou uma piscada de faróis. Ao ganhar terreno, sinalize o retorno à faixa da direita e, se não houver ninguém na frente, ligue a luz alta. Isso fará com que o motorista ultrapassado saiba o que você pretende fazer e passe seus próprios faróis para a faixa lateral.

Os acidentes de ultrapassagem quase sempre envolvem dois ou mais carros. Cada vez, não queira estar num deles. Ca

Considerando o número de acidentes verificados nas Rodovias Federais do País, que registra a ocorrência de 10,3 por cento em relação ao ano de 1980.

De acordo com o DNPR, foram registrados 49.402 acidentes nas Rodovias Federais do País, contra 49.402, e o de menor número foram 1980.

Também o número de acidentes verificados nas Rodovias Federais do País, que registra a ocorrência de 10,3 por cento em relação ao ano de 1980. Janeiro do ano passado, com o maior índice de acidentes, 259, e o menor número, 215.

O número de acidentes nas Rodovias Federais em 1981, foi 44 por cento maior do que o verificado em 1980. Em julho de 1981, o maior número de acidentes, 259, e o menor, 215.

Aqui, a gente facilita

Venha até a Copaci Tratores e confira as excepcionais condições de venda em peças e tratores Ford. Facilitamos tudo para você, seja qual for sua necessidade.

Copaci Tratores e Equipamentos

Av. Ernesto Vilas, 2155 - Tel. 24-3356

Ponta Grossa - Paraná

UMA EMPRESA DO GRUPO JOÃO VARGAS

ÂNCIO É COLHIDO POR MOTO NA SALDANHA MARINHO

Walfredo Marques de Assis, casado, 76 anos, residente à rua Afonso Celso 470, na Vila 31 de Março, na tarde de ontem, quando transitava pela Rua Saldanha Marinho, nas proximidades da Loja Hermes Macedo, foi colhido violentamente pela motocicleta Yamaha, de placas PH-685, conduzida por Gilmar Lunelli, 19 anos, que reside à Rua Tucass do Sul, no 110, na Vila Cipa.

Com ferimentos gerais.

CONVITE PARA MISSA DE 7º DIA

Esposa, Filhas e demais familiares do Sr. CONSTANTINO WOLZ, ainda consternados com o seu falecimento vem de público agradecer a todas as manifestações de pesar recebidas naquela ocasião, seja através das flores, cartas e telegramas, e aos que acompanharam o exequio até o Cemitério Santo. Em especial, externam os agradecimentos a todos os médicos, enfermeiros, e a família Anz e Zella, que o assistiram durante a sua enfermidade.

Outros, providenciaram seus parentes e amigos para participarem da Santa Missa de 7º Dia, que será celebrada dia 19 de janeiro, às 19,30 horas, na Igreja de Santa Teresinha, no bairro de Otília.

Por mais este ato de fé e solidariedade cristã, a família enlutada renova os seus sinceros agradecimentos.

D.F. 17 - 10/01/82

INTERNADO

O menor foi conduzido ao Hospital Bom Jesus por Izaide do Oliveira, residente à Rua Buleiro, no 278, na Santa Paula. A vítima sofreu ferimentos graves, de suturas no braço direito e de ressecção, o menor permanecerá internado, sob observações médicas.

FONTE: o autor

FOTOGRAFIA 41 – Página interna da edição de 20 de janeiro de 1982 com fotografias de políticos que visitaram a redação



FONTE: o autor

FOTOGRAFIA 42 – Capa da edição de 11 de janeiro de 1983



FONTE: o autor

12 JORNAL DA MANHÃ

SOCIAL

PONTA GROSSA, SEXTA-FEIRA, 14 DE JANEIRO

COMO ESTOU PASSANDO

Você já parou para se perguntar "como é que eu estou passando?" Será que bem, mais ou menos, ou simplesmente estou vivendo o dia a dia das pessoas, quase não mais permite, que nos defina certo período de tempo. Tempo este, que é de extrema importância para a nossa convivência, e para com as outras pessoas. Normalmente chega um determinado período, que nós acostumamos tanto com o que acontece, que nem sequer paramos para ver se é normal o que está sucedendo, ou se estamos nos esquecendo de nós mesmos, para não esquecermos de uma outra identidade. É mais do que certo, que a grande parte de nosso tempo para os outros, mas é deveras importante não nos esquecermos de nós, porque pode chegar a hora que não nos lembrarmos nem de nós, nem dos outros. É certo também, que nós preservamos sempre em primeiro plano, isto, sem egoísmo, que sempre de nós em todas as nossas atividades. Isto, nos dá o prazer de sabermos discernir, o que de fato, nos prejudica, e o que não, sabendo isto, poderemos nos conhecer melhor.

Excursão ao Sul

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Ponta Grossa, através de seus encarregados, está organizando uma excursão para o Sul do Brasil. Com saída marcada para o dia 11 de fevereiro, tendo como objetivos, Porto Alegre, Novo Hamburgo, Gramado, Canela, Cachoeira do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi; Retornando à Ponta Grossa no dia 16 de fevereiro. Os interessados deverão procurar por Maria José, até o dia 21 de janeiro.

Aimoré Índio Pereira de Moraes, em ritmo de dança.

O SUCESSO DAS GRANJAS

Está se registrando um grande movimento, nas tardes de verão, nas Granjas de Uva, de nossa cidade, que são a opção dos pontagrossenses nestes dias. Os produtores, por sua vez, acertam os detalhes finais para a II Festa de Uva dos Campos Gerais, que acontecerá nos dias 22 e 23, na Rua Benjamin Constant, onde, segundo eles, uma grande quantidade de uva deverá ser comercializada.

Ponto de Encontro

Carlinhos Paraná, estará se apresentando pela última vez, desta temporada em nossa cidade, sendo que a mesma, acontecerá na "disco" Magic Sound. Muito gelo seco, plumas e brizmas.

Na Pádua Motos, você adquire sua Yamaha, pelas melhores condições, e os planos mais facilitados de pagamento. Verifique.

A Associação Recreativa Homens do Trabalho, vem preparando com muito empenho a realização do seu primeiro grito de Carnaval. O mesmo acontecerá no próximo dia 22, sábado, na ocasião será escolhida a Rainha do Carnaval 1983, da ARHT. As mesas encontram-se a disposição dos associados na secretaria do Clube.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Encontram-se abertas as inscrições para o Concurso de Fantasia do baile de carnaval do Clube Pontagrossense. Neste ano, sob o tema Ouro e Prata, e, em conjunto com o Clube da Lagoa, o mesmo acontecerá na sexta-feira, iniciando assim o Reinado do Momo em nossa cidade.

BAILE DO CHOPPS

Neste sábado, a Sociedade Recreativa Santa Cecília, estará realizando mais um de seus bailes do Chopps, com início às 22:00 horas, contando com a animação musical do Conjunto Skalla, e com a participação especial do cantor Jorge Angelito. Os carnesos estão sendo vendidos na secretaria do Clube, a CR\$ 1.200,00.

Alvaro de Andrade, Álvaro Parino, Beth Diniz, Cleo Teixeira e esta colunista, estarão formando a Comissão Julgadora, na escolha da mais bela garota da noite pontagrossense, que estará acontecendo no próximo dia 20, quinta-feira próxima, nas dependências da Boate Motel JJ.

O carioca Paulo Egidio Hansen, nossa cidade, aproveitando para visitar amigos e parentes.

Paulo Egidio Hansen, passando tempo de férias em nossa cidade.

Lido Antônio Mendes e Silva.



QUARTA-FEIRA, 04 DE JANEIRO DE 1984

POLÍCIA

JORNAL DA MANHÃ 17

Tragédia de Castro:

ENCONTRADO OUTRO CORPO NAS ÁGUAS DO RIO IAPÓ, ONTEM

Mais um corpo foi retirado das águas do Rio Iapó, na manhã de ontem, logo nos primeiros minutos de buscas às vítimas da tragédia verificada na tarde de domingo último, na cidade de Castro.

Marcos Marcelo Augustat, 21 anos, residente naquela cidade, foi retirado das águas por um tio seu, que, antes mesmo do dia nascer estava, juntamente com outros familiares de pessoas desaparecidas, vasculhando, de bote, as margens do Rio Iapó. Marcos foi encontrado cerca de quatrocentos metros abaixo do local do acidente, a ponte pêntil existente na Praia, ponto pitoresco daquela cidade.

Os trabalhos tiveram continuidade durante todo o dia, no entanto, nenhum outro corpo foi encontrado até o final dos trabalhos, no início da noite, quando a já deficiente visibilidade no fundo das águas tornou-se inexistente.

Na tarde de ontem, duas pessoas que estavam relacionadas como desaparecidas compareceram na Delegacia de Polícia para retirar o registro de seu desaparecimento. De acordo com informações vindas daquela cidade, por volta de 21.00 horas de ontem, quando a Delegacia de Polícia já estava fechada, davam conta de que apenas a jovem Cleusa Aparecida, largada há 22 anos, continua desaparecida.

Os outros dois que haviam sido dados como desaparecidos, o menino Antonio Carlos e Laurindo Vicente, de 40 anos, estão vivos, tendo comparecido na Delegacia de Polícia de Castro, no final da tarde de ontem, para retirarem a queixa e o registro de seu desaparecimento.

POUCO VISIBILIDADE ATRAPALHA OS SERVIÇOS DOS MERGULHADORES

Durante todo o dia de ontem, desde os primeiros raios de sol, tiveram continuidade os trabalhos de buscas aos corpos das vítimas do acidente verificado no último domingo, na ponte pêntil da praia de Castro.

Os soldados do Corpo de Bombeiros de nossa cidade que estão destacados para dar atendimento ao caso trabalharam ininterruptamente durante todo o dia, não parando os trabalhos nem mesmo para o almoço, que foi possível somente com o rezeamento de mergulhadores. Utilizando-se de um equipamento um tanto deficitário, um compressor de ar pequeno, os mergulhadores tiveram dificuldades no período da tarde, quando o motor do aparelho compressor, devido ao uso ininterrupto, superaqueceu e começou a comprimir ar saturado, sem a devida filtragem.

No entanto, mesmo com estes problemas, os trabalhos continuaram, com os mergulhadores diminuindo em sua duração, que era de aproximadamente uma hora, para vinte minutos.

Outro fato que dificultou muito o trabalho de buscar foi a água bastante suja do Rio Iapó que está muitos centímetros acima do seu leito normal. A sujeira, galhadas e outros entulhos também prejudicaram o bom andamento dos trabalhos.

Durante todo o dia de hoje as buscas foram realizadas em uma zona situada aproximadamente trezentos metros abaixo da ponte. De acordo com informações do tenente Moraes, que está comandando a operação resgate, esta distância entre a zona das buscas e o local do acidente indica que toda a zona intermediária já foi rastreada e nada foi encontrado, exceto o corpo de Neuci Aparecida Carneiro, de 14 anos, na manhã de anteontem. Explicou ainda Moraes que a falta de visibilidade no fundo do Rio faz com que os trabalhos sejam feitos apenas com balizas muito demoradas, já que se no tampo dos mergulhadores, já que de outra forma é impossível encontrar qualquer coisa, por maior que seja.

Disse ele ainda que no local onde estão comandadas as buscas, o Rio Iapó tem aproximadamente sete metros de profundidade, o que prejudica ainda mais os trabalhos.

Populares descontentes com autoridades de Castro

Muitos populares da cidade de Castro mostram seu descontentamento com as autoridades daquele município, que, segundo eles, são os maiores responsáveis pelo trágico acidente de domingo último.

O tio de Marcos Augustat, que retirou o corpo do jovem das águas do Rio Iapó é um dos que demonstraram seu descontentamento. Segundo ele, há muito tempo que não é feita uma visita nos cabos da Ponte Pêntil do Sorrio. Desde as enchentes verificadas no ano passado, quando a ponte ficou submersa durante muitos dias, não foi tomada nenhuma providência.

Segundo ele, até os trabalhos dos soldados do Corpo de Bombeiros estão sendo muito demorados, no entanto, logo depois reconheceu que a correnteza do rio está bastante forte e que os locais onde os corpos possam estar são muitos e distantes uns dos outros.

No entanto, a maior preocupação dos populares é quanto ao delegado de polícia, Raul Lopes da Rosa, que, segundo eles, não tem qualquer qualificação para o cargo que ocupa. De acordo com informações obtidas naquela cidade, Raul foi promovido ao cargo a pedido do governo municipal, sendo que antes era primeiro suplente de delegado, cartista, não tendo portanto a formação necessária para ocupar um cargo de tamanha responsabilidade.

O secretário de Administração de Castro, quando procurado por nossa reportagem, disse que nunca havia ocorrido qualquer manifestação pública contra o delegado, no entanto, disse que ocorreu o acidente, foram tantos os telefonemas e mostra de descontentamento que, por certo, a administração terá que tomar alguma providência para o caso.

FOTOGRAFIA 46 – Capa da edição de 04 de janeiro de 1985





FOTOGRAFIA 48 – Página interna da edição de 24 de janeiro de 1985



FONTE: o autor

FONTE: o autor

FOTOGRAFIA 50 – Capa da edição de 14 de janeiro de 1986



FONTE: o autor

FOTOGRAFIA 51 – Página interna da edição de 13 de janeiro de 1987

28 JORNAL DA MANHÃ

POLÍCIA

PONTA GROSSA, TERÇA-FEIRA, 13 DE JANEIRO

FURTOS LIMPA A CIDADE: DEZ BANDIDOS SÃO PRESOS

Nada menos que dez elementos foram tirados de circulação no último final de semana por policiais da Seção de Furtos e Roubos da 13ª Sub-Divisão Policial. Estes elementos, segundo informações prestadas pelo chefe da seção, o delegado Edson Stadler, são responsáveis por vários assaltos e roubos registrados no último dia em nossa cidade.

Com estas detenções, além dos casos já solucionados, os policiais esperam resolver outros casos registrados e que continuam em aberto. No entanto, não há, segundo a Seção de Furtos e Roubos, nada que queram adiantar, pois nem estes casos.

OS DEZ

Sérgio Jesus de Oliveira, 22 anos, residente no Bairro da Uvaíra, foi preso juntamente com o menor A.J.C. de 15 anos, mais conhecido como Batistinha.

Entre outros delitos está envolvido a autoria dos assaltos praticados no último dia nove, contra Carlos M. Crum, residente a Rua Alves Maciel e contra João F. Havrich, residente a Rua Leopoldo Pinto.

Sérgio e Batistinha, armados com uma faca, deram voz de prisão às suas duas vítimas, comandando-lhes a entrega de suas roupas, deixando-as apenas de cuecas.

Outro elemento detido foi o Gaspar Castano, de 20 anos, residente na Vila Odet, que em companhia de Nelson Pinheiro Quenta, vulgo Nalinho, residente no Bairro de Vila Ranas, e ainda um terceiro elemento, identificado apenas como Perica, no último dia nove, agrediu e esfaqueou Valdir Edgar Ribeiro, próximo a passar a Alameda Guaraná.

Segundo Gaspar Castano, ninguém ouviu nada de Valdir Edgar, no entanto, este registrou que ele não foi visto no Hospital da Santa Casa de Misericórdias, onde se encontra internado.

Gaspar Castano relatou que havia se encontrado com o menor A.J.C. de 15 anos, sendo que este não estava com ele, negando que tenha havido qualquer assalto praticado no último dia nove, no entanto, ele não nega que tenha cometido o crime.

Ele juntamente com o Travesseiro Baby, residente a Rua "A", no Núcleo Santa Maria, estavam ambos no Bar da Erilite, onde estavam trabalhando, quando começaram a trabalhar, segundo contou Aracangelo, quando vestiu acabou roubando mil e oitocentos reais, sendo que em poder de Divalcy, que havia se encontrado antes.

Mais um menor compõe o time tirado de circulação pelos policiais da Seção de Furtos e Roubos, o menor C. de 15 anos, identificado apenas com o nome Perlungo, juntamente com o menor A.J.C. de 15 anos, Batistinha, e ainda o elemento identificado como Tereza Mendes, furtando-lhe diversas jóias de valor, conforme informações da Seção de Furtos e Roubos.

TRABALHO

Os trabalhos que resultaram na detenção dos dez elementos foram realizados em conjunto pelas equipes da Seção de Furtos e Roubos, sob o comando do chefe da Seção, Edson Stadler.

Os policiais afirmam, no entanto, que eles não temem, já que ainda faltam ser detidos outros elementos, como o Travesseiro Baby, o Perica, o Tonho, e outros, que fugiram da cidade após terem participado dos assaltos.

Assim, eles afirmam que as diligências continuam sendo realizadas e, provavelmente, ainda mais elementos envolvidos nestes assaltos registrados no último dia nove, sejam detidos e apresentados.

Edson Stadler, afirmou que a cidade já estava sendo registrada na cidade, já estava sendo a população apreensiva e temerosa de trabalhar nas ruas do Centro e também nos bairros onde estes elementos, esperam-se que a situação melhore.

Dos três assaltos registrados na quinta e sexta-feira, na região central de Ponta Grossa, um foi solucionado, o do Valdir Edgar Ribeiro, próximo a Passarela Alameda Guaraná.

Os outros dois ainda estão sendo investigados por Edson Stadler, disse acreditar que eles também serão detidos e apresentados.

Gaspar Castano, Nalinho e Perica, os três elementos envolvidos nestes casos, continuam sendo interrogados, bem como os demais elementos envolvidos, a fim de se estabelecer se ainda outros delitos cometeram sem ter uma solução.



Surrou empregados que não assinaram papéis em branco

Enquanto em outras partes do Brasil surgem notícias de que alguém está matando pessoas trabalhando em regime de escravidão, em Ponta Grossa surgem outros casos envolvendo patrões e empregados.

Um destes casos foi registrado por Edson Stadler, residente a Rua Almirante Barroso, 319, no Núcleo Rio Verde, no último sábado, por volta das 17:30 horas.

Foi na fazenda de 13,5 hectares, localizada na Rua Coronel Cláudio, de propriedade de Ale Baze.

No entanto, na última semana Ale dispensou os trabalhadores realizados pelas primas, sendo que no sábado veio seu último dia de trabalho. Porém, no período da tarde daquele dia, conforme três pessoas com alguns papéis em branco na mão, disseram-lhe que eles deveriam assinar aqueles papéis.

Porém, as moças antes resolveram perguntar qual fim teriam estes papéis. Só que Ale Baze não quis responder, dizendo apenas que elas tinham que assinar os papéis, que representavam a rescisão do seu contrato de trabalho.

Foi então que Zenei, Zelei e Jodai, se resolveram que não assinariam os papéis, e como consequência, bastaram golpes e apertados de facas, e desalinhando-lhes as palavras de baixo calão. Depois disso, amarrado com uma faca, ameaçou-as, tentando obrigá-las a assinar os documentos em questão.

O caso foi levado ao delegado de plantão e, nos próximos dias, Ale Baze será convidado a ir relatar perante uma autoridade policial, as circunstâncias para os seus atos.

STYLUS DANCING NIGHT

Estreia dia 13/01/87 (terça-feira)

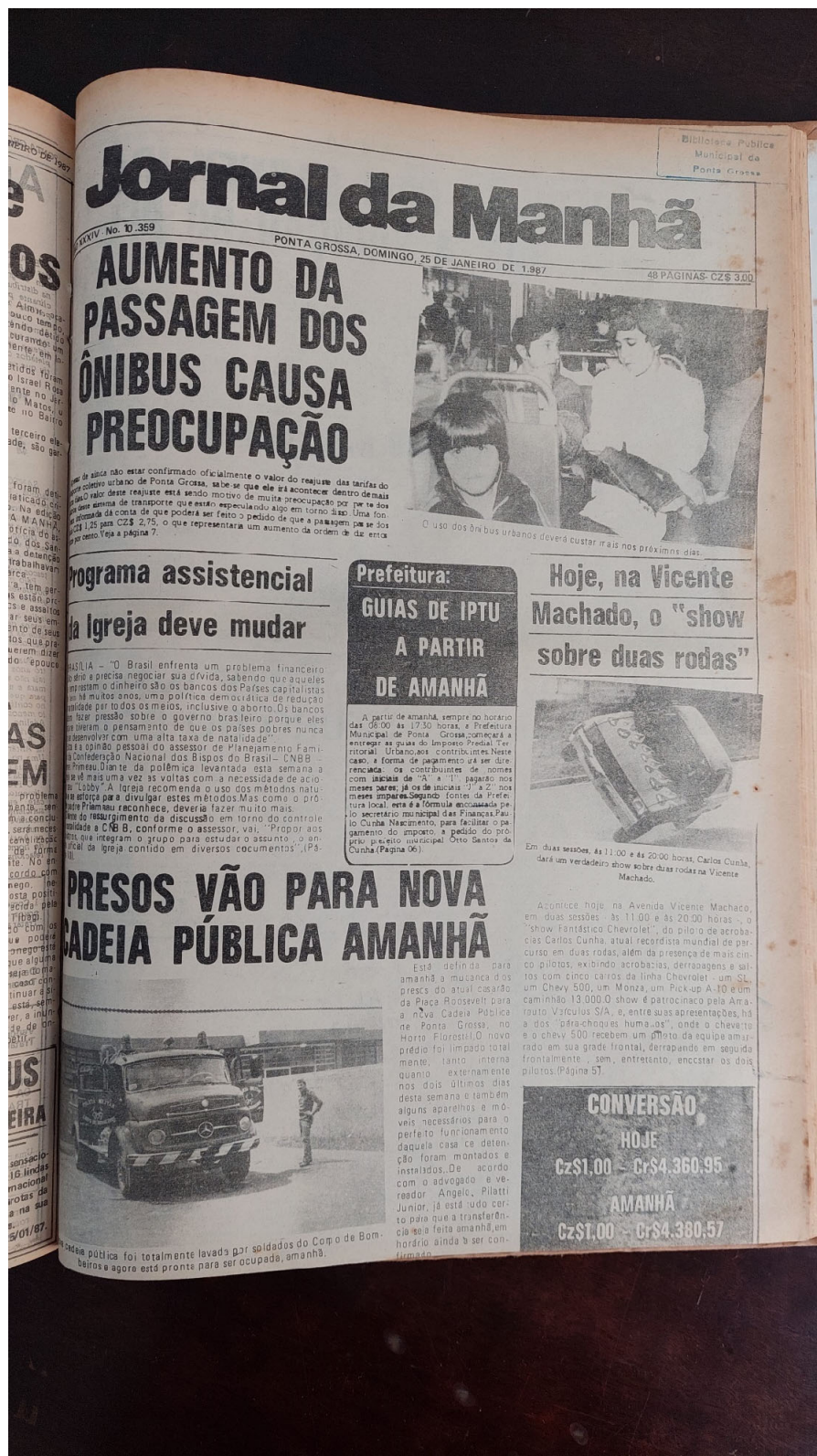
Sensacional Ballet Super - vindo da Capital paulista com lindas garotas e ainda o Internacional humorista Marcha Lenta.

Não percam venham curtir esta promoção de si a casa noturna.

Aberta todas as noites das 22:00 às 4:00 horas.

O.P. 10, 11 e 12

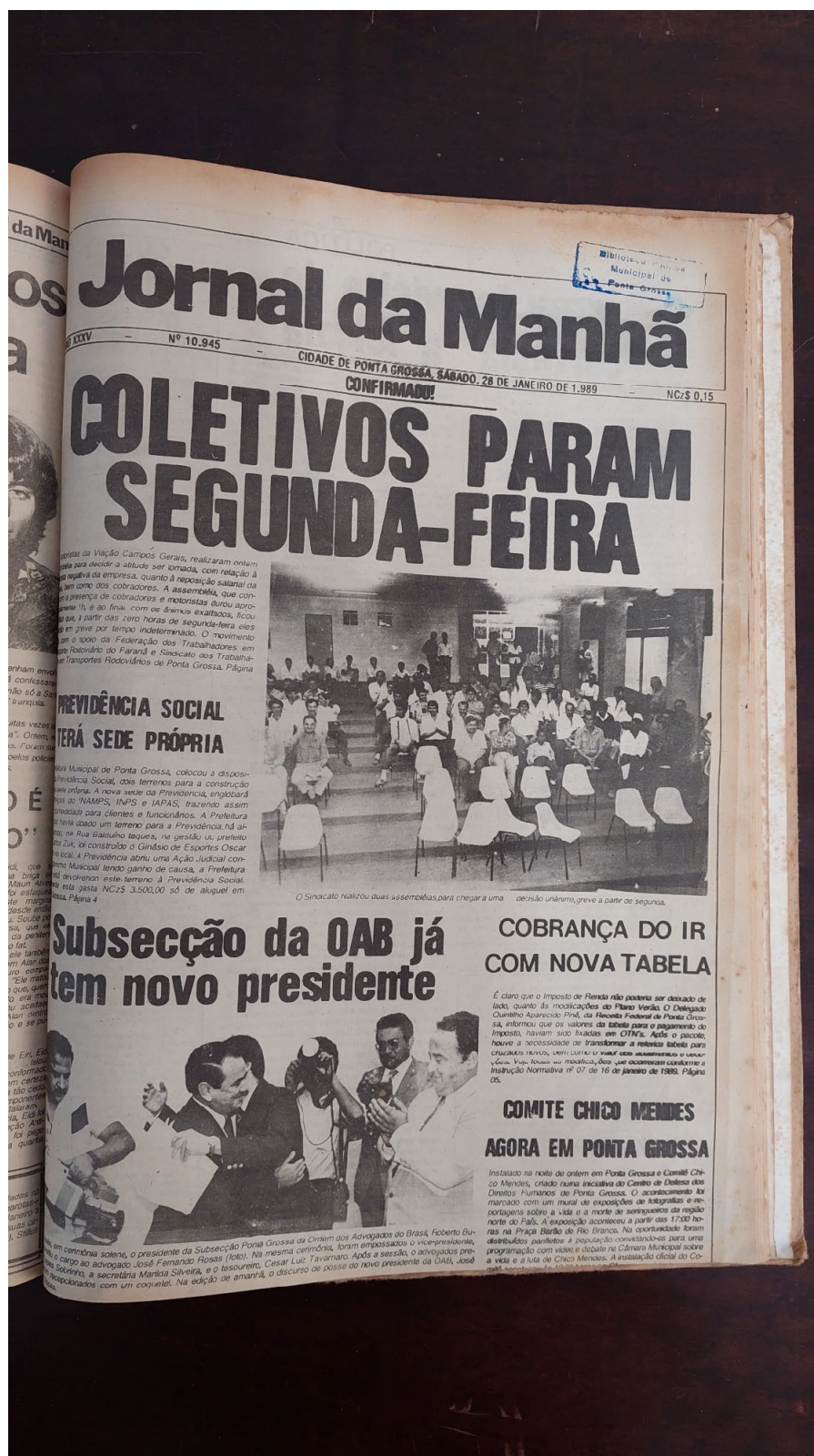
FOTOGRAFIA 52 – Capa da edição de 25 de janeiro de 1987







FOTOGRAFIA 55 – Capa da edição de 28 de janeiro de 1989



FONTE: o autor

FOTOGRAFIA 56 – Capa da edição de 10 de janeiro de 1990



FONTE: o autor

FOTOGRAFIA 57 – Página interna da edição de 10 de janeiro de 1990

Journal da Manhã

CULTURA

10/01/90 07

NA UEPG VESTIBULAR SEGUE TRANQUILO

As provas do Concurso Vestibular 1990 da Universidade Estadual de Ponta Grossa, vêm mantendo o clima de tranquilidade apresentado desde o início, por parte dos concorrentes e Comissão Central de Vestibulares.

Com exceção das provas de ortem, física e matemática, os candidatos têm achado as provas acessíveis e se sentem aliviados em relação ao tema proposto para a redação, que facilitou o desenvolvimento de boas dissertações.

O nível de desistência é bem menor que os registrados nos últimos concursos, quando mais candidatos eram oriundos de outras cidades, além de prestarem vestibular em mais de uma Universidade Estadual que não foi possível desta vez, devido a todas as mudanças seu vestibular na mesma data. Outro fator que mudou uma menor incidência de desistências é a grande quantidade de chuva nesses dias, o que causou atrasos nos concorrentes, fazendo-os perderem a chance de obter uma vaga nesta instituição. No entanto, em uma das entradas do prédio Central da UEPG, 150 candidatos chegaram atrasados por problemas com o transporte coletivo, e não puderam fazer suas provas.

IDENTIFICAÇÃO

Durante todos os dias do concurso, os vestibulandos se identificam na entrada das salas e só recebem suas provas munidas de carteira de identidade, além da carteira de inscrição ao vestibular, tendo ainda que assinar diariamente a uma ficha individual onde estão registrados todos os dados a seu respeito. Segundo José Carlos do Sato, presidente do CCV, este sistema de assinatura permite uma maior segurança aos candidatos e evita assim qualquer tipo de fraude relacionada à possibilidade de "uma pessoa realizar as provas em nome de outra".

FRAUDES

A preocupação em evitar qualquer possibilidade de fraudes, no concurso é uma constante pelos membros do CCV, no sentido de orientar seus fiscais e os próprios vestibulandos.

INÍCIO DAS PROVAS

Apesar dos portões serem fechados às 8 horas as provas somente iniciam após a identificação e acomodação dos candidatos nas salas. Apesar de divergências muitos de sala para sala, o horário de término é dado em vista do horário de entrega da prova, no caso de ortem, duas horas e trinta minutos após o início.

ATENÇÃO MÉDICA

Os casos de atendimento médico têm sido, na maioria das vezes, pequenos problemas causados pelo nervosismo, algumas dores de cabeça, insuportáveis e dormências. Nenhum caso grave foi atendido durante a realização das provas e somente uma pessoa fez as provas em regime domiciliar. Uma senhora que sofreu grave acidente automobilístico e está sendo acompanhada por uma banca especial e médico especialista.

CCV

A Comissão Central de Vestibulares continua acompanhando casos específicos dos vestibulandos, e conta com meios que qualquer dúvida ou problema existente, basta entrar em contato com a CCV e a mesma terá o possível para resolvê-lo.

Apesar do início das provas variarem, de um, saia para outra, é respeitado o prazo final de duas horas e trinta minutos.

Os candidatos só recebem suas provas após identificação e preenchimento das fichas de assinatura.

As provas de ortem, física e matemática, transcorreram em clima de atenção e concentração.

Quadro de Candidatos Desistentes no Concurso Vestibular de 1990

DIAS	07-01-90	08-01-90	09-01-90	10-01-90
DESISTENTES	229	334	304	
PERCENTUAIS		7,25%	7,30%	
DE	6,49%			

Observação: os percentuais foram calculados em relação aos 4008 candidatos inscritos.

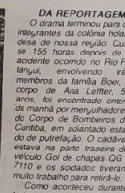
CONCURSO VESTIBULAR DE 1990
3ª ETAPA: MATEMÁTICA E FÍSICA
9 de Janeiro de 1990

GABARITO	01-a	11-a	21-a	31-a	41-a
	02-b	12-b	22-b	32-b	42-b
	03-a	13-a	23-a	33-a	43-a
	04-b	14-b	24-b	34-b	44-b
	05-a	15-a	25-a	35-a	45-a
	06-b	16-b	26-b	36-b	46-b
	07-a	17-a	27-a	37-a	47-a
	08-b	18-b	28-b	38-b	48-b
	09-a	19-a	29-a	39-a	49-a
	10-b	20-b	30-b	40-b	50-b

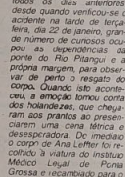
FONTE: o autor

DRAMA TERMINOU

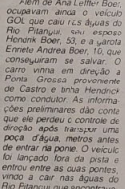
BOMBEIROS ENCONTRAM O CORPO DE ANA BOER



Mergulhadores amarram uma corda envolta do corpo da vítima Ana Lettier.



O corpo da mulher é puxado pela corda até a margem do Rio Pitangui



Mergulhadores se preparam para colocar o corpo no caixão.

**FAMÍLIA SAIU PARA
COMPRAR UMA LÂMPADA**

DA REPORTAGEM

DA REPORTAGEM

Rendrick Boer, sua esposa Ana Lettifer e garota Enriette, saíram de Castrolândia por volta das 15h50 minutos de terça-feira, dia 22, com destino a Ponta Grossa, onde compraria numa das lojas strands no Bairro de Nova Rússia, uma lâmpada e uma bomba d'água, conforme informou um parente das vítimas. Esta mesma pessoa revelou ter mantido contato com Rendrick em sua residência, depois de o carro ter caído nas águas do Rio Pitangui.

Rendrick, traumatizado com a perda da mulher, pouco falou sobre o acidente. Disse também se apenas que minutos antes de invadir a ponte do Rio Pitangui viu "um nenêzão vermelho" passar no

pouco falou sobre o acidente. Disse lembra-se apenas que minutos antes de invadir a ponte do Rio Pitangui viu "um nenêco vermelho" passar na

frente do carro. Depois perdeu os sentidos e acordou quando estava deitado na beira do rio. A garota Enriete que também havia se salvado o chamou e os dois procuraram ajuda para retornar a Castíola.

Rendrick não falou nada mais, disse o holandês. Ele estava bastante abalado e chocado com o desaparecimento da esposa Ana Leifer de Bor. A pessoa que passou tais informações a reportagem, não soube precisar se Rendrick desenvolvia alta velocidade.

Ele presume que Ana tenha morrido por ter perdido os sentidos, possivelmente ao bater a cabeça no carro.



Instante em que funcionários do IML colocavam o caixão no interior da viatura.

PROBLEMAS

PROBLEMAS
Vários fatores atrapalham os trabalhos que res-
tam na localização do
de Ane Letter de Bo-
chuvas é um deles, pois
zia aumentar o índice
água do Rio Pitangui co-
tamente. Para se
uma ilha, além de estar s-
do aflúvio de metros de árvo-
o nestas 4 locais acima do
nível normal e com forte co-
rrenteza. O primeiro pre-
mento que viria à tona,
que o corpo e o carro tín-
sido carregados no abai-
O outro fator que impedi-
o melhor desenvoltura
solitados do corpo de Bo-
bercos, se refere à falta
equipamentos. Os que es-
vam sendo usados sa-
bastante precários, o q-
demonstra que o CB de-
seu aparelho.

Todavia, mesmo com chuvas e sem equipamentos adequados, os trabalhos foram desenvolvidos a medida do possível. Como não houve um resultado positivo nos primeiros dias de operação, o major José Renan Novaroli, comandante

Corpo de Bombeiros solicitou a COPEL que chasse as comportas de Pitangui. Isto faria que caísse o nível das águas facilitando os trabalhos mergulhadores. O nível da água diminuiu mas mesmo assim a correnteza era forte. Os soldados continuaram apenas localizando para-choque do gol.

O RESGATE

O HESGATE

Ontem, quando comprei uma semana que o Letterf encontrava-se em Paris, membros da Buer solicitaram auxílio do Bombeiros contra a ribba. Uma equipe composta pelos sargento Tedesko, Isao e Kaminski e dado Elias, chegaram ao local do acidente por volta das 08h da manhã. Constataram os trabalhos sob a água quinze metros abaixo. Cerca das 11h, o camarada encontrado e seu irmão estava o corpo de Ana ter, em andamento esta depuração.

Duas máquinas que estavam postadas na margem, para ajudar a depurar,

água. Um mergulho amarrado em volta do corpo da vítima uma corda. Em seguida outros dois soltaram e puxaram o corpo por dentro da água, até a marcaponto estava o caixão. Quando o cadáver era colocado, a emoção tomou conta dos membros da família Boer. Lágrimas chegaram aos olhos. Esta cena, não só provocou tristeza como também uma fúria, de ver as partes do corpo de uma pessoa já havia sido devoradas pelos peixes.

A operação desenvolvida pelos soldados do Corpo de Bombeiros ocorreu em menos de quatro horas. Depois que o corpo foi removido da via, a viatura do IML, para ser encaminhada à Ponta Grossa, recebeu a informação que o carro só seria retirado das ruas durante o período da tarde, tendo isto realmente acontecido. Soldados do Grupamento de Incêndio do Corpo de Bombeiros da Ponta Grossa também estiveram no local e auxiliaram os companheiros da capital do Estado.



O corpo de Ana Lettfer Boer é carregado por...

APÊNDICE D

ENTREVISTA COM O JORNALISTA ADAIL INGLÊS

Transcrição da entrevista feita pelo autor, com o jornalista Adail Lemos Inglês, 75 anos, jornalista aposentado. A entrevista foi realizada no dia 2 de setembro de 2023 e conta com a devida autorização de uso, assinada pelo entrevistado.

Eder Carlos:

Adail, como foi desde sua chegada ao Jornal da Manhã até você chegar a editor dele?

Adail Inglês:

A minha história no Jornal da Manhã tem dois capítulos. Eu entrei no Jornal da Manhã, em 1970, pela primeira vez. Antes eu havia trabalhado um tempo no *Diário dos Campos*. Fiquei lá em torno de um ano. Depois tive uma passagem rápida na *Rádio Central*, mas radialismo não era meu chão. Em 1970 eu trabalhava no Mercapaulo (Banco Mercantil de São Paulo), que ficava na Avenida Vicente Machado, ao lado de onde hoje é a MM. Era uma atividade totalmente distante e estranha ao mundo jornalístico. Fiquei três anos no banco, onde nunca me encontrei. Ao contrário, o banco me revoltava. Porque assinávamos o ponto do meio dia às seis, mas quem não fosse trabalhar às oito horas era mandado embora. Então eu trabalhava das oito às dezoito, ia para a faculdade (de Letras na Universidade Estadual de Ponta Grossa) e voltava ao banco terminar meu serviço até a meia noite. Pegava o último ônibus, meia noite e vinte. Por que isso? Naquele tempo as pensionistas tinham um cartão e ficavam no balcão, esperando ser atendidas. Mas ninguém queria atendê-las. Isso me revoltava, porque quando chegava alguém que tinha muito dinheiro, todos corriam atender. E eu ficava atendendo o balcão por causa delas. E isso atrasava meu serviço. Então, para que o gerente não chamasse minha atenção, eu saía da faculdade às dez horas e voltava para o banco, onde ficava até a meia noite, colocando em dia meu serviço. Isso foi marcando em mim. Então, um dia, um domingo à noite, eu encontrei o João Santana, que era o chefe da oficina do *Diário dos Campos*. Nessa época ele funcionava onde hoje é o Centro de Cultura, na esquina da Doutor Colares com a Augusto Ribas. Conversando com o Santana, ele me disse que naquela semana haviam falado em mim. “Poxa, Adail, o Jornal da Manhã está precisando de um redator e lembramos de você. Mas acharam que você não ia se interessar por causa do seu atual trabalho no banco.” E eu respondi: “Não, mas eu quero. Eu quero!” Na segunda-feira fui lá. Era o Almir Escobar o gerente do jornal e

ele confirmou a existência da vaga. “Me interessa! Eu venho trabalhar aí.” “Quanto você ganha no banco?” ele me perguntou. “Quatro mil cruzeiros.” Não sei quanto isso representa hoje. No banco eu já tinha pedido para sair para ser assessor de imprensa do (ex-prefeito) Cyro Martins. Trabalhei com ele uns trinta, sessenta dias. Trabalhava no banco das oito às duas, ia para a prefeitura (na época era na Dr. Colares, onde hoje é o Banco Itaú), ficava até o final da tarde e então ia para a faculdade. Era uma coisa maluca. Eu pedi demissão do banco e acabei sendo promovido a tesoureiro da agência. Aceitei, pedi demissão da Prefeitura e fiquei só no banco. Quando eu falei para o Almir Escobar que ganhava quatro mil cruzeiros, ele disse que não poderiam pagar isso. No máximo me pagariam dois mil cruzeiros. E eu respondi: “Serve! Vou pedir a conta do banco e venho ganhando dois aqui. Eu prefiro os dois aqui do que os quatro no banco.” Fui lá e pedi a conta. Entrei no jornal, tinha o Acir Macedo (jornalista, assessor de imprensa da UEPG e ex-vereador) e o Osni Gomes (jornalista) que trabalhavam lá, e fui mal recebido. Por que eles que estavam comandando e o Almir falou: “O Adail vai ser chefe de redação.” Eu já vi que isso causou um desconforto. Um dia o Acir me falou: “Vai lá fazer essa matéria.” E eu rebati: “Não, vai você.” Isso criou um climão. Se eu estava de chefe e ele me mandou fazer uma matéria, eu respondi que ele é quem deveria ir. Afinal, eu era superior a ele e não recebia ordens dele. Eu fiquei ali uns dez meses, um ano. Uma noite o Almir Escobar me ligou e disse: “Mande embora o Acir.” Eu perguntei por que ele não mandava embora e ele me respondeu que era meu serviço fazer isso. Eu chamei o Acir, que também ia à noite ao jornal para o fechamento da edição, e dei a conta para ele. Virei inimigo dele. Um ano depois o Escobar saiu e me deixou como diretor do jornal. O jornal pertencia ao Gustavo Horst, Wallace Pina e Constâncio Mendes (empresários do ramo de autopeças, imobiliário e comércio de tecidos, respectivamente). Eu fui visitar os três e informei o que estava acontecendo: “Não sei se vocês estão sabendo, eu estou lá de diretor do jornal de vocês.” “O Escobar nos avisou, e está tudo bem.” Então perguntei: “Qual a linha que os senhores querem que eu imprima no jornal?” Aí foi o começo de eu ser independente no jornal. O Gustavo disse assim: “Não falando mal do Cyro (Martins), faça o que você quiser no jornal.” Então era só cuidar do Cyro e eu fiquei independente no jornal. Foi um negócio, que até hoje reconheço, que me deu independência para escrever no jornal. Fiquei em torno de um ano e meio. Deu um problema com o Constâncio Mendes e eu pedi a conta do jornal. Nesse meio tempo, em 1972, eu fui eleito vereador, e fiquei em torno de três anos fora do jornal. Foi quando morreu o que era diretor do jornal, o Urubatan dos Santos, que era muito amigo do Gustavo. Então me chamaram para assumir a vaga. Eu fui conversar com o Gustavo, que tinha adquirido as partes do Wallace Pina e do Constâncio Mendes e se tornou o único dono do jornal. Fui conversar com ele e com o

Paulo Godoy⁵⁰. Mas a conversa ficou um tanto esquisita. Eu sugeri que chamassem o Luiz Fernando Fedeger, que faleceu há uns dois anos. Ele produzia e apresentava um jornal chamado *Impacto*. Ele tinha saído da *Rádio Clube* e montou uma empresa, uma revista que não deu certo. Eu falei: “Chamem o Fernando e eu ajudo.” Então chamaram o Luiz Fernando e eu fiquei ajudando. Ele ficou um ano e meio, dois, não sei se chegou a dois anos. Saiu e então eu assumi o jornal. E fiquei dez anos na direção do jornal. Na época o jornal funcionava onde era o Shopping Mitaí (esquina da Rua Balduino Taques com a Comendador Miró). Ali tinha um casarão que pertenceu ao Xavier & Cia. Ali que eu entrei. Logo depois o Gustavo comprou onde era uma oficina de pintura de carros do Wilt, na esquina da Rua Santos Dumont com a Comendador Miró, arrumou lá e mudou o jornal para esse prédio. Eu fiquei dez anos comandando o Jornal da Manhã, até quando criei o Diário da Manhã.

Eder Carlos:

Então, com sua vinda ao Jornal da Manhã, a orientação do Gustavo Horst era de que você tivesse independência quanto ao que se publicava?

Adail Inglês:

Exatamente. Por que o Gustavo acabou ficando como único proprietário. O Constâncio Mendes havia adquirido a parte do Wallace Pina e o Gustavo, mais tarde, acabou comprando do Constâncio – não falando mal do Cyro Martins, ficasse à vontade quanto ao que era publicado. Eu tinha independência para fazer a linha que quisesse. Não tinha motivo para falar mal do Cyro. Até porque naquele tempo a palavra corrupção não se pronunciava. E o Cyro, está provado hoje, foi o maior prefeito da história da cidade. Porque trouxe a industrialização, ou seja, plantou a estrutura do desenvolvimento social, econômico e político da cidade.

Eder Carlos:

Como era infraestrutura do jornal, o que tinha de maquinário, como era a estrutura dele?

Adail Inglês:

Inicialmente o jornal era feito em linotipo. Era um maquinário grande, que você digitava, caíam as letrinhas, você retirava uma prova, fazia a correção e onde houvesse um erro

⁵⁰ Ex-diretor do Grupo Gustavo Horst e ex-reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

precisava digitar toda a linha novamente. Era tudo em chumbo. Então, havia esses linotipos. Na minha primeira passagem, a impressora era pequena. Depois compramos uma impressora Frankental. Uma máquina automática adquirida em São Paulo. Nela fizemos a primeira impressão colorida do jornal. Eu trouxe um impressor de Londrina, da Gráfica Ipê, acho que o nome dele era Floresval. Fizemos a edição do sesquicentenário da independência (7/09/1972) e do aniversário de Ponta Grossa (15/09/1972). Fizemos a bandeira do Brasil e a de Ponta Grossa coloridas, na capa do jornal. Ficou muito bonito. Quando mudamos para a Santos Dumont, já não era mais o linotipo, mas as máquinas de composição. A impressora já era uma míni rotativa. A fotografia era algo muito incipiente, mas nós fazíamos os clichês. Comprávamos o material em Curitiba. Zinco, os produtos químicos. E o Leandro (de Quadros) fazia os clichês. No começo nem tinha fotógrafo. Existiam os fotógrafos profissionais, donos de casas fotográficas. A gente pagava para que fizessem uma ou outra fotografia. Não existia reportagem fotográfica. Para uma solenidade, você contratava o Domingos (Silva Souza) ou o Germano (Koch). O Germano era o fotógrafo oficial da prefeitura. Ele tinha o Foto Elite, que depois foi adquirido pelo Domingos. Acho que o primeiro fotógrafo do jornal foi o (Israel) Kaé. Não, o primeiro foi o Dário (Antunes Rodrigues). Não lembro como ele chegou ao jornal. Ele trabalhava em alguma casa fotográfica e começou a trabalhar conosco. Era muito vagaroso. Mas ele foi o primeiro. O Kaé chegou depois. A partir daí que começamos a fazer alguma reportagem. O repórter ia e levava o fotógrafo junto. E foi dessa forma incipiente que começamos a introduzir o fotojornalismo.

Eder Carlos:

Você percebeu alguma diferença entre as fotos realizadas pelos fotógrafos de loja e as que eram feitas pelos fotógrafos do jornal?

Adail Inglês:

A principal diferença era a agilidade. Porque então você tinha o fotógrafo à tua disposição. Para os fotógrafos estabelecidos em loja, a gente pedia em especial para solenidades. Claro, deles vinha a foto bem revelada. Mas eram as fotos de solenidade. Mas não existiam fotos de acontecimentos do dia a dia. “Ó, arrebitou um cano lá na vila tal, vai lá e tira uma foto.” Isso eles não faziam. Quando passamos a ter o próprio fotógrafo, essas fotos começaram a ser feitas. Então, a diferença foi essa, a agilidade de você poder fazer uma pauta do fotógrafo junto com o repórter. Também foi montado o laboratório para a revelação das fotos. Já tínhamos o Leandro para a confecção das chapas para a impressão, então foi fácil

associar os dois laboratórios. Foi aí que começamos a construir essa estrutura.

Eder Carlos:

Você lembra quando o *offset* chegou ao Jornal da Manhã?

Adail Inglês:

Eu não estava no Jornal da Manhã quando chegou o *offset*. Foi naquele período entre minhas duas passagens pelo jornal. Quando voltei já estava o *offset*, tanto que na Balduíno Taques já não existiam linotipos. Quando eu entrei no jornal pela primeira vez, ele funcionava na Doutor Colares, quase esquina com a Rua Paula Xavier. Ali era o jornal feito a quente. Então tinha os linotipos, a caldeira com o chumbo derretido. Aquilo era um perigo, pois era chumbo derretido. O operador tinha que ter um cuidado, pois se não preenchesse o espaço certo com as letras, quando levantava a alavanca vinha o chumbo para colar a linha e se não estivesse tudo certo, espirrava chumbo derretido. Era bastante perigoso. Ali também existia a clicheria. Quando foi para a Balduíno Taques, já com a rotativa, a clicheria não tinha razão de existir, pois tudo passou para o fotolito. A clicheria foi substituída por um laboratório de fotografias as páginas em fotolito.

Eder Carlos:

Você lembra quais fotógrafos passaram pelo Jornal da Manhã? O primeiro foi o Dário e quais foram os outros?

Adail Inglês:

Eu tenho impressão que foi o Kaé. Ele ficou tempo. Depois foi trabalhar comigo no *Diário da Manhã*. Ah, o Marilson de Paula. Trabalhou conosco e dali foi para a Universidade Estadual de Ponta Grossa. Acho que foi o Maurílio de Paula Júnior, que levou ele pra lá. O Maurílio trabalhava conosco e levou o Marilson. O Marilson foi nosso fotógrafo, mas acho que ficou pouco tempo e depois foi para a Universidade. Talvez tenham sido esses três. Não recordo de outros.

Eder Carlos:

E o Cleon Costa?

Adail Inglês:

Não. O Cleon prestava alguns serviços para nós, pois trabalhava com o pai dele, o Rubens Costa, do Foto Rubens. Então, o Cleon foi um desses que às vezes a gente encomendava um serviço. Eram os *free-lancers* que tínhamos. (NB: ao contrário do que recordou o Adail, o Cleon Costa foi funcionário do Jornal durante alguns meses, em substituição ao Dário, permanecendo até pouco depois da entrada do Marilson de Paula. Ver entrevista com Marilson de Paula.)

Eder Carlos:

Alguma fotografia dessa época chamou sua atenção?

Adail Inglês:

Alguma foto especial... olha, acho que não lembro. Fotos do Dário... Eu lembro de algumas fotos do Kaé, mas do *Diário da Manhã*. Até porque, como era algo incipiente, a gente fazia agenda para ir junto com o repórter, então nossos fotógrafos eram pouco criativos. Estava tudo começando. Era novidade ter fotógrafo do jornal. Então estavam condicionados a acompanhar o repórter. Era difícil o fotógrafo chegar com uma foto diferente. Eu não recordo nenhuma foto especial.

Eder Carlos:

Daria para dizer que o Jornal da Manhã foi o primeiro jornal da cidade a contar com fotógrafos próprios?

Adail Inglês:

Eu não sei. Porque o *Diário dos Campos* tinha o... não vou lembrar o nome. Mas o *Diário dos Campos* também tinha. Mais ou menos na mesma época. Não diria que o Jornal da Manhã foi o primeiro, que saiu na frente. O *Diário dos Campos* também tinha o seu fotógrafo. E ele ficou tempo lá.

Eder Carlos:

Na época também existia o jornal *A Notícia*.

Adail Inglês:

A Notícia foi montada nos moldes de *O Estado do Paraná*. Porque o (João Nunes)

Cottar era diretor comercial de *O Estado do Paraná* e então montou o jornal aqui. E ele se beneficiava do fato de ser diretor comercial de *O Estado do Paraná*, então muito comercial que vinha para *O Estado do Paraná*, vinha para *A Notícia* também. Ele montou o jornal aqui, mas imprimia em Curitiba. Imprimia na gráfica de *O Estado do Paraná*. Ele montou o jornal já num outro nível. Bem mais avançado, pois o jornal dele era colorido. O *Diário dos Campos* tinha seu fotógrafo, mas continuou a ser no sistema a quente. O *Diário dos Campos* não chegou a implantar o *offset*. O Jornal da Manhã implantou, veio *A Notícia*. Mas o *Diário dos Campos* fechou enquanto fazia o jornal ainda no sistema a quente.

Eder Carlos:

Como era a estrutura editorial do Jornal da Manhã nesse período?

Adail Inglês:

Naquele tempo não havia muita estrutura. Eu era o diretor do jornal. E pelo fato de eu ter ligação política, eu criei a editoria política. Então tinha a editoria política, a polícia e o esporte. Tinha alguma coisa que era feita de cultura, mas não existia uma editoria de cultura. As três editorias era a política, a polícia e o esporte. A dificuldade, tanto no Jornal da Manhã quanto no *Diário dos Campos*, era que eles eram dois jornais propriedades de dois grupos econômicos e que atendiam os interesses desses grupos na época das eleições. Então, nunca houve investimento no jornal. O jornal não era a atividade principal deles. Eles tinham o jornal por uma questão de poder político. O *Diário dos Campos* apoiava o Plauto Miró Guimarães, porque era dos Slavieiro, e a dona Leoni, hoje viúva do Plauto, era da família Slavieiro. Então o jornal atendia os interesses políticos do Plauto e do grupo dele, do João Vargas de Oliveira, David Federmann. Enquanto o Jornal da Manhã atendia os interesses do grupo do Cyro Martins. Porque tanto o Gustavo quanto o Constâncio e o Pina apoiaram o Cyro Martins. Todos estiveram na campanha do Cyro em 1968. O Cyro ganhou e o jornal ficou apoiando o Cyro. Mas tanto o Jornal da Manhã quanto o *Diário dos Campos* recebiam uma verba da prefeitura. Vou dar em valor de hoje. A verba era alguma coisa assim em torno de cinco ou seis mil reais. Era uma miséria. Não era um valor que pagava a folha de pagamento. E você ia lá, a prefeitura não pagava, faziam vale. A cada três ou quatro meses o secretário da Fazenda chamava para acertar os vales. A prefeitura pagava por vale porque não tinha dinheiro. Era um sacrifício. Eu agia como se estivesse pisando em ovos, porque não me sentia com autonomia para discutir um aumento de verba. Pois isso podia gerar um conflito com o prefeito e o prefeito ligar para o dono do jornal: “Escute, o Adail está querendo me extorquir aqui, me pedir mais dinheiro...”

Como eu sabia da relação do prefeito com os donos do jornal, eles tinham acertado esses valores, não podia fazer muita coisa. E quando tinha problema financeiro, ligava para dono e dizia: “Está faltando dinheiro aqui.” E o *Diário dos Campos* era coisa parecida em relação ao Slaviero. Nunca houve investimento para que o jornal pudesse crescer, que fosse uma empresa jornalística. Não. Ele cuidava dos interesses dos seus proprietários. (NB: a pesquisa nas edições do Jornal da Manhã na década de 1980 revelou a existência das seguintes editorias: Política, Geral – incluindo Nacional e Internacional – Social, Esportes e Polícia. Também existia cadernos especial voltados à agropecuária, automóveis e bairros.)

Eder Carlos:

Essa falta de investimento no jornal, poderíamos dizer que causou uma estagnação, que impediu que tivesse uma melhor qualidade?

Adail Inglês:

Sim. Ele não evoluiu justamente em função disso. Ele nunca funcionou como uma empresa mesmo. Se tivesse funcionado como empresa, departamentalizada, por exemplo, um departamento financeiro. Nunca teve. Nem o *Diário dos Campos*, nem o Jornal da Manhã. Saíamos vender publicidade, mas tudo na base da marreta, da amizade, pois não sabíamos fazer isso. Nunca chegou a ter um profissionalismo. Não se desenvolveu esse sistema, naquele tempo, na década de 1980, nos jornais. Seria diferente se eles tivessem montado os jornais e fossem do ramo. Aí, sim. Mas nunca houve esse investimento, e isso realmente levou os jornais a não evoluírem, tanto no estrutural quanto no profissional.

Eder Carlos:

No profissional, a falta de profissionais formados, que tivessem alguma formação – eu lembro que a maioria de nós tinha o ensino médio, enquanto um ou outro fazia uma faculdade – isso também causou uma certa dificuldade no profissionalismo do jornal ou daria para dizer que, embora fosse assim, esse pessoal fazia o jornal da melhor forma possível?

Adail Inglês:

Aí, então, vou contar a história. Eu senti essa dificuldade. Eu assumi o jornal, mas eu tinha um curso superior, me formei em Letras, e isso me ajudou muito no jornalismo, porque eu fui estudar português e pelo menos tinha a obrigação de saber escrever. Mas havia a dificuldade de trabalhar, ensinar e orientar o pessoal. E essa dificuldade eu levei para o Ewaldo

Podolan quando ele assumiu a reitoria da UEPG. O Podolan trabalhou à noite no Jornal da Manhã. Era ele quem fechava o jornal na década de 1970. Até a metade da década, quando se formou advogado e deixou o jornal. Mas ele trabalhava à noite. Até quando ele iniciou a advocacia, ainda ia para o jornal às sete horas e fazia o fechamento da edição. Antes disso, quando eu estava na universidade, nós tínhamos o jornalzinho chamado O Filósofo, e naquele jornal já defendi o curso de jornalismo para Ponta Grossa. Mas não veio. Quando o Podolan assumiu a reitoria, nós já estávamos na Rua Santos Dumont, e eu gravava um programa para a Rádio Santana, era gravado no final da tarde, início da noite, e ia ao ar das dez à meia noite. Essa gravação servia de pauta para várias matérias do jornal, a partir das informações dos entrevistados. E eu levei o assunto do curso de Jornalismo ao Podolan: “Podolan, você que foi jornalista, que conhece as dificuldades que a gente sente, crie o curso de jornalismo.” E ele era muito ligado com o (governador José) Richa, porque ele era sócio do Edmar Luiz Costa, e o Edmar era compadre do Richa. O Richa vinha para Ponta Grossa e ficava na casa do Edmar. Como eles eram sócios, foi o Edmar que “nomeou” ele reitor da Universidade. E o Podolan prometeu que cuidaria do assunto do curso. Um dia ele me ligou de Curitiba: “Adail, reserve espaço para mim. Estou saindo de Curitiba e vou direto aí dar entrevista. O Richa aprovou o curso de Jornalismo.” Então fiquei esperando. Ele chegou e foi anunciado o curso de jornalismo. Não vou lembrar o ano, mas ele implantou e no ano seguinte começaram as aulas. O problema é que todos os professores eram de Curitiba. Praticamente todos eles funcionários do governo. Então o pessoal trabalhava de manhã no governo, pegava o ônibus e vinha para cá. Ficava da uma às seis e voltava a Curitiba. A aula era somente à tarde. E eu reclamei com o Podolan: “Podolan, mas esse horário é o horário que o pessoal tem que trabalhar aqui”. “Mas eu não tenho professores, Adail.” Só tinha esse pessoal que vinha de Curitiba. Eles eram assessores de imprensa lá, e vinham dar aula aqui. Acho que ficou dois, três anos assim. Depois a Universidade fez concurso e mudou. Acabou profissionalizando o próprio curso, pois os professores nem tempo tinham para ficar com os alunos. Então, o curso de Jornalismo nasceu assim. Eu fui falar com o Podolan, ele falou com o Richa e foi criado o curso de Jornalismo.

Eder Carlos:

A primeira turma iniciou em 1985.

Adail Inglês:

Então foi em 1984. O Richa foi eleito em 1982. Foi em 1983, 1984. (NB: O programa citado pelo Adail só passou a existir a partir de agosto de 1985, quando o grupo Gustavo Horst

arrendou a Rádio Santana. O anúncio, então, foi feito apenas para o Jornal da Manhã.)

Eder Carlos:

Voltando para a fotografia, como se decidia quais fotos deveriam ser feitas e quais entrariam para a edição do jornal?

Adail Inglês:

Era de acordo com o que era feito para o pessoal da redação. Porque naquele tempo não existia só o repórter e só o redator. O repórter era também o redator. Então você ia cobrir um evento lá no Colégio Agrícola (Augusto Ribas) e levava o fotógrafo junto. Tinha uma reunião na prefeitura, levava o fotógrafo. Nem havia a orientação: “Ó, Dário, você faz a foto desse jeito...” Não, não. “Dário, vá junto.” Até foi nessa época, quando o Jornal da Manhã estava na Santos Dumont, nós compramos os primeiros carros. O jornal não tinha carro. Nem o *Diário dos Campos*, nem nós. Nós fizemos um consórcio na Auto Nacional e, na primeira reunião do consórcio fomos sorteados. E então o Gustavo comprou um outro Gol. Então foram os dois primeiros veículos que o jornal teve. Aí o pessoal da redação ganhou mais agilidade e mais facilidade. Porque era complicado. O pessoal andava a pé fazendo reportagem. Quando era mais longe, pegava um ônibus. Tinha que vestir a camisa, mesmo, para trabalhar no jornal. Então, a partir da aquisição dos dois gols zero quilômetros, foi um acontecimento na história do jornal. Era um negócio todo empírico. Não havia o despertar para o profissionalismo porque ninguém dizia como a foto deveria ser, qual ângulo. Era “tire uma foto, registre o momento”. Era uma coisa empírica mesmo. Por isso eu falava ao Podolan que trouxesse o curso de jornalismo, pois esse curso iria profissionalizar o nosso meio. O pessoal iria estudar. Muito embora, eu vivi a experiência no *Diário da Manhã*, o curso era extremamente teórico. Eu lembro da Norma, que chegou no Jornal da Manhã, lá pelas dez e meia da manhã, para conversar comigo. Eu a recebi e ela começou a mostrar título, diploma, dizendo que era de Curitiba. Eu deixei ela falar e pensava: ela está pensando que somos um bando de caipiras, que ela que é de Curitiba é que sabe das coisas. Deixei ela falar e conversamos até onze, onze e pouco. Aí disse a ela: “Vamos fazer assim. Você vai para casa almoçar. Leva todos os seus diplomas e deixa lá. Você venha à uma e meia aqui – nós já tínhamos carro – você vai pegar o fotógrafo, o carro e vai cumprir uma pauta.” Estava acontecendo um pequeno conflito lá no Santa Maria, questão de um riacho. O pessoal que morava mais para baixo, usava a água desse riacho para suas necessidades diárias, e o pessoal que morava mais em cima, jogava esgoto no riacho. Expliquei a ela e mandei que fosse, conversasse com as pessoas e na volta escrevesse a matéria. Ela foi,

foram feitas fotos e voltou. A redação usava máquinas de escrever. E a redação tinha ligação com minha sala. Minha sala tinha duas portas, uma que dava para o corredor e a escada, e outra que saía na redação. Ela sentou à máquina e começou a rasgar papel. Punha a folha, começava a escrever, mas não conseguia desenvolver, pois não sabia escrever. Eu passava por ali e via, mas pensava: “Não vou falar nada, afinal ela é profissional.” Lá pelas cinco horas da tarde, eu falei para ela: “Viu como aqueles diplomas não servem para nada? Eles apenas dão o título, mas você não sabe fazer. Você tem o título de jornalista, mas não é jornalista. Mas eu vou contratar você mesmo assim. Você venha a partir de amanhã que você vai aprender o que é ser jornalista. E eu vou escrever essa matéria.” Chamei o fotógrafo que tinha acompanhado a Norma até o local, pedi para ver as fotos e que me contassem a história e escrevi. A Norma ficou trabalhando conosco acho que um ano e pouco. Depois foi para sucursal da *Gazeta do Povo* aqui de Ponta Grossa e depois foi para Curitiba. Mas foi assim. Ela chegou e começou a falar. Vai almoçar, deixe em casa... E no *Diário da Manhã* foram vários outros. Por que o curso é muito teórico, e o que é mais grave, é muito ideológico. Esse que é o grande problema. Nem vou lembrar as várias pessoas que passaram lá. Algumas moças trabalharam lá. Uma delas foi para São Paulo, trabalhou na *Veja*, teve outra que montou uma revista e nas exposições ela vinha com a revista dela, uma revista especializada em moda. Então, o pessoal que saiu de lá e trabalhou comigo, saiu sendo jornalista mesmo.

Eder Carlos:

Você lembrou do programa da Rádio Santana, o Primeira Página, como esse programa influenciou na feitura de fotografias para o jornal?

Adail Inglês:

A fotografia ficou sendo mais fácil, pois o pessoal ia até a redação do jornal. Mas já nesse tempo os fotógrafos estavam um pouco mais à vontade. Então, o programa em si não influenciou muito nesta área. Mas foi importante para qualificar as matérias do jornal. Eu lembro, por exemplo, naquele período o Podolan era o reitor da UEPG, e foi criado o curso de Agronomia. E os alunos da primeira turma fizeram um feito histórico. Como o curso não tinha estrutura nenhuma, os alunos fizeram greve. Eles perderam um período. Ficaram seis meses em greve. Reivindicando qualidade no curso. Enquanto o curso não tivesse qualidade, eles não voltariam para as aulas. E várias vezes o Podolan estava no programa e chegavam alunos. Então, foi um ato heroico desses alunos, pois não quiseram benefícios pessoais, mas qualidade no curso. Queriam que o diploma deles tivesse valor. Eles iam ao programa e chegava o reitor.

Eles criticando o reitor e a universidade, pedindo qualidade. O que aconteceu? O reitor foi a Curitiba negociar com o governo, e aí foi criado um dos melhores cursos (de Agronomia) do Brasil. Com toda a estrutura. E nós participamos ativamente disso. Pois eles iam lá dar entrevista, a Isolde era presidente da Associação de Professores – inclusive eu chamava ela de minha colega de trabalho porque quando tinha greve de professores ela sempre estava lá. Foi uma ideia boa. E depois que eu deixei o programa, quando saí do Jornal da Manhã, é que eu senti a audiência dele. Quem é que vai escutar rádio dez horas da noite? Eis que muita gente escutava rádio. Porque naquela época a televisão era só crime, aquelas coisas de final de noite, e o pessoal preferia deitar, ligar o rádio e ficar escutando. Nós apresentávamos as coisas da cidade, tudo o que acontecia na cidade. As pessoas envolvidas iam dar entrevista no Primeira Página. Falavam para a rádio e no dia seguinte estavam nas páginas do jornal. Foi um casamento muito bom. Mas depois parou, quando eu saí do jornal também acabou o Primeira Página. Foi uma experiência muito boa.

Eder Carlos:

Você lembra como era o equipamento fotográfico do Jornal da Manhã?

Adail Inglês:

Eu diria que era razoável. Porque eu, tecnicamente, não entendo. Eu pedia aos fotógrafos que escolhessem o que precisava ser adquirido. Não era um equipamento, se não era excepcional, era um equipamento razoável. Que se prestava ao que precisava ser feito. Era o Dário, o Kaé... eles que escolhiam o equipamento com que iriam trabalhar. Eles diziam que a máquina era aquela e o jornal adquiria.

Eder Carlos:

Você tem ideia de onde estão os arquivos do Jornal da Manhã, tanto os volumes das edições quanto o arquivo fotográfico?

Adail Inglês:

Deve estar no Jornal da Manhã.

Eder Carlos:

Não está. Eles venderam só o nome.

Adail Inglês:

Não faço a menor ideia. Achei que tinham comprado junto.

Eder Carlos:

Parece que se perdeu tudo, os volumes encadernados, os arquivos fotográficos, os rolos do past-up.

Adail Inglês:

E o *Diário dos Campos*?

Eder Carlos:

Me parece que ocorreu a mesma coisa.

Adail Inglês:

É. Porque o *Diário dos Campos*, eles compraram o nome. A pessoa que tinha o nome era o Odone Fortes Martins. Ele foi um picareta da imprensa. Ele teve um jornal muito bom, *Jornal Indústria e Comércio*. Tinha um bom relacionamento com o empresariado de Curitiba. E o jornal dele era muito bom, mas foi definhando e fechou. E ele andou registrando nomes de jornais que não possuíam registro, inclusive o *Diário dos Campos*. Ele requereu o registro e depois avisou: “podem fechar o jornal. O jornal é meu.” O pessoal lá de Apucarana estava comprando o meu jornal. Estava tudo certo a negociação. Mas aí fomos jantar lá no Expedicionário do Cogo, e lá contei a história. Falei do *Diário dos Campos*, do Odone e tal. E aí o que fizeram? Vamos comprar o jornal do Adail, com dívida previdenciária, problemas com funcionários? Eles foram lá e compraram o nome do jornal por dez mil reais e criaram um novo jornal sem dívida nenhuma. Então, essa é a história. Eles compraram só o nome e aí, realmente, não tinha o arquivo. Sei lá se o Slavieiro guardou. Veja que judiação se perder os dois arquivos. Aliás, eu estou com os arquivos do meu (*Diário da Manhã*) e eu fiz a doação para a Academia de Letras. A academia agradeceu, mas não quer pegar os arquivos porque não tem onde guardar. De repente vou doar para outro. “Você tem onde guardar? Então é seu.” Tem uns quatro ou cinco cadernos que foram danificados por causa de uma goteira, hoje está bem guardado. Então, eu tenho o arquivo inteiro. Inclusive, nós fazíamos dois volumes de cada período, de cada mês. Justamente pela experiência que eu tive com o *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*, onde faltavam arquivos. O pessoal emprestava. Existem fatos históricos que os arquivos sumiram por interesse dos respectivos agentes da história política de Ponta Grossa. Sumiram. Se chamar

hoje fulano aí... “ô, você roubava carros...” não tem como provar.

APÊNDICE E

ENTREVISTA COM O FOTÓGRAFO ISRAEL KAÉ

Transcrição da entrevista feita pelo autor, com o fotógrafo Israel Rodrigues dos Santos, Israel Kaé, 65 anos, funcionário da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. A entrevista foi realizada no dia 6 de setembro de 2023 e conta com a devida autorização de uso, assinada pelo entrevistado.

Eder Carlos:

Kaé, como foi o seu envolvimento com a fotografia, como você se tornou fotógrafo?

Israel Kaé:

Na década de 1970, meu pai trabalhava numa empreiteira que estava fazendo obras na Rodovia do Café, no Norte do Paraná. Nessa época eu vim para Ponta Grossa para estudar. Terminada a obra, meu pai foi transferido para outra, no Rio Grande do Sul. Nesse meio tempo, meu pai veio a Ponta Grossa e foi atropelado na Avenida Carlos Cavalcanti, falecendo poucos dias depois. Ficamos sem pai nem mãe. Mãe eu tinha, mas ela tinha cinco filhos e eu era o mais velho, na época com 15 anos. Antes de falecer, meu pai ainda falou comigo e pediu para que eu cuidasse dos irmãos e da mãe. Minha mãe não aceitava a morte de meu pai. Ele morreu com 38 anos, vítima de um motorista bêbado. Foi quando o Mário Sato, fotógrafo de Londrina, veio montar uma empresa em Ponta Grossa. Fazia pouco tempo que ele morava em Ponta Grossa e ficou sabendo do acidente e da situação de minha mãe. Ele veio bater no portão de minha casa. Disse que soube do acidente e da situação que se seguiu, e que queria treinar um rapaz para trabalhar com fotografia. Perguntou se minha mãe não queria deixar que eu trabalhasse com ele. O acidente foi dia 22 de fevereiro de 1974. Alguns dias depois o Sato bateu em minha casa. Minha mãe perguntou se eu queria ir trabalhar com ele e eu respondi: “Quero”. Isso foi numa quinta-feira. Na segunda-feira já estava lá trabalhando com ele. Fiquei uma semana aprendendo, como fazia e como não fazia. Então ele chegou pra mim e disse: “Olha, no sábado tem um casamento, tem coragem de ir fotografar comigo?” Eu respondi que tinha. Ele pegou uma máquina igual à dele, com filme preto e branco, enquanto ele usava o colorido. A orientação era que eu fizesse tudo o que ele fizesse. Me deu um flash Frata, com bateria de moto, pesado, mas fui lá e fiz o casamento com ele. Na segunda-feira revelamos o filme e ele viu que estava quase tudo bem feito. Aí ele me perguntou se tinha coragem de fotografar sozinho no sábado seguinte. Eu topei. Fui lá e fiz e, a partir daí, a luta foi grande. Virei fotógrafo. Eram dois

casamentos por sábado. O Mário Sato fazia muita formatura. Eu fiquei muito tempo dentro de laboratório. Chegava a ampliar 400 fotos 20 X 25 numa noite. Só que tínhamos uma equipe. Eu ficava no ampliador, outra pessoa ficava no revelador, outra no fixador. Mas chegou uma hora que eu trabalhava muito e não ganhava bem. Eu criei uma grande amizade com o Mário. Foi quando surgiu, através de um amigo meu, uma vaga no Foto Carlos, no laboratório de foto colorida, justo o que eu queria aprender. Eu era um bom laboratorista no trabalho com o Mário Sato. Quem trabalhava comigo era o Domingos, o Zé do José Weiss, que faziam alguns bicos no laboratório. E fui para o laboratório colorido do Foto Carlos. Tudo manual. Eu trabalhava no ampliador. Tinha o *minilab*, mas eu não trabalhava nessa máquina. Tudo manual, provinhas, filtro e tal. Aprendi colorido. Fiquei cinco ou seis anos no laboratório fazendo posters. Fazia de 13 x 18 para cima, até 50 x 60. Tudo manual. Fiquei no laboratório, até que chegou um momento em que não aguentava mais ficar naquele escuro. Saí do Foto Carlos com a ideia de descansar. Fazia uns quinze dias que estava em casa quando veio o Mário Hirano, outro fotógrafo, cunhado do Mário Sato e que também trabalhava com ele. O Hirano trabalhava no Jornal da Manhã e me perguntou se eu não queria fazer uns bicos, com o Adail Inglês. E acabou me convencendo. Fui lá conversar com o Adail, que nessa época fazia um programa na Rádio Santana, transmitido da redação do Jornal da Manhã. Ele gravava um pedaço à tarde e fazia outro tanto ao vivo, no final da noite. E eu fui para cobrir esse programa. Isso porque o Marilson, que era fotógrafo do Jornal da Manhã, estava com a esposa doente, internada em Curitiba. Era para eu trabalhar só uma ou duas semanas. Mas o Marilson me pediu que ficasse, pois ele precisava dar atenção à esposa. Passou um tempo e a esposa do Marilson faleceu. Quando ele voltou, eu pensei em sair. Mas o Adail me chamou, disse que gostou do meu trabalho e pediu que eu ficasse só fazendo o horário da noite. E eu fiquei, acho, um ano e meio. Nisso o Marilson foi para a UEPG, convidado pelo Acir Macedo que era o assessor de imprensa da universidade e levou o Marilson e o Neomil. Foi quando o Adail me convidou para ficar e eu fiquei. Fiquei de 1984 até 1987, quando saí com o Adail para o *Diário da Manhã*.

Eder Carlos:

Você trabalhou em estúdio, com fotos de eventos. Quando você foi para o jornal, sentiu diferença entre a fotografia de eventos e a foto para o jornal?

Israel Kaé:

Totalmente. A foto jornalística precisa falar. E tem a foto da primeira página. Isso que leva você a trabalhar diferente no jornal, pois tem a tal da primeira página. Na página interna

pode ser um boneco ou uma foto menos expressiva. Mas na primeira página ela precisa falar. A primeira coisa que a pessoa olhava na banca eram as fotos da capa. E com base nisso comprava o jornal. Se não tivesse uma foto boa, não comprava. E ali você começava a criar as fotos. Você chegava no jornal, via o que tinha de pauta e já começava a pensar qual foto faria para a capa. Então, mudou da água para o vinho. Fotos de eventos é uma coisa, hora da aliança, batizado, formatura, você sabe todos os momentos que tem que fotografar. No jornal, não. Todo dia é uma foto diferente, nunca é a mesma foto. E eu fui me interessando, gostando, e estou até hoje. É muito legal, pois não existe rotina no fotojornalismo. E todo dia você tem que arrumar uma foto para a capa. É gostoso. E isso me envolveu bastante. Sinceramente, eu poderia estar muito bem no quesito financeiro se continuasse no estúdio. Na época eu era um dos bons fotógrafos da cidade. Mas eu fui para o jornal e você sabe o salário que ganhávamos. Valia só pelo tesão do trabalho. É um trabalho maravilhoso. E no jornal eu fazia esporte, social, política, policial. Eu fui fotógrafo de todas as editorias. Eu adoro fazer fotografia política. Hoje, todas as campanhas eu faço. Do Péricles, do Wosgrau, do Jocelito, do Marcelo, da Elizabeth, do Plauto. Porque eu já tenho as manhas e gosto de trabalhar com fotografia política. É o que mais gosto.

Eder Carlos:

Como era o equipamento do Jornal da Manhã?

Israel Kaé:

Meu Deus. Agora você forçou a barra. Se não estou enganado, eu tinha uma Pentax K-1000.

Eder Carlos:

Eu lembro que tinha uma máquina Prática e outra Yashica.

Israel Kaé:

Verdade. Mas eu tinha a minha Pentax. Usava minha Pentax pois ela tinha uma lente fixa. Inclusive, eu ia no Operário. Não faltava jogo do Operário. Sou operariano desde essa época. E eu fazia fotos com essa lente cinquentinha. Fazia fotos dos gols com uma lente cinquentinha. Uma vez até entrei no campo para fotografar. Saiu um pênalti e eu entrei correndo no campo para chegar mais perto, meio escondido do juiz, tirei a foto e o juiz me viu e mandou sair fora do campo. Mas tirei a foto. Então, as máquinas eram muito... não existia tele, não

existia nada. Nos outros jornais, na sucursal da *Folha de Londrina*, *Gazeta do Povo*, até tinha. Mas no Jornal da Manhã, não. Ah, esqueci de contar que trabalhei um ano e meio fazendo freela para *A Notícia*. E teve outra fase que eu fazia as fotos do “Amarelinho da Difusora”. Tinha um painel na frente da Rádio Difusora e o Nilson de Oliveira, toda segunda-feira, colocava as fotos de acidentes, de eventos e as pessoas aglomeravam para ver. Lembra disso?

Eder Carlos:

Eu fiz esse trabalho com o Aroldo Martan⁵¹.

Israel Kaé:

Isso, com o Aroldo Martan. Ele dirigia o carro, o amarelinho da Difusora. Voltando ao equipamento. Era péssimo. Só que eu tirava de letra. Na época era o que tinha. Só mais tarde, quando eu adquiri um equipamento, é que tive uma máquina boa. No jornal não se adquiria. Era caro. Também tinha que economizar filme para fotografar. O Adail sempre dizia que não era para gastar filme. Então, se você ia fazer uma reportagem e tirava dez chapas, ele ficava bravo. “Dez fotos do mesmo evento, não dá, tem que economizar.” Hoje você pega uma máquina digital e atola o dedo no disparador.

Eder Carlos:

Você lembra como era a rotina dos fotógrafos no Jornal da Manhã? O que você fazia?

Israel Kaé:

Trabalhava como um louco. Chegava no jornal em torno das nove horas da manhã. Naquela época tinha muito evento à noite, no Guaíra, nos clubes, no Rotary, Lions. Eu trabalhava muito. Eu fazia policial. Todo dia ia na 13ª Sub Divisão Policial, isso era rotina. Tinha que ir lá para saber se tinha algo a ser noticiado. Era puxado. Mas sempre fazia com tesão. Trabalhava direto, sábado, domingo. Futebol, jogos. Então, era bem puxado. E na época eu era o único fotógrafo do jornal. Depois da saída do Marilson eu fiquei sozinho. Até tentei ensinar um menino, o Luciano. Ia bem o menino, mas depois não deu mais. Era muito trabalho. Mas eu adorava. Adorava. Era uma rotina puxada. E o Adail era muito da política. Então tinha foto toda hora. E naquela época, todo político passava pela sala do Adail. Vinha governador, vinha deputado, todos vinham primeiro dar entrevista ao Adail. Ele era muito forte na política.

⁵¹ Radialista, já falecido, com passagem por várias emissoras de Ponta Grossa e outras cidades do Paraná.

E eu, como fotógrafo, tinha que estar lá. Valeu a pena.

Eder Carlos:

Como a foto de estúdio ajudou você a ser um bom fotógrafo de jornal? Ou não ajudou?

Israel Kaé:

Eu já era fotógrafo de formatura e tal. Eu já sabia fotografar. Congelar uma imagem era fácil para mim. Ainda mais numa máquina manual, os dedos já trabalhavam sozinhos. A diferença, como falei, são os ângulos, a foto (jornalística) precisa falar. Então você chega no lugar do fato e escolhe qual o melhor lugar para fazer a foto. Por exemplo, num acidente, é difícil, pois você tem que fazer uma foto que apareça o carro, mas não as vítimas em destaque. E isso eu fui aprendendo. O estúdio e a foto de eventos são totalmente diferentes. A reportagem é diferente. É difícil explicar. Mas é muito diferente. Tanto que depois que entrei no jornal, abandonei os eventos.

Eder Carlos:

Você lembra de alguma fotografia que tenha feito e que marcou, que chamaram a atenção?

Israel Kaé:

Do Jornal da Manhã eu lembro de quando estavam fazendo o prolongamento da Avenida Visconde de Taunay até a Santa Paula. Eu não lembro quem estava comigo, acho que era o Carlos (Ailton Rodrigues da Silva). E choveu muito quando fizeram o corte da rua. Eu fui fazer uma foto. Subi num barranco e escorreguei e tirei a foto caindo. Essa foto me marcou. E não tenho ela guardada. Afinal, não tenho nenhuma foto, pois quando saí do Jornal da Manhã, todas as minhas fotos ficaram lá. As fotos eram do Jornal e ninguém podia pegar. Nem o Adail. E quando fechou o *Diário da Manhã*, a primeira coisa que o Adail fez foi pegar o arquivo de fotografia e levar embora. Eu fotografei muito evento, muito acidente. Triste. Eu fotografei o acidente do ônibus que caiu na serra de São Luiz do Purunã. Era um pessoal que vinha de Tupã (SP) para a *Oktoberfest*, em Santa Catarina. E, na primeira curva da serra, eles caíram no precipício. Isso eram umas cinco horas da manhã. O ônibus desceu 150 metros cortando árvores. Como eu trabalhava direto com os policiais rodoviários, eles me avisaram. O acidente foi às cinco da manhã, e só às onze que alguém ouviu gritos e localizou o ônibus. Aí que me avisaram. Cheguei no jornal não tinha carro para ir lá. O Léo (Passetti) tinha um Voyage e me

emprestou. Fui o primeiro da imprensa a chegar. Aquele acidente foi triste. Da rodovia, ninguém enxergava o ônibus. Só tinha um clarão de árvores. Eu conhecia os bombeiros e consegui que me descessem lá. O ônibus tinha 44 passageiros. E quando cheguei, 36 estavam mortos. Oito gritando, pedindo ajuda. O lugar era de difícil acesso e deu muito trabalho para retirar. Foi muito terrível. Fiquei dias impressionado. Depois fiquei sabendo que além dos 36, mais quatro morreram. Os que estavam nos últimos bancos ficaram vivos, mas mutilados. Além disso, já vi motorista gritando porque estava pegando fogo no caminhão, pessoas morrendo e você não poder fazer nada. E nessa hora eu sempre fui coerente. Tirava foto para não aparecer a pessoa, não expor ninguém.

Eder Carlos:

Quais as diferenças entre o laboratório de estúdio e o laboratório de jornal?

Israel Kaé:

O laboratório em si é igual. Ampliador, revelador, fixador e água. A diferença é que o revelador que se usa para o jornal é o Dektol, que é um revelador rápido. Mesmo a foto preto e branco tem um tempo de revelação, cinco ou seis minutos para fixar bem. No jornal eu cortava o filme, revelava e ampliava em dez minutos. O revelador é mais forte, mais rápido. Mas não dá duração. Logo as fotografias ficam amarelas. O que eu fazia era revelar uma foto no dia para a edição e, no dia seguinte, revelava com tempo certo para arquivar. Então, a diferença é o tempo e a química que são diferentes. O filme preto e branco era comprado em rolo. Aí você pegava e rebobinava filmes com 12, 20, 36 poses. E aí o Adail ia lá medir, porque dizia que estava gastando muito. Ele e o Vilson (Pereira) mediam os filmes usados para ver se estava certo. Era cada uma...

Eder Carlos:

Como era o arquivo de fotos no Jornal da Manhã?

Israel Kaé:

Eu nunca gostei de arquivo. Nunca gostei de arquivar as fotos. Por isso que não tenho. Por que o arquivo, você está trabalhando e alguém pede que você vá lá e pegue uma foto. “Ah, quero foto de tal pessoa.” Não, eu estou aqui para fotografar, não para arquivar e mexer em arquivo. Então, sempre teve alguém que arquivou para mim. Mas o arquivo era algo difícil. Não tinha gente capacitada para arquivar. Tinha que ser algo bem organizado, mas não era. Teve até

um episódio em que o Adail pediu: “Pegue uma foto do Coelho, lá para mim.” O Altair Coelho de Andrade, vereador. E alguém foi no arquivo e pegou a foto de um coelho e enviou para o past-up. No outro dia saiu a foto do animal com a legenda do vereador. Isso foi um problema do arquivo, não meu. Essa parte de arquivo não era comigo. O Adail pagava muito pouco no jornal. Nós trabalhávamos quase 24 horas por dia para ganhar um salário mínimo e meio. E ainda ter que arquivar? Não. Eu me negava a fazer arquivo. Por falta de ganhar um pouco mais.

Eder Carlos:

Hoje você é fotógrafo da Assessoria de Imprensa da Prefeitura?

Israel Kaé:

Estou lá com a Elizabeth. Eu me aposentei em 2008. Mas eu já fazia campanhas políticas. Fiz do Plauto, Wosgrau, do Paulo Cunha, do Péricles. Fiz de todos. E quando me aposentei fui para a área da política. Fiz a campanha do Marcelo e trabalhei para ele. E agora estou com a Elizabeth. Estou na Assessoria, mas faço para todas as secretarias. O que também é complicado. O certo era fazer só a Assessoria. E tem trabalho. Sempre tem algo para fazer. Mas eu faço o que gosto. Só que tinha que ganhar um pouco mais. Trabalho por amor.

APÊNDICE F

ENTREVISTA COM O FOTÓGRAFO MARILSON DE PAULA

Transcrição da entrevista feita pelo autor, com o fotógrafo Marilson de Paula, 59 anos, servidor público lotado no Centro de Telejornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. A entrevista foi realizada no dia 4 de setembro de 2023 e conta com a devida autorização de uso, assinada pelo entrevistado.

Eder Carlos:

Nós vamos conversar com Marilson de Paula, 59 anos, que atualmente é funcionário da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e que foi um dos fotógrafos do Jornal da Manhã na década de 1980. Marilson, para começar, fale um pouco sobre como foi sua chegada ao Jornal da Manhã.

Marilson de Paula:

Eu praticamente insisti para entrar no jornal. Na época, o Maurílio, que é meu irmão, fazia parte da redação, era o chefe da redação, e eu ia praticamente toda tarde visitá-lo. Eu estava desempregado, era novo, tinha 18 anos, não fui para o quartel e estava em busca de um emprego. Eu ia lá, ficava conversando com ele, fiquei um tempão assim. Até que um dia, de tanto eu ir lá, o Adail (Inglês) e eu entrei para corrigir telex (das agências noticiosas) – vinha o telex em caixa alta e precisava fazer as marcações para o pessoal da composição. Como não tinha outra vaga, entrei para fazer essas correções. Fiquei algum tempo fazendo isso. Foi quando o Cleon Costa era fotógrafo do Jornal da Manhã, e ele teve um problema de saúde nas mãos, em função dos produtos químicos usados para a revelação das fotos. E ele pediu que fosse contratado um laboratorista. E aí surgiu a oportunidade. O Cleon pediu que eu fosse para o laboratório, pois nas horas vagas eu ia aprender sobre fotografia com ele. Eu ia de curioso e ficava perguntando sobre as técnicas de fotografia e revelação. E ele me ensinava. Ele me explicava. Você sabe como era o jornal. Era corrido. A notícia acontecia o dia todo. Mas, de tanto eu mostrar curiosidade pela fotografia, o Cleon pediu que eu fosse para o laboratório. E o Adail aceitou. O Cleon me ensinou a parte de laboratório. E fiquei um bom tempo como laboratorista. Revelar os filmes, ampliar as fotos, entregá-las na montagem ou ao repórter.

Eder Carlos:

E como você passou a fotógrafo do Jornal da Manhã?

Marilson de Paula:

Como contei, da minha curiosidade, conversava muito com o Cleon sobre fotografia. E ele foi me ensinando. Aconteceu que ele, por motivos de saúde e por necessidade de dar mais atenção ao seu estúdio particular (Foto Rubens), ele não tinha tempo suficiente para os dois trabalhos e se dedicava mais ao jornal. Como eu já estava como laboratorista, ele foi me dando dicas de como fazer fotos. Ensinava a operar a câmera, fotômetro, velocidade etc. Ele me dava a máquina para fazer fotos dentro do jornal, dos redatores, do pessoal da montagem, do administrativo. E isso me ajudou a tomar conhecimento da máquina. Na época era tudo analógico, com filme. E eu fotografava o dia a dia do jornal. Nos aniversários o pessoal se reunia para comemorar e eu fazia a foto do evento. E também fotografei o pessoal trabalhando. Acredito que alguns ainda tenham estas fotografias. E eu lembro até hoje, a primeira foto minha que, vamos dizer profissional, que eu tirei para o jornal, foi em uma reunião onde participou o Adail Inglês. O Cleon disse: vai você lá tirar as fotos, pois eu não posso. Então ele me mandou, e justo com o Adail, que era o editor do jornal. Era uma reunião, me parece no Sindicato dos Metalúrgicos, bem próximo à sede do jornal. E fui eu e o motorista, que na época era o Celso Antonio Moreira. O Cleon me disse: faz como eu ensinei. Naquela época não tinha máquina automática. Era tudo manual. Você precisava fazer a leitura do fotômetro, regular a velocidade, a abertura e o foco, tudo em questão de segundos. De certa forma, ele me pôs em apuros e disse que se eu quisesse aprender, aquele era o momento de iniciar. Então fui. E fiz as fotos. Quase gastei um filme (36 poses em média), para garantir duas fotos. Então, fiz as fotos, revelei e vi que ficaram boas o suficiente para serem publicadas. A partir daí comecei a acompanhar o Cleon em outras coberturas. E ele me dava outras explicações e orientações. Em várias ocasiões ele me largou sozinho, pois ele já pretendia sair do jornal. Um dia ele conversou com o Adail, explicou que tinha me ensinado e que eu estava apto a assumir o papel de fotógrafo do jornal. A saída do Cleon foi uma grande perda para o jornal. O Adail não queria que ele saísse. Ele saiu e eu fiquei como fotógrafo oficial do jornal. Fiquei como fotógrafo e laboratorista. Tirava as fotos e corria para o laboratório, revelava, ampliava, saía para outra reportagem, e assim foi. E nessa correria fui me aperfeiçoando. O jornal foi um grande aprendizado. Era todo tipo de foto. De esportes, policial, social, geral. Eu fazia vários tipos de foto. E eu fui aprendendo com isso, minha grande escola foi o Jornal da Manhã.

Eder Carlos:

Qual o período que você ficou no Jornal da Manhã?

Marilson de Paula:

Eu fiquei três anos. Entrei em 1982 e fiquei por três anos. Três anos e três, quatro meses, alguma coisa assim.

Eder Carlos:

Você acredita que por não ter passado por um estúdio ou loja de fotografias, você conseguiu fazer fotos melhores ou piores para o Jornal da Manhã?

Marilson de Paula:

Não sei. Acho que fiz fotos melhores. Por que aprendi dentro do jornal. O jornal foi uma escola para mim. As melhores fotos que tirei foram dentro do jornal. Apesar que nem sei o que é foto de estúdio. Eu não sei tirar foto de estúdio. Eu nasci, como fotógrafo, como repórter fotográfico. Então, minha especialidade é a reportagem fotográfica. Se me colocarem dentro de um estúdio, sinceramente, não sei o que fazer. Orientar poses etc. Claro, conheço o material de fotografia. Mas posicionar pessoas, luzes e outros, nunca soube fazer. Tanto é que nunca trabalhei em estúdio. Sempre em jornal e com reportagem.

Eder Carlos:

Você começou no Jornal da Manhã. E depois do Jornal da Manhã, como foi sua carreira?

Marilson de Paula:

Iniciei no Jornal da Manhã, depois trabalhei no Diário dos Campos, no antigo Diário dos Campos, que ficava na Santos Dumont, mesma rua do Jornal da Manhã. O (Altair) Bail era o diretor. Trabalhei um mês lá. Depois vim para a Universidade (Estadual de Ponta Grossa). Na época ainda não existia concurso. Era contrato. Soube que existia uma vaga e vim preencher uma ficha. Era igual no comércio, você preenchia ficha e esperava ser chamado. E como já conhecia o Jefinho (Jeferson José da Silva), que é irmão do Jackson que trabalhou conosco no Jornal da Manhã. O Jefinho trabalhava aqui (na UEPG) e através dele consegui entrar na Universidade como fotógrafo. Só que aqui não era jornal. Até tinha um jornal. E eu entrei aqui para trabalhar nesse jornal. Era o jornal Campos Gerais. O Acir Macedo era o assessor de imprensa da Universidade. E ele estava montando esse jornal, que era impresso na oficina do Jornal da Manhã. O Neomil Macedo (diagramador do Jornal da Manhã) fazia a diagramação. No jornal também eram usadas fotos feitas para o Jornal da Manhã. E o Acir Macedo resolveu

criar uma equipe específica para esse jornal. O Neomil já estava trabalhando na Universidade como diagramador. Tinha também outro jornalista, o Eduardo Gusmão dos Anjos e o Acir também escrevia. Então resolveram contratar um fotógrafo para o jornal que faziam na Universidade. E eu vim mais para trabalhar nessa equipe. O Jefinho, que já trabalhava aqui, ficava mais na parte de assessoria e auxiliando os professores. Na época se fazia muito slide fotográfico, kodalith (filme especial para artes gráficas). Então ele ficava mais nessa parte e eu mais para o jornal. Então, eu fui contratado pela Universidade para fazer esse jornal. Mas não havia um local específico para jornalistas ou fotojornalistas. E eu entrei para o setor de “Recursos Audiovisuais”. E fazia de tudo. Aprendi a fazer muita coisa de fotografia aqui na Universidade. Nunca tinha trabalhado com slides, kodalith, reprodução, e isso aprendi aqui, com o Jefinho, que foi, também, um grande professor. Trabalhar com slide, por exemplo, é bem diferente de trabalhar com fotografias em preto e branco como fazíamos no Jornal da Manhã. A técnica, velocidade, abertura de diafragma, tudo é diferente do que já era acostumado. E eu aprendi muita coisa. Acabei ficando aqui na Universidade. Voltei a trabalhar em alguns jornais. O Osni Gomes foi convidado para ser diretor do jornal Correio Ponta Grossense, junto com o Maurílio de Paula. E eu fui convidado para ser fotógrafo lá também. Então eu trabalhava aqui na Universidade e trabalhava também para o jornal, em dois horários distintos. Fazia oito horas aqui e depois ia para o jornal. Fazia mais os finais de semana, que tinha cobertura de futebol e outros esportes. Fiquei um tempo assim. Então percebi que estava trabalhando dia e noite, o que me acarretava muito desgaste físico, e saí do jornal. Fiquei só na Universidade. Mas fiz alguns bicos. Voltei para o Jornal da Manhã na época em que o Aroldo Schwab ficou como diretor. Também fiz algumas fotos para a diocese onde o Maurílio era jornalista. Mas era muito desgastante. E optei por ficar só na Universidade onde estou até hoje.

Eder Carlos:

No Jornal da Manhã, você lembra quais eram os equipamentos disponíveis?

Marilson de Paula:

O equipamento era precário. Havia uma câmera Yashica, bem precária. Tinha ela, um flash a pilha bastante fraco. Tínhamos que fazer milagres quando precisava fotos noturnas. Depois de muito insistir, foi comprado um flash 140, a bateria, mais potente. Melhorou um pouco. Havia também uma outra câmera Praktica. Para fazer fotos de esportes era sofrido. Só tínhamos uma lente 50mm. E precisávamos cobrir o Operário, o turfe – na época o Nelson Jerba lidava com o turfe – fusca-cross, todas as modalidades de esporte, tudo era feito com a lente

50mm. Não havia uma lente potente. Na época as lentes potentes eram grandes e pesadas. E o jornal não tinha esse equipamento. Tinha uma lente 50mm e outra grande angular, acho que era 28mm. Mais tarde foi comprada outra câmera Yashica, equipada com lente 28-75mm, o que permitia puxar um pouco de zoom. Como eu tinha amizade com outros fotógrafos, quando ia fazer a cobertura de jogos do Operário, emprestava uma lente 100-150mm. Quem mais ajudava era o fotógrafo Mário Sato. Mas era uma lente muito grande e pesada. E eu usava essa lente para fazer algumas fotos mais próximas. O campo de futebol é ruim de se posicionar com uma lente 50mm. Quando só tinha essa lente, ficava atrás do gol, que era o único local onde podia fazer uma foto razoável. E sempre atrás do gol do adversário para pegar os lances do Operário. Mas quando conseguia emprestar uma lente maior, que servia no equipamento que tínhamos, então podia ficar em outro lugar melhor posicionado. A lente era grande. Lembro que o pessoal me gozava, perguntando onde eu ia com a garrafa térmica. Também não tinha tripé nem monopé. Então era preciso equilibrar aquele equipamento pesado apenas com as mãos. Muitas fotos saíam desfocadas ou tremidas devido ao peso do equipamento. O equipamento, na época, era todo manual. Você tinha que regular tudo. E no Operário é ruim de fazer fotos, porque uma das goleiras ficava sempre na contra luz do sol (em jogos à tarde), enquanto a outra fica na sombra. Conforme o lugar que você ficava, tinha que fazer regulagens de abertura e foco diferentes, já que a velocidade sempre era alta, o que demandava tempo e muitas vezes impedia fazer a foto perfeita. Era preciso regular a abertura, focar e puxar o zoom. E também tinha que puxar o filme. Muitas vezes a foto saía torta ou desfocada.

Eder Carlos:

E o laboratório fotográfico, era bem equipado?

Marilson de Paula:

Também não. Era tudo muito simples. Por isso eu digo que foi uma escola, pois aprendi tudo de forma manual e precária. Tinha equipamentos. O ampliador era bom. Mas era um laboratório muito simples. Tinha as espirais para revelar filme, mas não usávamos, pois o filme grudava e perdíamos fotos. Então a revelação era feita manualmente, passando o filme no revelador. Como o tempo no jornal era corrido, era preferível fazer assim. Muitas vezes eu estava revelando e tinha alguém batendo à porta: vamos sair, tem um acidente... tem horário de entrevista não sei onde... Então fazíamos de forma manual. Cortávamos o filme usado na câmera e, com a mão mesmo, passávamos no revelador, fixador e água, como se estivéssemos lavando o filme. Isso era mais prático e rápido que ficar trabalhando com a espiral. Então, o

equipamento não era o que podíamos chamar de “equipamento”, mas era suficiente para o que precisávamos fazer. Tinha todo o básico: ampliador, pinças, tanques de banho, esmaltadeira. Mas nada era de alta qualidade. Dava para trabalhar razoavelmente bem.

Eder Carlos:

Você falou que quando estava revelando o pessoal já estava à porta chamando para outro trabalho. Como era a rotina do fotógrafo dentro do Jornal da Manhã?

Marilson de Paula:

A rotina era corrida. Tinha dias em que mal dava tempo para respirar. Na época, o repórter saía para a notícia. Ia atrás da notícia. Então, normalmente, o repórter saía e já levava o fotógrafo junto. E como havia apenas um fotógrafo, eu tinha que atender o pessoal do esporte, que era o Danilo Kravchychyn, polícia, que era você, o Maurílio, que era da geral, o pessoal do turfe, o Léo na social. Então, me dividia bastante. Existiam dias que era mais tranquilo, enquanto outros eu começava a trabalhar pela manhã e só conseguia revelar tarde da noite. Naquela época trabalhávamos até de madrugada. E eu só conseguia revelar à noite porque não dava tempo de ir revelando ao longo do dia. Ou, quando conseguia, revelava o filme, mas só fazia as cópias na parte da noite. Então eu estava revelando e o pessoal chamava “ô, vamos sair”. Pois naquele período ligavam avisando que tal coisa estava acontecendo, como um acidente, chegou um jogador novo para o Operário, reunião na prefeitura... e corríamos para o local, pois a notícia não esperava. Então, eu deixava para passar as fotos para o papel no período da noite, quando era um pouco mais tranquilo. Eu revelava o filme, o repórter escolhia as fotos marcando no filme, e depois eu revelava. À noite que eu digo era dez, onze horas da noite. E o pessoal da montagem também reclamava que precisava das fotos, mas só bem tarde que eu conseguia fazer. Então, a rotina era corrida, bem corrida mesmo.

Eder Carlos:

Você lembra de alguma fotografia, alguma reportagem fotográfica que você fez e que marcou sua carreira?

Marilson de Paula:

Que me marcou mesmo, foram duas. Uma foi um lance de um jogo do Operário em que as fotos ficaram muito boas mesmo. Eu achei. Tanto que foi capa do jornal. Muita gente elogiou essa foto. Foi um lance de escanteio e eu consegui fazer uma sequência. Peguei o

jogador chutando a bola no escanteio e o atacante subindo, cabeceando e fazendo o gol. E isso fiz com uma máquina sem o motordrive (dispositivo que, em máquinas analógicas, puxa o filme de forma automática após o clique). Foi feito na mão. Batia e puxava o filme, batia e puxava o filme. E eu fiz essa sequência. Como eu estava atrás do gol, consegui pegar a sequência. O jogador do Operário batendo o escanteio, a bola indo em direção ao atacante e o atacante subindo para cabecear e marcar o gol. Então, consegui pegar toda essa sequência. Sem o motordrive. Só batendo e puxando o filme, batendo e puxando o filme. Ficou muito legal. Tanto que o Danilo, que era responsável pelo esporte, elogiou muito a foto. “Que foto legal, a sequência ficou muito boa...” Pelo trabalho que deu para fazer a sequência. E foi capa do jornal. A outra foi quando fomos à APACD (Associação Pontagrossense de Assistência à Criança com Deficiência). Fomos fazer uma reportagem lá. Tinha um corredor comprido, e no final dele uma janela ampla. E nesse corredor estava uma criança com uma mão num apoio fixado na parede, e a outra dada a um assistente ou familiar, contra a luz. A criança assim apoiada caminhava pelo corredor, fazendo uma bela composição. Eu achei legal e tirei a foto. Não apareceu o rosto das pessoas, tanto que estavam de costas. Revelei a foto e mostrei na redação, ao Maurílio, que na época era o chefe de redação. Ele achou legal e mostrou ao Adail. Nessa época havia uma campanha de apoio à APACD, para que ela pudesse continuar prestando seus serviços, e o jornal participava dela. O Adail também gostou da foto e viu nela o selo para a campanha. E ela foi muito usada na campanha de apoio à APACD. Essas duas fotos me marcaram muito.

Eder Carlos:

Como era o arquivo de negativos e fotos no Jornal da Manhã?

Marilson de Paula:

De negativos era bem precário. Era guardar filmes. Não existia um arquivo. Como tínhamos vários negativos, guardávamos nas latas em que vinham os filmes virgens adquiridos pelo jornal. Enrolávamos e guardávamos nessas latas, separados por assunto (editoria). Colocávamos uma etiqueta na lata, por exemplo, policial. E todas as fotos policiais iam naquela lata enquanto houvesse espaço. Geral, policial, esportes, social... Ia tudo para as latinhas. Não tinha especificação de local ou data. Simplesmente guardávamos os filmes revelados por assunto. Já com as fotos reveladas em papel era um pouco mais organizado. Existia um arquivo de aço com várias pastas. Atrás da foto eu escrevia o assunto, data e local. Escrevia na máquina de escrever. Isso a foto já impressa (revelada em papel). Então já era um pouco mais organizado. Quando saí do jornal, não sei o que aconteceu. Sinceramente, não sei que rumo deram tanto às

fotos quanto aos negativos.

Eder Carlos:

Como era o convívio com os colegas do Jornal da Manhã?

Marilson de Paula:

Era muito divertido. Bom, existiam algumas divergências, coisa que acontece em qualquer empresa. Mas não de entrar em vias de fato. Eram discussões, críticas ao trabalho que fazíamos. Mas era muito divertido a companhia de todos. Desde o pessoal de baixo, que nós chamávamos pessoal de baixo porque trabalhavam na oficina que ficava no primeiro piso do prédio do jornal e a redação e laboratório ficavam no andar superior, pessoal da impressão e distribuição. Nós tínhamos uma boa amizade com todos. Até hoje, vez ou outra nos encontramos pelas ruas de Ponta Grossa e lembramos daquele tempo. E o pessoal da IBM (composição), da montagem, da redação. Tínhamos uma ótima amizade com todos. Dá pra dizer que trabalhávamos nos divertindo. Eu me dava bem com todos. Vez ou outra surgia alguma desavença, mas coisa de trabalho mesmo, nada mais que isso.

APÊNDICE G

ENTREVISTA COM O DIAGRAMADOR NEOMIL MACEDO

Transcrição da entrevista feita pelo autor, com o jornalista Neomil Macedo, 62 anos, funcionário da UEPG, responsável pela introdução da diagramação no Jornal da Manhã na década de 1980. A entrevista foi realizada no dia 4 de setembro de 2023 e conta com a devida autorização de uso, assinada pelo entrevistado.

Eder Carlos:

Como era a rotina do Jornal da Manhã na década de 1980?

Neomil Macedo:

Eu entrei no Jornal da Manhã em 1983. A rotina, vamos dizer, não tinha reunião de pauta, por exemplo. Eu começava a trabalhar uma hora da tarde. Chegava na redação e... Na verdade, eu implantei a diagramação no jornal. Até então ele não tinha diagramação. Então eu chegava lá, ia distribuir os anúncios nas páginas, nos diagramas. As primeiras páginas que eram fechadas eram a coluna social, página de variedades. Era uma rotina como em quase todos os jornais. Mais para o final da tarde começava a fechar as outras páginas, policial, esportes. Mas não tinha uma reunião de pauta. Cada um chegava, ia fazendo suas matérias, buscando seus assuntos para as matérias e fechava sem um planejamento prévio, como seria se tivesse uma reunião de pauta. O chefe de redação, quando eu entrei, era o Osni Gomes e o editor era o Adail Inglês. O Osni dizia qual matéria ia em qual página, mas não tinha uma distribuição antecipada do que era para cidade, o que era para cotidiano. Tinha o pessoal que fechava a parte do nacional e internacional, que usavam matérias vindas por telex. A rotina era essa. A primeira página era o chefe de redação que fechava. A rotina era essa.

Eder Carlos:

Era uma rotina que não existia.

Neomil Macedo:

Na verdade, não era uma coisa planejada. A gente fazia todo dia a mesma coisa, mas não que fosse algo planejado. Primeiro isso, depois aquilo. Determinado horário para fechamento de cada página como acontece em outros jornais. Tal página fecha tal horário. As páginas que vão ficando por último, página de política, de esportes. Então, não tinha esse planejamento.

Eder Carlos:

Antes do Jornal da Manhã você trabalhou no A Notícia. Como foi a sua transição do A Notícia para o Jornal da Manhã?

Neomil Macedo:

O jornal A Notícia foi um jornal de vanguarda em Ponta Grossa. Era um jornal que tinha impressão colorida, a impressão era feita lá no jornal O Estado do Paraná, em Curitiba, na oficina gráfica de O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. Então tinha uma qualidade muito boa. Depois o jornal acabou comprando uma impressora própria, só que acabou se endividando. O jornal já estava numa fase bem crítica quando o Osni Gomes, que tinha trabalhado como chefe de redação do A Notícia, foi trabalhar no Jornal da Manhã e me convidou para trabalhar lá também, para implantar a diagramação. Até então não existia diagramação no Jornal da Manhã. Isso em 1983. Na verdade, eu recebi o convite. Não teve uma saída, digamos que o jornal fechou e eu tive que sair. Eu fui convidado pelo Osni Gomes para ir para o Jornal da Manhã.

Eder Carlos:

A principal diferença na estética do A Notícia para o Jornal da Manhã era a falta de diagramação?

Neomil Macedo:

Com certeza. Porque o Jornal da Manhã ainda tinha aquela questão de começar uma matéria e, por falta de espaço ou planejamento, continuar em outra. Outras vezes tinha espaço demais para uma matéria, enquanto outra, de maior importância, ficava espremida em um canto porque não tinha esse planejamento gráfico. Não tinha uma distribuição uniforme das páginas e das matérias.

Eder Carlos:

O que você pode dizer do planejamento gráfico dos jornais de Ponta Grossa na década de 1980?

Neomil Macedo:

O jornal A Notícia, desde que foi fundado, sempre teve diagramação, planejamento gráfico. Porque ele seguia a linha, mais ou menos, de O Estado do Paraná. Ele nasceu de um suplemento, que era o Jornal dos Campos Gerais, que era suplemento de O Estado do Paraná, editado aqui na sucursal de Ponta Grossa. Então, o jornal A Notícia acabou nascendo desse

suplemento. Esse suplemento evoluiu e dele foi criado o jornal A Notícia. Sempre teve uma ligação muito forte com O Estado do Paraná, porque o dono do jornal A Notícia, o João Nunes Cottar, trabalhava no O Estado do Paraná. Ele foi diretor comercial, trabalhou na redação. Então, tinha essa ligação muito forte com o jornal O Estado do Paraná. E no A Notícia foi seguido mais ou menos o mesmo planejamento gráfico. Mais tarde acabou adquirindo uma aparência própria, um layout próprio. Foi criado pelo Osni Gomes e eu também ajudei a criar muita coisa. E o jornal A Notícia passou a ter vida própria. Mas ele ficou muito tempo ligado ao O Estado do Paraná. Era impresso lá e tudo mais. Muita coisa que O Estado do Paraná fazia, nós acabávamos fazendo também. E O Estado do Paraná era um jornal muito bem diagramado, tinha um planejamento gráfico muito bom. O Cottar sempre estava viajando para o Rio de Janeiro, e nessas viagens trazia exemplares do Jornal do Brasil, O Globo, que não tinha nas bancas de Ponta Grossa naquela época. Ele trazia e a gente também copiava muita coisa. Os outros jornais da cidade na época, o Diário dos Campos e o Jornal da Manhã, não tinham essa preocupação gráfica, de planejar, principalmente a capa, que é o que vai na banca e chama a atenção do leitor. A manchete, uma foto de destaque. Eles não tinham essa preocupação, enquanto que o A Notícia tinha. Tanto que o A Notícia, nas bancas, vendia muito bem, por conta dessa questão do planejamento gráfico.

Eder Carlos:

Como era o trato com a fotografia no Jornal da Manhã? A Notícia fechou em 1983 e o Jornal da Manhã continuou como o único em offset, agora com diagramação e planejamento gráfico. Como a fotografia passou a ser tratada a partir dessa mudança?

Neomil Macedo:

Com a diagramação, a fotografia passou a ter espaço nas matérias. As matérias de abertura de página sempre deveriam ter uma fotografia. Além disso, a gente passou a contar com fotógrafos como o Cleon Costa e o Mário Hirano. Então, com o Osni e eu que viemos do A Notícia, uma maior preocupação com a fotografia. Porque sem a diagramação, às vezes a matéria ia para a montagem do jornal e o pastapeiro nem sabia que tinha foto. Ele jogava a matéria na página. Mais tarde alguém via que não tinha sido reservado espaço para a fotografia, e aí a página já tinha sido montada. Então, na diagramação, a gente tinha essa preocupação. Então a matéria de abertura de página, que normalmente tinha grande chance de também estar na primeira página, então tinha que ter foto. Passamos a ter essa preocupação de estar trabalhando o jornal, as páginas internas, e já estar pensando na capa do jornal. Se você tem

uma foto de abertura boa na matéria, você também terá uma foto para a capa do jornal. Você sempre precisa estar com essa preocupação de pensar na capa do jornal.

Eder Carlos:

E sempre existiam fotografias boas para isso?

Neomil Macedo:

Os fotógrafos que tinha eram bons fotógrafos. Não tiveram uma formação de repórter fotográfico, mas sempre faziam boas fotos. Dentro das limitações que os equipamentos da época tinham, que o jornal também tinha. Os fotógrafos não trabalhavam com equipamentos próprios, mas com aquilo que o jornal fornecia. Então, dentro do equipamento que o jornal fornecia, eu acredito que eles faziam um bom trabalho.

Eder Carlos:

Na sua opinião, qual o papel da fotografia nos jornais?

Neomil Macedo:

Para mim é um elemento essencial do jornalismo. Você fazer uma matéria sem uma ilustração, sem uma foto, eu acho que ela perde muito como elemento de visualização do jornal. Ela dá mais força para a matéria. Você vai fazer uma matéria de um acidente, se não tiver uma foto do acidente, você perde credibilidade, pois com a foto você mostra que a coisa realmente foi grave. Você vai cobrir um jogo do Operária. Sem uma foto, futebol, esporte sem foto não existe. Para mim não existe. Não consigo idealizar uma página de esportes sem uma fotografia. Então ela é um elemento essencial na informação. Hoje em dia você trabalha com infográficos e tudo mais, são elementos que compõem a informação. Que vão trazer mais informações. A fotografia é um elemento essencial no jornalismo.

Eder Carlos:

Você lembra quando a informática tomou conta das redações e da diagramação dos jornais de Ponta Grossa?

Neomil Macedo:

Para mim, na segunda fase do jornal Diário dos Campos, 1999, 2000. Quando eu entrei no Diário dos Campos não tinha mais máquinas de escrever. Até quando eu trabalhei no Diário da Manhã, quando eu saí, não vou lembrar a data, ainda era máquina de escrever. Olivetti,

Remington. A parte de montagem do jornal já era em computador. Você escrevia as matérias na máquina de escrever, ia para a parte da composição e o pessoal digitava tudo novamente. Pegava a tua lauda, copiava tudo, para então ir para a montagem. Depois, com a informatização das redações, você já fazia a matéria no computador e a matéria já ficava pronta ali.

Eder Carlos:

Você lembrou que era feito na máquina de escrever, ia para a composição e depois ia para o past-up, mas isso quando a montagem da página já era feita no computador?

Neomil Macedo:

Não. Não era feito no computador.

Eder Carlos:

Ainda era o processo artesanal, de colagem etc.?

Neomil Macedo:

Colagem. No Diário da Manhã era tudo colagem. Não tinha o programa, que era o Pagemaker. O Pagemaker eu fui trabalhar, numa passagem muito rápida de uma semana, no Jornal da Manhã. Eu fiquei uma semana trabalhando com o Mário Martins, no Pagemaker. Em seguida já fui para o Diário dos Campos, trabalhar na redação, e não tive mais contato. Mas lá no Jornal da Manhã já tinha o Pagemaker.

Eder Carlos:

Qual a melhor fase econômica dos jornais por onde você passou?

Neomil Macedo:

Para mim, a melhor fase econômica foi no jornal A Notícia, em 1979 quando entrei, 1979, 1980. Foi quando o jornal conseguiu comprar a impressora, tinha toda a parte de fotolito, chapas, tudo com maquinário importado. Foi uma época muito boa do jornal. Por conta de comprar todos esses equipamentos, com dívida em dólares, e devido à crise econômica e uma maxidesvalorização da moeda da época, o jornal não conseguiu sobreviver. Mas ele, em 1980, teve uma fase muito boa. Mais tarde, no Jornal da Manhã, na época em que fui para lá, em 1984. 1985 até, digamos, 1988, também teve uma fase muito boa. Uma fase economicamente muito boa. E depois no Diário dos Campos, quando voltou, voltou com força total, numa fase muito

boa. O grupo empresarial, que veio de Apucarana, que comprou o título do jornal, eles investiram bastante no jornal. Então o Diário dos Campos teve uma fase muito boa.

Eder Carlos:

Havia investimento nos jornais de Ponta Grossa?

Neomil Macedo:

O único jornal que eu vi investimento foi no A Notícia. Onde eles compraram equipamentos. Como eu falei, chegaram a comprar uma impressora própria. E mais tarde no Diário dos Campos. Foi onde eu vi investimento. Investimento de você procurar melhorar o seu produto. Melhorar o jornal, melhorar o quadro de funcionários. A maior parte dos empregos que eu tive, começaram numa fase boa e depois foram caindo. O Jornal da Manhã, o jornal A Notícia, o próprio Diário dos Campos também. Chegou a uma fase que o jornal começou a regredir. Mandar funcionários embora, todas essas questões.

Eder Carlos:

Daria para dizermos que o jornal é um produto perecível, e de fato ele é, pois no dia seguinte perde seu valor notícia, a fotografia também é perecível?

Neomil Macedo:

A fotografia, não. Eu acredito que não, porque os arquivos dos jornais, eu creio que não deve haver arquivos de fotografias do Diário dos Campos e do Jornal da Manhã. Do Diário dos Campos eu sei que o Fábio Matavelho relatou que o dono do jornal pediu para ele se desfazer dos armários que existiam lá, com negativos e fotos. Para se desfazer. Então ele me ligou e eu entrei em contato com o diretor do Museu Campos Gerais, à época, que era o professor Paulo, perguntando se interessava ao museu o acervo de fotos do Diário dos Campos. Ele falou que sim, aí foi um carro lá, pegou e está no museu. Para ser catalogado, eu acredito. Arquivos dessa nova fase do Diário dos Campos, não da fase anterior, da fase dos linotipos. Dessa fase do Wilson Oliveira. Então, tem lá uma boa quantidade de negativos e fotos que, com certeza, dentro de algum tempo serão fotos históricas. De Ponta Grossa e da história da imprensa mesmo. Por isso eu acredito que a foto não é perecível. A notícia é perecível. A foto não, porque ela retrata um momento, um instante de um acontecimento e ela está ali. Se você preservar o negativo, a foto não é perecível não. Daqui a alguns anos ela ainda estará contando aquela história. O jornal é perecível nesse sentido que, para nós que trabalhamos em jornal, todo dia

você vai começar do zero. Você fez um jornal, deixou bonitinho, ele foi impresso, foi para a banca, mas você chega no outro dia na redação e tem que começar tudo novamente. Você começa do zero todo dia. O jornal é perecível porque uma edição suplanta a outra.

Eder Carlos:

Como o curso de Jornalismo influenciou a fotografia nos jornais?

Neomil Macedo:

A fotografia passou a ter uma importância maior nas redações a partir da abertura do curso de Jornalismo. Foi aí que se passou a ter essa consciência da foto jornalística. Antes isso não existia. Chegava no evento e batia uma foto. Pode ver, o Cleon Costa era um fotógrafo de estúdio que foi trabalhar no Jornal da Manhã. O Hirano, fotógrafo de estúdio que ia trabalhar no jornal. O Jefinho mesmo, que trabalhou no A Notícia e depois foi para a Universidade, ele começou a fazer fotos de eventos, casamentos, aniversário, e foi trabalhar no jornal. Então, qual era a formação deles? Quando faziam uma foto, qual era a concepção deles para a foto. Por que escolheram determinado ângulo? Eles batiam uma foto, mas não tinham consciência do que estavam fazendo, de qual era a finalidade daquela fotografia e o que ela representava. A partir do momento em que passamos a ter repórteres fotográficos, com a abertura do curso, passamos a ter fotógrafos com outra visão.

Eder Carlos:

Você foi das primeiras turmas do curso de Jornalismo, você diria que a formação, na época inicial do curso, era mais teórica, mais prática, havia equilíbrio?

Neomil Macedo:

Era mais prática. Não se dava tanta ênfase na questão de pesquisa, na questão acadêmica. Não se atinha muito à teoria. E era uma formação mais voltada para o jornal impresso. As primeiras turmas era jornal impresso, depois teve um pessoal que foi para a TV. Mas era mais voltado para o jornal impresso, mesmo.

Eder Carlos:

Você citou o Cleon, o Hirano e o Jefinho, que vieram do estúdio para o jornal. Você conseguiria fazer distinção entre as fotos que eles faziam e as que o Marilson, que não passou

por estúdio fez?

Neomil Macedo:

Dá para fazer, sim. O Marilson aprendeu a fazer fotos no dia a dia do jornal. Mas tinha fotos que era preciso mais abertura, mais exposição, sabe como é uma câmera analógica. Então, nem sempre a pessoa acertava. Às vezes só se sabia se a foto ficou boa na hora de revelar. Cansamos de ter eventos que foram feitas fotos, mas ficaram ruins e não deu para publicar. Isso aconteceu várias vezes. Fotos à noite, com flash, vieram fotos que precisaram ser derrubadas, como se diz no jargão.

Eder Carlos:

O equipamento gráfico e o equipamento fotográfico do Jornal da Manhã, influíram para boas fotografias, ou não?

Neomil Macedo:

Não. A impressora do jornal não era uma boa impressora. Era uma impressora plana, não uma rotativa. Podia ser uma boa foto, mas a qualidade da impressão não traduzia no material impresso. Então, se você tinha uma boa foto, mas a impressão não saía boa, imagina uma foto de qualidade ruim. A qualidade da impressão não ajudava. Por isso que o jornal A Notícia, quando começou e era impresso no O Estado do Paraná, a impressão era de qualidade excepcional. As fotos ficavam ótimas. A qualidade, o contraste, era perfeito. Já a impressão do Jornal da Manhã não permitia isso.